

A. RITA-MARTINS

# A AGUA-VENENO

(A ACÇÃO DA AGUA DO GEREZ)



LIVRARIA RODRIGUES & C.<sup>a</sup>  
RUA DO OURO, 118  
LISBOA



10450

---

**A AGUA VENENO**  
(A ACÇÃO DA AGUA DO GEREZ)

---

Impressão e distribuição em  
LISBOA, 1913  
Impressão da  
Livraria da Rua de S. Paulo, 107  
Lisboa

A AGUA VENENO  
A AGUA DA AGUA DO GEREZ

Composto e impresso na

IMPRESA BELEZA

Rua da Rosa, 99 a 107

— — LISBOA — —

# A AGUA VENENO

---

---

(A ACÇÃO DA AGUA DO GEREZ)

---

PELO EX-MEDICO ADJUNTO  
DAS TERMAS DO GEREZ

A. RITA-MARTINS

PROFESSOR DA ESCOLA COLONIAL,  
ANTIGO ASSISTENTE DA FACULDADE  
— DE MEDICINA, ETC. —



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE MEDICINA

RC  
MNCT  
6/5  
MAR

LIVRARIA RODRIGUES & C.<sup>a</sup>  
RUA DO OURO, 118  
LISBOA



## Umás termas ha seculos maravilhosas

A cerca de 450<sup>m</sup> de altitude, entre dois montes que vão a mais de 800<sup>m</sup>, na margem esquerda do pequeno curso d'agua chamado rio Gerez, a 45k<sup>m</sup> de Braga e a perto de 12k<sup>m</sup> da fronteira da Galiza, num vale de direcção norte-sul da Serra do Gerez, manam todas as nascentes da agua do mesmo nome do granito porfiroide, no sopé da colina oriental, numa pequena «mas importantissima povoação, importancia que lhe vem das aguas que ali brotam,» <sup>(1)</sup> na freguesia de Vilar da Veiga, no concelho de Terras do Bouro, no distrito de Braga.

Foram conhecidas desde a dominação romana, de que se admiram ainda os restos povoando aquelas pitorescas e encantadoras paisagens, particularmente no vale paradisíaco do rio Homem, como parte da calçada romana, a Geira, lhe chamam, que de Braga ia a Astorga, e aqui e alem muitos grandes marcos, com inscrições feridas pelo decorrer dos seculos, e lá se encontraram, junto das nascentes mais quentes, quando se fez a captagem das fontes, moedas dos imperadores Galiano e Constanco e dos primeiros reis de Portugal.

Mais tarde, no seculo XVII, teriam sido descobertas por uns pastores de Vilar da Veiga e do rio Caldo, sendo o cirurgião de Covide, aldeia proxima, Manuel Ferreira de Azevedo ou Manuel de Faria, quem as tornou a lançar na terapeutica.

Na monumental monografia, *O Gerez Thermal*, <sup>(2)</sup> do Prof.

---

<sup>(1)</sup> *Subsidios para o estudo das aguas termaes e potaveis do Gerez*, por Fernando Santos, 1903 — Ainda ha cerca de 40 anos, no Gerez não ficava ninguem no inverno. *Serra do Gerez* por Tude de Souza, 1909.

<sup>(2)</sup> *O Gerez Thermal*, por Ricardo Jorge, 1888.

Ricardo Jorge, que na elaboração das «compendiosas memorias que dedicou ao Gerez,» como ele proprio reconhece, (1) «consumiu tres anos,» citam-se Francisco da Fonseca Henriques, o doutor Mirandela, que no *Aquilegio Medicinal*, (1726) por via do qual foi o seu autor comparado por Fr. Manoel de S. Boaventura ao Anjo medico da *Piscina*, no *Aquilegio de Jerusalem*, vindo D. João V a sê-lo a Salomão, fala ele das Caldas do Gerez: «Encaixa-as no grupo das sulfureas e nitrosas e indica-as na cura dos estupores, parlesias, estuações e incendios dos hypochondriacos, achaques, do estomago, juntas e utero. É numerosissimo o concurso de enfermos que lhe acode todos os anos, a maior parte deles sem conselho de medicos; e uns bebem agua, outros tomam banhos nelas, fazerido covas por não haver tanques; acomodando-se em barracas; e alguns pobres, expostos ao tempo de dia e de noite, sem comodo nem cama e assim lhes aproveitam.»

O padre D. Jeronimo Contador d'Argote, nas *Antiguidades da Chancelaria de Braga*, diz que «muitos pretendem que são as melhores e as mais proveitosas de todas quantas ha em Portugal», notando a grande concorrência de enfermos e as pessimas acomodações das Caldas.»

O abade Antonio Martens Belleza, no seu *Metodo pratico para se tomarem as Caldas do Gerez*, (1763) donde foifregues vinte e tantos anos, «enfermo chronico do flato hypochondriaco» acha a agua muito cristalina e muito bem gostosa, «sem cheiro nem sabor a enxôfre. Aponta como achaques indicantes das Caldas do Gerez especialmente os estupores, flatos hypochondriacos, reumatismos e toda a serie de perturbações das visceras abdominaes abrangidas sob o nome de obstrucções e acrescenta, a proposito da falta das devidas prescripções medicas: como esta pungentissima verdade conserva ainda hoje por vergonha nossa toda a ma crueza. (2) Remedio só o ha nas Caldas do Gerez, onde o descobriu o autor.

Fr. Christovam dos Reis, nas suas *Reflexões experimentaes Metodico-Botanicas* (1779) diz: «As aguas destas Caldas do Gerez, constam de uma congerie de particulas salinas de diversos mineraes, conjuntas com terra subtil, cretacea, marcial, aluminosa, enramadas com materia bituminosa e adiposa sulfurea»!

«Os enfermos que padecerem de *estupor, paralysisa, hidropisia, gota, alporcas, rheumatismo, relaxação dos neryos, e*

(1) *A causa do Gerez*, 1912.

(2) *Idem*, Ricardo Jorge.

tendões, sciatica, tumores cirrosos e tofos, sendo gordos e fleugmaticos, tomarão os banhos do Forte e Contraforte.

Os que padecerem de obstrucções no *figado, baço, e mesenterio, crispaturas de fibras, turbações de cabeça, gota insipiente, paralysisa espuria, reumatismo, falta de respiração, flatos hypochondriacos, hemorroidaes, ardores d'ourina, disurias, paixões histericas, neuphriticas*, tomarão banhos no tanque da Figueira, ou no do Figado temperado com agua da Bica. Os linfaticos que padecerem as queixas *referidas ou Debilidade de utero, do estomago, cataratas, esterilidade, fistulas do entrefeminio e do lagrimal* tomarão os banhos da Bica. «Os chaguentos, leprosos e ascorosos banhavam-se no rego das vertentes.» Indica especialmente a bebida como de bom efeito para as *Debilidades do estomago, Dores internas, flatos, Obstrucções, Asmas, Escrofulas e faltas de purgação mensal.* «Aconselha a agua de Santa Luzia, tambem mineral, que rebenta acima do Forte: esta agua, diz o Prof. Ricardo Jorge, ainda hoje goza da fama oftalmoterapica que lhe creou o bom do frade.»

Joaquim Vicente Pereira d'Araujo, no manuscrito *Diario Philosophico da Viagem ao Gerez* (1782). Viu «os doentes pobres, descalços, e despídos, unicamente com a cabeça entrapada, e o corpo coberto com capote, irem de suas casas, que são mais remotas, tomar banhos em horas pouco convenientes e da mesma maneira sujeitos a constipações recolherem-se.»

O Dr. Jose Pinto Rebelo de Carvalho, na sua *Noticia do Gerez e das suas Aguas Thermaes* (1848) diz: «O cirurgião que residia em 1828 disse-me que estas aguas aproveitavam em banho e bebida nos cloroses e leucorreias, tambem as gabou nas doencas dos rins, areias, calculos, etc.» E o sagasissimo e erudito prof. João Ferreira, criticando, lembra quanto eram notorias as virtudes do Gerez «nas inflamações cronicas das visceras abdominaes, ainda mesmo acompanhadas d'antigas hipertrofias ou physconias, e até de derrames serosos, na cavidade.»

Quanto ás matas, ás montanhas, aos pontos de vista dos pincaros da Serra, que apresenta altitudes superiores a 1500,<sup>m</sup> são dos mais belos e grandiosos que a natureza oferece, sendo as aguas potaveis muito finas, frias (cerca de 15º) e agradaveis.

«Viajante algum, diz Link, <sup>(1)</sup> percorrerá sem grande prazer

(1) Da *Viagem em Portugal* (1800) por Link, professor de Sciencias naturaes da Universidade de Rostock, autor, com o Conde de Hoffmannsegg, da *Flora Portuguesa*.

Estes dois ilustres prussianos, que vieram a Portugal em 1797, permaneceram entre nós mais de dois anos, tendo-se Link demorado um mez no Gerez.

estes sitios encantadores que ás belezas de um clima quente reúnem a frescura de um clima do Norte. Nas margens do Lima, perto d'aqui, os soldados romanos recusaram-se a seguir o capitão; com pezar deixavam este formoso paiz. Chamaram os romanos ao Lima o rio Lethes, o rio do esquecimento. Rio Caldo, Cavado, Homem e todos merecem este nome característico; o encanto que eles comunicam ao paiz faz esquecer as florestas da nossa patria e até as da Inglaterra. «Região alguma, diz ainda a Prof. Ricardo Jorge, lhe desperta em Portugal tão saudosas impressões, nem a agigantada Serra da Estrela, que ele percorre friamente, ferido do contraste agreste com as belezas incomparaveis do Gerez.»

Estas impressões de um homem do norte, sentem-nas igualmente os meridionaes e já eu tambem assim as expremira relativamente ao paralelo com os nossos Herminios. É com efeito um mixto de gradeza e de magestade, essa Serra que Link achou selvagem, e que assim contrasta com os encantos dos vales que a rodeiam e que todos os que apreciam a natureza devem visitar.

O clima é sub-alpino, com uma pressão atmosferica media de 732,mm<sup>(1)</sup>.

Coube ao rei Magnanimo, o senhor D. João V, a iniciativa da construcção, «á custa dos povos» reza a lapide gravada no granito, dos primeiros poços ou tanques, duma capela<sup>(2)</sup> e dum hospital de que apenas se lançaram os alicerces, como tambem, mais recentemente, á esquerda da estrada que vem de Braga, por iniciativa do malogrado Dr. Augusto Santos, se chegaram a levantar as paredes, que ainda lá estão, mortas com o falecimento permaturo de seu irmão, o Dr. Fernando Santos, á espera que a acção do tempo as derrua.

As nascentes, propriedade do Estado, teem, vindo do norte, os nomes de *Santa Luzia*, *Mendes*,<sup>(3)</sup> *Forte*, *Contra-forte*, *Aguas Novas*, *Figueira*, *Duas Bicas*, *Figado*, *Bica*, *Almas* e grupo da *Telha*, emergindo directamente do granito, e indo a sua temperatura de 20° a 47°5, com 42°5 a *Bica*, e 25°3 a da *Telha*, excedendo o caudal 100.000<sup>l</sup> e tendo sido avaliada em 180.000<sup>l</sup> nas 24 horas. As nascentes de *Santa Luzia* e da *Telha* ficam em nivel mais elevado que as restantes.

(1) Idem, Ricardo Jorge.

(2) O Gerez não tem cemiterio; exporta os seus mortos para o de Vilar da Veiga e as aguas, especialmente para a Metropole, Colonias e Brazil.

(3) Em homenagem a um antigo socio da Empreza, falecido, e talvez aquista.

Uma conclusão se impõe, diz o Prof. Ricardo Jorge, o feixo hidro-mineral do Gerez é duma e mesma agua. «As diversas fontes, diz o Dr. Augusto Santos, <sup>(1)</sup> são apenas saídas secundarias do principal manancial thermal, junto da nascente Forte.» Em resumo, são aguas irmãs — diz o Prof. C. Lepierre.

«Quando o granito se fendeu até ás entranhas da terra, vomitando o dike de injeção, nesse remoto dia das edades geologicas, ficou organizada a hidraulica do Gerez.» <sup>(2)</sup>

É o caudal diario da Bica, «a agua maravilhosa da estancia» <sup>(3)</sup> «á qual o Gerez deve hoje toda a sua reputação», «o paladio do Gerez, «que como remedio não tem dinheiro que o pague», <sup>(4)</sup> a fonte consagrada das Caldas, que exclusivamente fornece agua para uzo interno e é avaliado em 24.000<sup>1</sup>, que excede.

Tambem, no Gerez, se uza, como agua de meza, a agua da *Telha*, de 500 a 1000 grs, ás refeições.

As aguas são limpídas, inodoras, incoloros e insipidas, apenas apresentando cheiro levemente sulfidrico a Forte e do Contra-Forte, e oferecem depositos de fluorina e estalactites de silica e de fluoretos.

Fizeram-se muitas analyses quimicas das aguas mineraes do Gerez e por diversas vezes a Academia das Sciencias de Lisboa pôz a premio a sua analyse «que largos anos enredou medicos e quimicos.» <sup>(5)</sup>

Consideradas sulfureas pelo Dr. Mirandela e outros; gasosas, mineralizadas pelo acido carbonico e ferro pelo Dr. Francisco Tavares (1810); pelo ferro e hidrogenio carbonado, pelo Dr. Fonseca Benevides (1830); pela *soda* e pela *silica* pelo Dr. Rebelo de Carvalho, (1836-1848); comparadas ás siliciferas dos *geysers* da Islandia pelo Prof. Oliveira Pimentel (Visconde de Vila Maior) que fez a sua analyse qualitativa e quantitativa (1851); analizadas por Agostinho Lourenço (1866) <sup>(6)</sup> pelo Prof. Manuel Nepumoceno que não lhes encontrou nem o ozone nem o arsenico que o malogrado Dr. José An-

<sup>(1)</sup> *As Caldas do Gerez*, por Augusto Santos, 1901, a outra excelente monografia do Gerez.

<sup>(2)</sup> *Caldas do Gerez-Guia Thermal*, por Ricardo Jorge, 1891.

<sup>(3)</sup> *Relatorio sobre a inspecção medica ás aguas mineraes e suas estancias* em 1902 por Joaquim Antonio dos Reis Tenreiro Sarzedas, 1903.

<sup>(4)</sup> *A Causa do Gerez*, 1912.

<sup>(5)</sup> *Aguas mineraes*, por Tenreiro Sarzedas, 1907.

<sup>(6)</sup> O Prof. Ricardo Jorge põe em duvida que, de facto, esta analize tivesse sido feita.

tonio Marques lhes attribuia (1867 e 1884); até que, em 1885, Adolfo de Souza Reis descobre a dosea o fluor na agua do Gerez, onde o sr. Emilio Dias tambem o encontrou, mas não doseou.

A analize de Souza Reis veiu julga-las unicas, entre nós, diz o Dr. Tenreiro Sarzedas, como já vinham de o ser ha muito pelos seus efeitos therapeuticos.

As ultimas analizes quantitativas <sup>(1)</sup> pouco diferem da de Souza Reis. Eis as analizes das tres fontes mais conhecidas :

	Bica	Forte	Telha
Sulfato de potássio.....	0,004931	0,006142	0,003746
» » sódio.....	0,010590	0,007856	0,007579
Cloreto » » .....	0,021308	0,040144	0,020630
Brometo de » .....	0,000028	0,000024	0,000017
Iodeto » » .....	0,000012	0,000005	Vestigios
Fluoreto » » .....	0,026745	0,016801	0,006716
Arseniato » » .....	0,000017	0,000017	0,000017
Borato » » .....	0,003659	0,002031	0,002286
Bicarbonato de sódio.....	0,141739	0,145424	0,048844
» » lítio.....	0,002989	0,003268	0,001288
» » cálcio.....	0,015553	0,010649	0,011386
» » magnésio.....	0,002048	0,000556	0,002903
» » manganésio.....	0,000565	0,001734	Vestigios
» » bário.....	0,000075	0,000009	Vestigios
» » estrôncio.....	0,000030	0,000004	0,000013
Óxido de ferro e alumina.....	0,000214	0,000280	0,000926
Ácido metassilícico.....	0,112668	0,108875	0,055370
	0,343171	0,343819	0,161721
Ácido carbónico livre.....	0,024012	0,014557	0,004170
Mineralização total.....	0,367183	0,358376	0,165891

A analize bacteriologica, segundo o Prof. Souza Junior, <sup>(2)</sup> que a fez das nascentes da Bica, Forte e potavel da Fonte publica, em 1902 e o Dr. Fernando Santos, dão as aguas medicinaes das nascentes *Bica, Forte, Contraforte e Telha* como *muito puras*, bem como as aguas potaveis da Farmacia e Fonte publica e pura a da Hospedaria portuguesa. Estas, diz o Dr. F. Santos <sup>(3)</sup> «são aguas purissimas algumas, como diz o sr.

<sup>(1)</sup> «As aguas Thermaes do Gerez—Memoria-Estudo quimico e bacteriologico, por A. J. Ferreira da Silva e José Pereira Salgado, sem data.

<sup>(2)</sup> «Aguas mineraes, Tenreiro Sarzedas, 1907.

<sup>(3)</sup> «Subsidios para o estudo das aguas thermaes e potaveis do Gerez, por Fernando Santos, 1903.

Prof. Ricardo Jorge, rivalizando em mineralização com a agua destilada». O Prof. Charles Lepierre considera *purissimas* as que analisou. (1)

As aguas do Gerez classificam-se pois *meso e hiperthermaes*, (2) *oligosalinas, alcalinas, silicatadas, fluoretadas e carbonatadas sodicas* e levemente sulfidricas as do Forte, Contraforte, e Aguas Novas e radioactivas e purissimas, tendo sido avizinhasdas de Plombières, Schlangenbad e Gastein, mas muito fluoretadas.

Quanto á posologia, estatue o Dr. Augusto Santos: (3) «Ordinariamente o doente toma duas doses em jejum»; «por vezes o numero de doses vai a 4, 5 ou 6 em jejum, quando a total diaria tem de ser elevada. Em certos casos repete-se a bebida antes de jantar». A quantidade, por doses é muito variavel, indo a 200 grs; a quantidade diaria chega a 1000 grs. «ou mais.»

Geralmente começa-se por doses de 60 grs. cada, tres vezes de manhã e duas de tarde, com intervalos pelo menos de meia hora, augmentando-se mais ou menos rapidamente, conforme a natureza da doença. Nas cirroses «duma maneira geral, a cura deve ser mais prolongada, prescrevendo-se doses que vão geralmente até 100 grs» (4) e segundo o Dr. A. Santos a 150 e 200 grs.

Na litiasi biliar as doses não devem ser minimas e não podem deixar de ser elevadas na obesidade.

(1) «Análise-química e bacteriológica», por Charles Lepierre, 1925.

(2) «Os partidarios encartados que por lá assentavam os penatos galenicos na sasão balnear, no discurso de mais de um seculo, eram de uma nesciedade descompassada. Fortes em Curvo e quejandos autores, pertenciam á já quasi extinta falange dos *cirurgiões — idiotas* formados na enfermagem hospitalar e diplomados por provisão. «O seu ascenso scientifico chegou apenas ao termometro, que traziam sempre na mão, a pesar as aguas muito sacramentalmente. «O povo ficou lá chamando á sabia operação pesar as aguas. «No encalço dum observador benemerito, a pesagem das aguas serviu de certidão a muito medicastra das Caldas».

Hoje, não se pesam já as aguas. Mas investiga-se cuidadosamente o signal de Abrahams: «O doente em decubito dorsal, determina-se o ponto situado a meia distancia do umbigo e da nona cartilagem costal. Profunda-se aê bruscamente o index e o medio da mão direita. O paciente acusa logo uma dor muito aguda, como se o tivessem tocado com um instrumento picante.»

(3) As caldas do Gerez, por Augusto Santos, já citado.

(4) Relatório clinico da Estação de 1923, por M. A. Soeiro de Almeida, 1924.

# GEREZ

Bilhete de inscrição no registo clinico N.º 2084 1.<sup>a</sup> classe para o Ex.º Sr. Emmanuel  
de Sousa Albuquerque

## ÁGUAS

Dia	Nascente	N.º de doses	Quantidade por cada dose	Horas
1.º	<u>M</u>	<u>6</u>	<u>40</u>	<u>7h 30m</u>
2.º			<u>40</u>	
3.º			<u>40</u>	
4.º			<u>40</u>	
5.º			<u>40</u>	
6.º			<u>40</u>	
7.º			<u>40</u>	<u>12h 30m</u>
8.º			<u>40</u>	
9.º			<u>40</u>	
10.º			<u>40</u>	
11.º			<u>40</u>	
12.º			<u>40</u>	
13.º			<u>40</u>	
14.º			<u>40</u>	
15.º			<u>40</u>	
16.º			<u>40</u>	
17.º			<u>40</u>	
18.º			<u>40</u>	
19.º			<u>40</u>	
20.º			<u>40</u>	
21.º			<u>40</u>	
22.º			<u>40</u>	
23.º			<u>40</u>	
24.º			<u>40</u>	
25.º			<u>40</u>	
26.º			<u>40</u>	
27.º			<u>40</u>	
28.º			<u>40</u>	
29.º			<u>40</u>	
30.º			<u>40</u>	

## BANHOS

Imersão a 36 durante 25 minutos.

### DUCHE A

1000 cc (2-10) 3x/dia

### DUCHE B INTESTINAL

### DUCHE E INTESTINAL E VAGINAL

20-30

### ANALISE N.º

Gerez, 12-8-1922

ÁGUA DA TELHA

ÁGUA DO FORTE

Bilhete de inscrição no registo clínico N.º 260

AGUAS

Dia	Nascente «BICA»	N.º de doses	Quantidade por cada dose	Horas
1.º	Bica	4	30	8/19/115/116
2.º			40	
3.º			50	
4.			"	
5.			60	
6.º			"	
7.º			70	
8.º			"	
9.º			80	
10.º			"	
11.º			90	
12.º			100	
13.º			"	
14.º			80	
15.º			"	
16.º			60	
17.º			"	
18.º	Pílulas Laxativas			
19.º	Tomar 2 as deitar			
20.º				
21.º				
22.º				

Água da «TELHA»

até 1/2 gr. de auro.

Água do «FORTE»

1.ª classe para o Ex.º Sr.

Felix de Castro

BANHOS

Imersão a 36° durante 15' minutos

Duche A

j.º. abd - 39° - 1/2 j.º. esc (2' - 1/2)  
j.º. per. per. anal

Duche E Intestinal

35° - 0' 00"

Duche E vaginal

39° - baixa pressão

ANALISE N.º

Gerez, 2 / 2 / 192

*[Handwritten signature]*

Boletim em que se deve notar a tendencia para reduzir o numero e as doses da agua, com banho de imersão, duche, enteroclise, duche vaginal, já só meio litro de agua da Telha e duas pilulas laxativas ao deitar.

«A duração da cura vai ordinariamente de 20 a 30 dias. (1) «Um preconceito publico attribue ás aguas do Gerez uma energia ou nocuidade tal que levou muitos doentes e alguns medicos a cingirem-se a goles de agua e a curas minusculas de 10 a 15 dias! Num opusculo ha pouco publicado sobre aguas mesothermas portuguezas pretende-se arreigar esse absurdo, de *aguas fortes e aguas brandas* attribuindo ao Gerez efeitos drasticos em pequenas doses... «Doentes ha no Gerez que ingerem um litro de agua por dia sem sentirem irritação intestinal; outros teem feito curas de 50 dias sem que o seu intestino sofra crises violentas».

Eis o resumo das *indicações terapeuticas* geraes da Agua do Gerez: Nas doenças do *figado, baço, estomago, intestino, rins*, na *obesidade, diabetes, reumatismo, neurastenias, nevroses e molestias utero-ovaricas*.

*Especialisação*: «A sua aplicação é considerada como *heroica* nas doenças do figado e nas que com estas se relacionam, especialmente a diabetes.»

Eis as indicações terapeuticas, segundo o excerpto duma das ultimas publicações emanadas da Empresa das Aguas do Gerez:

(2) «Doenças da nutrição (obesidade, gota, diabetes artriticas, litiases renaes, urica e oxalica), dispepsias dolorosas e atonias gastro-intestinaes.

*Heroicas nas doenças do figado e das vias biliares*. Reumatismo, esplenomegalia e anemia palustre, entero — neurose mucomembranosa, neurastenias, alcoolismo, eczemas e molestias utero — ovaricas.»

Porem, o capitulo completo das suas indicações é consideravelmente extenso, como vamos ver: (3)

A especialidade do Gerez, «em que este não admite partilha» está nas *doenças do figado*. «Toda a serie de desordens funcionaes e organicas deste orgão,» a simples *hepatose*, verdadeira atonia hepatica, confundida com os estados dispepticos; a *ictericia simples* ou de *repetição, catarral, biliar, infecciosa, angiocholite, cholecystite, litiase biliar*, as diversas *congestões do figado*, de origem *alimentar, alcoolica, palustre, tropical, infecciosa*, (*consecutivas, á febre tifoide, etc.*) *diabeticas, as cirroses do figado, palustres, congestivas, biliares, ou alcoolicas*; as

(1) *As Caldas do Gerez*, por Augusto Santos.

(2) *Termas do Norte de Portugal*, 1923.

(3) *Portugal — Caldas do Gerez — Estabelecimentos Thermaes e hidrologicos — Aguas medicinaes Indicações sobre o seu uzo na origem e no domicilio*, 1898, etc., outras obras citadas.

doenças do baço, engorgitamentos, etc., onde a cura pelas aguas do Gerez é tão util como nas doenças do figado; as *perturbações funcionaes, pancreaticas* e nas lesões *susceptíveis de resolução*; os *espasmos do esofago* e do cardia, *mericismo* (ruminação) *eructação nervosa*; as *doenças do estomago, a dispepsia atonica, a dilatação do estomago, as gastralgias, as nevroses gastricas*, todas as mais formas de *dispepsias e catarro gastrico, gastrite cronica, catarral, parenquimatosa, intersticial, alcoolica, hiperpeptica, e hipopeptica*, e, sendo instituida a tempo, na profilaxia da ulcera; nos *vomitos nervosos da ataxia locomotora*, etc., na *anorexia nervosa, bolimia, pica e malacia, nas doenças dos intestinos dispepsias intestinaes e gastro intestinaes* de origem *hepato pancreaticas*; a *atonía, enteralgia, as enteroptoses, as dilatações e os espasmos*; na *constipação ou prisão de ventre, na dilatação cecal, nas diarreias nervosas, e criticas, na litíase intestinal e enterites cronicas, nas doenças dos rins* «salvo nas nefrites,» sendo curaveis no Gerez: a *albuminuria digestiva, do figado, ou de nutrição geral*; a *litíase renal*; na *doença de Addison, na acromegalia*; nas *doenças geraes no artritismo, na obesidade, na gota dos dispepticos e calculosos do figado*, «com casos inscriptos nos seus registos, mesmo na gota «avançada,» *articular ou cronica, mais nos acessos visceraes e nas periartrites gotosas e gota avançada tofacea*; na *glicosuria, dando «resultados curativos» excepção apenas da diabetes grave ou magra*; no *reumatismo e obstruções*, de que os aldeões vinham curar-se nos velhos poços ou tanques de D. João, V <sup>(1)</sup> no *reumatismo articular ordinario, sub-agudo e cronico, sinovial, fibroso, abarticular*; nas *localisações nervosas e espinhaes — reumatismo nevropatico*; nas *visceralgias reumaticas, localisações digestivas e hepaticas* «estados morbidos que ficam subordinados especialmente ás termas gerezianas;» nos *acidentes consecutivos a lesões traumaticas — articulares e osseas (contusões, entorses, luxações, fracturas, signovites, etc., sendo, em todos os casos o beneficio bem manifesto e indo por vezes até á cura efectiva; nas molestias nervosas, que teem no Gerez a sua mais adequada termo-terapia, as neurastenias, os estados hypochondriacos, as desordens psiquicas presas a perversões do estomago e figado, «a histeria visceral, o neuro — artritismo, como muitas neurastenias, histerias, sciatica, micranias, n'algumas myelites em começo, parálizias e atrofias musculares de origem nevrosica ou periferica, etc.; nos restos de lesões cerebro-medulares, e contracturas diversas como a chorea;*

(1) Onde, no entanto, aquêlê monarca nunca foi, nem de que já mais ez uzo.

no *beri-beri* e suas sequelas *paralíticas* que se «beneficiam rapidamente» no Gerez; as molestias *utero-ovaricas*, com os seus estados catarraes e fluxionares, com as suas desordens *menstruaes*, e variadas manifestações digestivas, nervosas e nutritivas «fornecem um contingente á serie de curas do Gerez; em dois casos de *eczemas chronicos* rebeldes foi a cura pela balneação tão rapida e completa que não se pode deixar de considerar-la indicada em casos analogos, e «enfim, em certas erupções cutaneas atribuidas á viciação da digestão e auto-intoxicação de origem gastro-intestinal, que indicam ainda a cura externa e interna.»

«Os peregrinos do Gerez vão recrutar-se em todos estes *detraqués* das entranhas, candidatos ás mais graves falencias organicas» — mas ainda ha mais: «os exitos obtidos pela medicação gereziana <sup>(1)</sup>, numa serie de pequenas doenças designadas pelo sintoma dominante, a *constipação de ventre chronica*, certas formas de *entero-colite*, *falsa angina de peito*, etc., explicam-se principalmente por duas razões:

1.<sup>a</sup> Pela acção especifica destas aguas sobre a celula hepatica, tonificando-a, e regularizando todas as suas funções: bilfár, uropoietica, glicogenica, metabolica das gorduras, uricolitica, antitoxica, colesterica, reguladora da tensão portal, fibrinogenica, marcial e termica. 2.<sup>a</sup> Pela interferencia do figado na patogenia daquelas numerosas afecções; «e em mais uma doença chronica do figado de lenta evolução, «caracterisada por uma insuficiencia funcional, hereditaria ou adquirida, da celula hepatica» com «uma simptomatologia propria a que Glenard chamou os pequenos signaes do *hepatismo*;» e «a *entero-colite muco-membranosa* vai fornecendo uma clientela muito regular ao Gerez»: no seu «tratamento dá esplendidos resultados a enteroclise com agua do Forte, que goza de grandes virtudes terapeuticas.

«Esta agua hipertermal (47<sup>o</sup>) hiposalina, silicatada, fluoreta e muito radioactiva tem uma especialisação particular naquella afecção. Ela exerce uma acção sedativa local indiscutivel sobre as crises dolorosas do abdomen, combatendo o espasmo intestinal. «A cura gereziana tem como característica uma acção sedativa manifesta». — «E' mais uma nova applicação terapeutica das aguas do Gerez, de efeitos absolutamente seguros e até agora desconhecidos». <sup>(2)</sup>

Como facilmente se vê pelo indice do mais completo

(1) *Empreza das Aguas de Gerez — Relatorio clinico da estação de 1923*, por Manoel Antonio Soeiro d'Almeida.

(2) Entrevista concedida ao jornal *A Epoca*, em 19 de agosto de 1925.

compêndio de *Patologia*, poucos capitulos escaparam a este quadro: desde as doenças parasitarias ou pelo menos das suas manifestações, ás outras até agora consideradas como avitaminoses, como o beriberi, sendo preventiva nas... restantes.

Trata-se, pois, de uma autêntica panacea, que os proprios medicos que a frequentam e uzam se apressam a reconhecer como tal, e quadra-lhe inteiramente o letreiro que reclamava as aguas de Fitero: <sup>(1)</sup>

Esta agua todo lo cura  
- Menos galico y locura.

Aproveitando o momento, para prestar o meu respeito aos medicos que, como prova da sua honestidade não incluíram nestas indicações «os empobrecimentos de sangue e as anemias», como J. A. Marques pretendia, quero aqui acentuar que nem por sombras ponho em duvida a boa fé de colegas illustres e competentes, mas ninguem me pode negar o direito de contestar e o dever de interpretar como adiante veremos, os resultados definitivos, e não só nestas indicações tão numerosas e heterogeneas.

## II

### “Vox populi...”

Como consequencia desta terapeutica *tapageuse*, <sup>(2)</sup> não são para admirar os atestados cheios de fé que, para amostra, respigamos, de medicos e profanos:

«Conhecedor *a priori* da eficacia das aguas termais do Gerez... pelo que vira relatado... e pelo que ouvira da boca de colegas competentissimos, aceitei de bom grado com a maxima confiança, o bom conselho vindo ao Gerez... — Ramiro Guedes, medico em Abrantes.

Confesso que era grande o desanimo de que vinha possuido, a julgar pelos *pequenos beneficios no ano anterior*. Pois «em poucos dias» senti tais melhoras que se elas persistirem julgarei justificada a legenda das Aguas do Gerez *Aigri surgunt sani...* Os seus efeitos traduzem-se no principio por *excitação geral que impede muitas vezes o sono...* — Narciso de Oliveira, medico do Lazareto.

<sup>(1)</sup> Joanne, *Les Bains d'Europe*, citado por Ricardo Jorge.

<sup>(2)</sup> Pécholier, idem.

«As aguas são as unicas em que, sob o ponto de vista terapeutico, se pode ter uma confiança *absoluta*, pois são as unicas, *quando usadas com metodo*, de que se obtem uma *cura completa*, como em mim o reconhecimento». — Dr. Porfirio Teixeira Rebelo, major-medico do quadro de Angola.

Tive eu o prazer de conhecer este distinto colega, muito competente, e o dever de o observar 25 anos depois, em 1923: muito pior do seu figado, congestionado, e com as conjuntivas nitidamente amarelas, estado que não se modificou com o tratamento.

Apoz uma exposição compacta de duas paginas. «Vim este ano de novo ao Gerez porque não me considero curado; ainda é cedo». — Julio Trigo, medico em Fozcôa.

«E cá vim... Estação de montanha, uma admiravel situação topografica... E sem duvida que dentro em pouco, *mais nitidamente esclarecidas as indicações terapeuticas*... — Carlos Belo Moraes, medico municipal do Crato.

«O unico remedio eram as aguas do Gerez — declarou com a franqueza que lhe é habitual o Dr. Mattos Chaves. — Joaquim Alves de Sousa Junior escrivão e tabelião em Almada e sua esposa (1)

«Continuo (?) usando-as todos os anos, mesmo para recreio e distracção. — Romão Gomes Durão.

«O resultado que colhi foi excelente sob todos os pontos de vista e para todos os meus sofrimentos... não tornando a ter colicas. E o que parece extraordinario estava quasi curada... Desde a magnifica *cura* do ano passado até á vinda este ano para o Gerez, apenas tive duas colicas... — Adelaide Ramires Correia, de Lisboa.

«Pareceu-me, porem, que não faria mal em voltar... graças ás optimas condições alimentares desta estancia, á excelencia dos bons ares, que aqui se respiram, puros e ricos de oxigenio e azote, á sua agua potavel, das mais frescas e finas que se conhecem, ao uso interno da sua abençoada agua termal, e aos seus banhos». Estou convencido de que é ao conjunto de todos estes factores, auxiliados pelo exercicio e pela dieta, que se devem as milagrosas curas que continuamente se dão nos que sofrem padecimentos para que é aconselhado o tratamento gereziano — Visconde de Monte Bello, Doutor em medicina pela Faculdade de Montpellier e clinico no Funchal.

«O que posso afirmar é que são umas aguas santissimas. — Tereza da Conceição Pereira de Sousa.

«Pela terceira vez visito o Gerez... «Os estados congestivos do ovario e do utero são curados ou melhorados no Gerez. — Bernardino José de Oliveira, chefe do serviço de saude de Cabo Verde.

(1) *Portugal — Caldas do Gerez — Estabelecimentos thermaes e hydrotherapicos* — Aguas medicinaes — Indicações sobre o seu uzo na origem e domicilio, 1898.

(2) Idem, Atestados de 1898-1899.

«Mas a água termal *«de singulares e curiosos efeitos* e ministrada interna e externamente, as construções elegantes luxuosas mesmo, onde ela é aplicada em quasi todas as formulas hidroterapicas, abriu um largo e benefico campo aos verdadeiros doentes, que veem aqui encontrar a saude e grande numero deles a vida. Toda uma legião... a cohorte dos dispepticos, dos gastos, dos fatigados saem daqui *alegres* por deixar as fragas (não se passam impunemente vinte dias de regimen dietetico severo, fóra dos habitos quotidianos) mas *gratos e protestando voltar*. E é assim que a corrente tende a augmentar, tanto mais que no paiz outra não existe como a *misteriosa* agua da Bica. — Carlos Pina Malhado, medico na Chamusca.

«Trazido pela polysarcia (obesidade) de ha muito me tinham chamado a atenção;» e antes de partir, para a Republica Brasileira experimento a sua acção medicamentosa. — E o que a fama publica apregoava não teve desmentido. ...Sofreram estimulação viva e enérgica. De resto, o belo clima, a pureza dos ares, e o pitoresco da região, convidam o doente a permanecer nesta estancia e dispõem-no agradavelmente. — Belmiro Braga, medico no Rio de Janeiro.

«A' declaração por mim feita em 1897 tenho agora a acrescentar... persistindo todavia a entero-colite muco-membranosa. Estas melhoras são indubitavelmente devidas ao tratamento gereziano, que acabo de fazer pela terceira vez, acompanhado por um regimen alimentar apropriado e indispensavel a quem sofre de tal doença. — Antonio Gonçalves da Cunha Ferrão, medico municipal em Benavente.

«Estas aguas alem dos seus efeitos beneficos e *singulares* teem a tonificar os organismos depauperados a pureza dos seus ares. — Manuel Vicente Ramos, medico em Elvas.

«Agouro á Empreza um futuro tão brilhante como prospero, pois confio que as Caldas do Gerez virão a ser no seu genero *as primeiras da peninsula, senão da Europa*. — Nicolau A. Camolino, medico militar em Lisboa.

«Volto aqui este ano, muito melhor dos meus antigos padecimentos, e espero dever ao uzo destas aguas o meu completo restabelecimento. — Antonio Alves Couto.

«As aguas termas do Gerez não necessitam de reclames. A sua reputação está feita pelo *avultado numero de medicos* que de todas as partes do paiz aqui veem fazer uso delas, convictos da sua eficaz acção terapeutica e pelos centenaes de individuos que daqui tiraram, uns melhorados e a maior parte completamente curados. ...«As aguas do Gerez são um verdadeiro especifico de quasi todas as doenças do figado; a sua acção benefica não se encontra menos clara e *maravilhosamente* na litíase renal, nos engorgitamentos do baço, nas dilatações do estomago, nas gastralgias, nos diversos estados dispepticos, nas obesidades e finalmente, em muitas outras doenças, que nas outras termas *não são combatidas com melhores resultados*. *As termas do Gerez, repito, teem a sua reputação feita; não teem rival no paiz, nem mesmo na Europa*, e por isso o seu futuro não pode deixar de ser largo e brilhante. — Jeronimo Gonçalves Ribas, medico municipal em Belas».

Em todos estes atestados são applicados ás aguas os adjectivos «milagrosas», «santissimas», «abençoadas», «maravilhosas», «celebres», a par de «singulares», «extraordinarias» e «misteriosas».

Outros vão dizendo: «Fui procurar, e se não ás aguas, na localidade, o alivio aos meus sofrimentos... Não alcancei tudo o que poderia desejar nas minhas circunstancias morbidas». <sup>(1)</sup>

Como vão já longe os tempos do Prof. Ricardo Jorge. «Não; a salutifera estancia não tem a impudencia de pela minha boca se avocar foros de panaceia». «Artificiar estatisticas impossiveis de armar scientificamente, tanto em nosografia como em terapeutica, arredei-me de faze-lo; ao espirito são dum clinico essas innumerações etiquetadas não teem valor e os mais severos hão-de condena-las. D'atestados, então, não falemos por pudor». <sup>(2)</sup>

«As termas do Gerez, dizia o ultimo medico, — repito, teem a sua reputação feita.

«O estabelecimento thermal do Gerez é dos mais afamados de Portugal» — diz o Dr. Alfredo Luiz Lopes, <sup>(3)</sup> e podia mesmo dizer, sem favor, o mais afamado.

— Porquê?

Professores e medicos illustres dirigiram, descreveram e explicaram brilhantemente a sua acção terapeutica, desde o Dr. José d'Andrade Gramacho, o «premitente clinico, freguez das Caldas». «O consultorio do sabio professor foi o foco do renascimento do Gerez», «de que fizera por assim dizer a criação terapeutica». A reputação do Gerez espalhou-se então de boca em boca, conquistou a capital e o sul do paiz, as colonias africanas e o Brazil. As levas de enfermos cresciam de ano para ano», como «peregrinos em toque de viatico, remidos da eminencia da hora extrema». «Os milagres foram taes e tantos que a chusma dos enfermos cada vez mais se aglomerava no desabrigado covão da Serra... <sup>(4)</sup> O Gerez entrava na sua epoca de ouro, vingando-se do olvidio momentaneo na gloria presente por todos reconhecida. Desde 1882 que se abriam hoteis e nenhuma estancia thermal possui tantos em relação com a sua extrema frequencia».

(1) «*O Gerez presente e futuro*», por José Antonio Marques, 1884.

(2) *Guia thermal do Gerez*, por Ricardo Jorge.

(3) *Aguas minero-medicinaes de Portugal*, por Alfredo Luiz Lopes, 1892, em cuja bibliografia se cita, a proposito do Gerez, *Boeder Lexikon*, pelo Dr. R. Flechsig, 2.<sup>a</sup> edição, Leipzig, 1889.

(4) *O Gerez Thermal* — por Ricardo Jorge.

A familia real visita o Gerez em 1887. D. Luiz I e D. Carlos permanecem ali dez dias, em caçadas e festas.

O professor Ricardo Jorge, uma das penas mais scintillantes — e sendo preciso das mais contundentes do nosso tempo, ali «desperdiçou quatro anos na quadra mais produtiva da vida», (1) autor das memorias a que já aludimos, verdadeiros monumentos literarios, que não pouco avigoraram a reputação medicinal das Caldas do Gerez.

Se Ricardo Jorge tornou o Gerez conhecido para sempre, o malogrado Dr. Augusto Santos consagrou-lhe toda a sua vida, e com a grande autoridade de medico competente, cimentou fortemente o fundamento scientifico das Termas, que, como a seu irmão, Dr. Fernando Santos, que lhe succedeu á frente do Estabelecimento Hydrologico, cedo o vitimaram, este ultimo falecido em 1916, numa sincope cardiaca, durante um passeio á Portela do Homem, em companhia do Dr. Antonio José d'Almeida, frequentador das Caldas, e então chefe do Governo.

No dizer justo do sr. Dr. Oliveira Luzes, o nome do Dr. Augusto Santos devia ser dado á rua ou estreita avenida do Gerez.

Outros professores e clinicos abalizados por ali passaram, como o Prof. Paulo Marcelino Dias de Freitas, (2) o Dr. João Novaes, autor de um manual sobre a *Alimentação dos doentes*, o dr. André Miranda, assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra, que, pelo menos ha tres anos, ali tem continuado a ir, e muitos outros, de forma que o Francisco, porteiro das Termas, um velho servidor do Dr. Augusto Santos, conheceu ali, comigo, doze medicos.

Nenhumas termas do paiz possuem melhor e mais extensa bibliografia — eis uma verdade incontestavel, que é quasi uma banalidade repetir.

Assim se compreende que a frequencia do Gerez, apesar da sua situação, num extremo de Portugal, e das dificuldades das comunicações e com a via ferrea desviada, tenha ido sempre crescendo, e que a frequencia anual, que já em 1907 era muito superior a 2000 aquistas, tenda, apezar da carestia da vida e do *après-guerre*, a exceder 3000 inscrições, na sua grande maioria das classes medias, alguns brasileiros, hespanhoes, ingleses, franceses e, em proporção, bastantes alemães, que ali vão por terem ouvido comparar o Gerez a Carlsbad; assim, esses 4000 doentes são na sua quasi totalidade portugueses, principalmente do Norte.

(1) A Causa do Gerez, 1912

(2) A quem é dedicado o *Gerez Thermal*.

«No *haute-volée* termal têm perpassado representantes ilustres da aristocracia, da politica, da finança e da magistratura, do professorado e da imprensa, e todos os anos, ou em artigos de periodico ou em capitulo de livro veem a lume impressões e notas sobre o Gerez». (2)

«Patrocinado e querido como vai de excursionistas e enfermos, de homens de sciencia e do mundo, não será ousadia vaticinar que o Gerez não tardará a assumir o primado das estancias termais portuguezas. Ha-dê ser difficil disputar-lhe essa palma, simultaneamente conferida pela medicina, pelas sciencias naturaes e pelo culto moderno da natureza, que assim se tornará, como disse ainda Ricardo Jorge, parafraseando o Dr. José Antonio Marques — a higeia dos enfermos e o eden da vilegiatura.

E lá vão todos os anos, esses 4000 portuguezes, dos mais remotos logares da metropole, das Colonias e do Brazil, ás vezes de proposito, para tomar as aguas!

Lá vão todos os anos e cada vez mais, engrossar as estatisticas clinicas, desde as camponesas, que no Minho arroteam a terra e nos intervalos dão de mamar aos filhos, á aristocrata, á titular, que possui uma *toilette* para cada dia, dando qualquer delas para pagar á larga o sustento dos mendigos e trabalhadores que, ás vezes chegam a pé, das provincias mais remotas, levados pela mesma força — a fé!...

Lá vão, todos os anos, desde os professores de todas as faculdades de medicina do pais e dos medicos mais afamados, os advogados de maior clientela, os jornalistas mais conhecidos, os politicos mais em evidencia, os banqueiros, os novos e velhos ricos e pobres, os novos e velhos doentes, que, todos os dias, as camionetes e os automoveis despejam na rua do Gerez, e que, á chegada, os comerciantes veem ver.

E todos esses milhares de portuguezes fazem por vezes tomar a agua, que foi premiada com medalha de oiro em varias exposições agricolas e de produtos mineralogicos nacionaes e estrangeiros, ás pessoas de familia que os acompanham, como *preventivo*, ás mulheres, e ás creanças... — pobres crianças!... — mas não nos antecipemos.

Toda essa gente, todos esses *hospedes*, como lá lhes chamam, «na sua maior parte doentes, deprimidos pelo sofrimento e abalados pela mudança de regimen a que o tratamento gereziano obriga», ali vão parar, á «formosa estancia onde tantos milhares de vidas se teem poupado e avigorado» disse

(1) Entrevista concedida ao jornal *A Epoca* em 19 do 8.º de 1925.

(2) «Guia Thermal», por Ricardo Jorge.

o falecido inspector das Aguas Mineraes, Dr. Tenreiro Sarzedas.

Talvez por isso, ou tendo em vista o seu futuro, e as suas numerosas indicações, foi mais longe o seu actual director clinico, afirmando que—«*o Gerez é a mais importante estancia termal do mundo.*»<sup>(1)</sup>

Eis o passado e o presente do Gerez.

### III

## O contraste da observação

«Bem difficil problema esse. Precisar a acção medicamentosa de qualquer droga simples, descobrir os orgãos e tecidos elegidos por ella, e sobretudo indicar a reacção especial que o organismo patologicamente alterado sofre sob a sua influencia, mal e a custo o ensaia ainda a therapia moderna. Para um remedio complexo e mal definido, como é sempre uma agua mineral, actuando sobre os estados trophicos geraes e locais de difficil caracteristica lesional e bioquimica, determinar a sua acção imanente é incognita sobre todas temerosa.

«*Praticamente, o guia mais util é e será sempre a boa observação clinica; e toda a especulação scientifica sobre ella tem de estribar-se* — escreveu Ricardo Jorge,<sup>(2)</sup> e como diz-lo melhor? — Já o Dr. Mirandela referira:

«Guiavam-se pelo mais boçal empirismo os frequentadores das termas... malogrando-se algumas vezes os seus intentos *pela peora e até pela morte.*

Lendas corriam de homicidios perpetrados pelas caldas naquelles que errada e abusivamente se entregavam á sua terapeutica.»

«Sem regra e ás cegas, julga o padre — o abade Martens Ferrão — e muito bem, que as aguas em vez de melhoras *podem atirar com o doente para o outro mundo.*» Inference-se dos seus dizeres (a proposito da sudação) que se praticavam estupidas barbaridades, que custaram tantas vezes ao enfermo o resto da saude e até a vida.»

(1) Entrevista concedida á *Epoca*, 19-8-1925, pelo Dr. M. A. Soeiro de Almeida.

(2) *Idem*, l. cit.

«O casebre erguido entre os poços da Figueira e Figado a que se refere Fr. Christovam, já está arruinado, porque os habitantes sofriam varios agastamentos de corpo e desasocegos, multiplicando-se as molestias até ao ordinario termo delas — diz Pereira d'Araujo.» <sup>(1)</sup>

Referindo-se «aos casos graves causados pelos desmandos dos atrevidos, diz Ricardo Jorge — *no Gerez essa tradição é viva. «Os perigos da inoportunidade do tratamento hidromineral patenteiam-se na clinica gereziana, onde as contra — indicações são mais para temer do que no comum das aguas.»*

«Um preconceito publico attribue ás aguas do Gerez uma energia ou nocuidade tal, que levou muitos doentes e alguns medicos a cingirem-se a goles d'agua e a curas minusculas — disse em 1901 o Dr. Augusto Santos, e dentão para cá, encontramos, sim, descobertas novas indicações para a agua do Gerez, mas jámais citada nem referida a menor nova contra-indicação. Chegou, pois, a minha vez.

Fui, durante *tres anos*, medico adjunto das Termas do Gerez. Durante tres anos, nos meses de maior movimento, desde o fim de junho, (julho, agosto e primeira dezena ou quinzena de setembro) examinei numerosissimos doentes, a quem tive que prescrever as aguas.

Tive assim occasião de observar e estudar os seus efeitos em milhares — ao todo, nos tres anos, em *perto de tres mil doentes*. São os seus resultados que vou descrever neste capitulo, e, escusado seria dizer-lo, que o faço, *jurando por tudo ser fiel ás leis da honra e da probidade da medicina.*

Cumpr-me começar por asseverar que empreguei e aconselhei sempre as doses mais pequenas de que por lá ha tradição.

Dos aquistas inscriptos e observados, em geral nem todos veem á consulta final, a que, pela lei que rege os respectivos serviços, teem direito, porque pagaram a inscripção e consulta medica: uns para não massarem, outros para não se massarem. Outras vezes, e frequentemente, teem que pagar ainda consultas avulsas, em virtude das *complicações da cura*. Mas muitos não faltam. Em regra, acompanha-os uma confiança cega, um optimismo falaz — a fé que lá os levou, que os faz gabarem-se, talvez para se suggestionarem a si proprios e justificarem os incomodos e as despesas e... admitirem mesmo essa hipotese:

— *«Melhor, muito melhor!»*

Mas, embora as diferenças na observação não sejam, em regra sensiveis (auscultação, etc.) motivo porque só

(1) L. cit.

excepcionalmente aqui as mencionarei, um questionario bem dirigido especialmente sobre as perturbações gastro-intestinaes, os pequenos signaes do brightismo, as pirosis, as hemorragias, etc., facilmente deixa aparecer a verdade.

De resto, é quasi sempre a mesma coisa: um hino ou hosana ás vantagens e resultados colhidos pelo tratamento: é por isso que é preciso puxar-lhes pela lingua. Mas tambem aparecem, e mais vezes do que seria para desejar, homens, mulheres e creanças lamentando-se e por vezes, o medico que liga de perto com eles, ouve-lhes:

— Valha-me Deus! O que tenho eu?

Tantas vezes ouvi este grito d'alma, que ainda o tenho, tragicamente, nos ouvidos e por isso vou responder a essa interrogação.

Eis alguns apontamentos, pequenas anotações elucidativas dos resultados colhidos, e observados por mim, e a que mantenho, propositadamente, a flagrancia e a simplicidade dos relatos, para nada perderem da verdadeira realidade.

### Estação de 1923

Maria do Patrocinio d'Almeida, Boletim clinico 1214—Apoz o tratamento, refere o agravamento das dores abdominaes que sentia, e palpitações.

Maria dos Prazeres e Silva — acusa persistente e intenso prurido cutaneo, no fim da cura.

Domingos d'Almeida B. c. 1187 — diz que agora, depois do tratamento, tem rins, figado e intestinos «*tudo arrasado*».

Mariana d'Almeida, B. c. 1173 — Refere que aqui as digestões são demoradissimas. Alude a que, quasi no fim da cura, teve ás tres horas da manhã *vomitos sanguineos* (hematemese?)

Boletim clinico 1.085 — Refere, no fim do tratamento, cefalalgias com fortes dores nas fontes.

Agostinho Nunes dos Santos, B. c. 1246 — refere que o incomodam aqui muito as *insonias*, quasi todas as noites.

Armando da Silva, de Coimbra, ferro-viario, diagnostico — *cirrose atrofico — hipertrofica*, com ascíte. Encontra aqui um «*laço*» nas urinas que não tinha, e diz que cheiram muito mal. Manifesta-se, no meio do tratamento *disenteria* com puxos, expelindo parece que «*materia*». Urina mais, mas mais clara, parece agua. Rapido augmento de peso — do agravamento da ascíte, que obriga a paracentese (perto de 10<sup>l</sup> de liquido ascitico) — *com rapida renovação* da ascíte. Baixa ao hospital de Coimbra.

José Maria Valente de Matos, B. c. 1.223 Refere no fim do tratamento, cefaleas, *dores nas cruzes*, prisão de ventre.

Feliciano Mendes de Matos—B. c. 1657. — Apresenta sudamina e no fim do tratamento reumatismo muscular.

Bernardino Antunes — B. c. 1244. Manifesta-se-lhe forte gastro-entente, com puxos e tenesmo. Refere que se acha  *muito palido*.

Miguel Rodrigues — B. c. 1280. — Sente  *falta d'ar* — está  *dispneico* e acusa peso no lado do figado. Diz que em duas noites seguidas teve quatro poluções.

Manuel Couto — B. c. 1260 — Acusa insonias continuadas.

Eduardo Marques — B. c. 1276. Refere picadas no corpo, pontadas nos rins, dores reumaticas.

Adelia Pinto Furtado — B. c. 1256 — Acusa fortes dores nos rins, que não tinha.

Raul Loureiro Valente — B. c. 1316 — No fim, sente pontadas, dores de cabeça, nas pernas, cansaço. «Parece-lhe» que começa a ter febre (apresenta 37º,5).

Maria dos Santos, da Anadia, residente no Porto, B. c. 1389 «Sente-se muito  *mole*, muito mole, com dores e  *esticões* na cama: uma noite estava muito socegada e deu um grande salto (*secousse*—brightismo) na cama que lhe ficaram a doer imenso os rins, e cá, já não pode ajoelhar quando vai á missa.

Manoel Nogueira, de Vila Verde, B. c. 1270 Refere febre, fastio (anorexia) e exgotamento.  *A ictericia ainda não desapareceu*.

Manuel Augusto Castelo, de Lisboa, Rua das Olarias, 30, 3.º Diagnostico: Cirrose atrofica. Augmenta-lhe aqui a ascite, de forma que, no fim do tratamento, não querendo deixar fazer a paracentese, como eu lhe aconselhava, «quebrou» em ambos os lados. (Diz que o medico de fóra do estabelecimento o aconselhou a não fazer a paracentese: o resultado viu-se).

Dr. Antonio José d'Almeida, r. em Lisboa, então presidente da Republica. Diagnostico—Gota. Apesar das pequenas doses, sobreveem-lhe intensa prisão de ventre e está varios dias sem evacuar. Manifesta-se então uma crise disenterica terrivel, sanguinea, com puxos, renitente. Durante mais de uma semana tiveram que se empregar os tonicos cardiacos, alternados com pantopon. Houve diversas juntas medicas e sempre que se voltou a dar a agua medicinal ao illustre enfermo, o seu estado agravou-se, tendo-se então manifestado uma  *zona*, de que a esta data (já lá vão tres anos) ainda não está curado.

D. Maria Tereza Queiroga d'Almeida, sua filha, com cerca de dez anos. Tendo-lhe administrado a agua (contra o meu conselho), empalidece e emagrece e, no regresso a Lisboa, manifesta-se-lhe pela primeira vez  *ictericia*.

Francisco Parreira dos Santos—de Lisboa, B. c. 2626, e sua mulher. Refere sincopes no banho e hemorragias—epistaxis, etc. A esplenomegalia de sua mulher mal se reduz um centimetro. A anemia palustre parece, com a cura termal, tornar-se mais intensa, apesar das injeções de dinamol.

Artur Nunes, natural da Praia do Ribatejo, B. c. 2816—Réfere  *falta d'ar* quando entra no banho. No ano anterior, o medico autorizou sua es-

posa (B. c. 2817) grávida de 4 mezes, a tomar os duches. Teve aqui um aborto e esteve á morte.

Manuel Joaquim Fidalgo, de Vila Ruiva. B. c. 2712. Diz que sente o corpo «decegado», fortes «arrotos» azedos (pirosis) e picadas no corpo e nas pernas. Astenia.

Boletim clinico 2991. Atribue aos banhos a fraqueza que sente e diz que é tal, que já quasi não pode andar.

Maria do Rosario Nunes — B. c. 2737. Sente aflicção, *falta d'ar*, (dispnéia) *anciedade*.

Boletim clinico 2763 — Diagnostico: cirrose hipertropica. Incham-lhe as pernas como não lhe sucedia antes da *cura*. Grande augmento de peso e da ascite. Retira desanimado, no fim da cura.

Dr. Vicente de Sousa e Vasconcelos — B. c. 1228, r. em Lisboa. Sente *enjôo*, no principio. Manifesta-se-lhe no fim do tratamento uma colica hepatica, grave, com febre alta e colapso.

Dr. Porfirio Teixeira Rebelo, do Pinhão, major medico. Perto do fim do tratamento tem uma ameaço de congestão hepatica e sae na mesma e com as conjuntivas nitidamente amarelas.

Bernardina Rosa Ribeiro, de Vieira, B. c. 2783. Estabelece-se uma erupção cutanea que atinge o coiro cabeludo e ulcéra, inchando-lhe o pescoço e para o fim do tratamento, instala-se *febre*.

Dr. Antonio Augusto d'Oliveira Pinto, 2.754 — Desde que aqui está appareceram-lhe manchas na pele, *adenite* e *orquite* (depois das aguas). No entanto, continua a dizer que a agua lhe faz muito bem.

Raul Viana Costa, engenheiro, de Lisboa. — No meio do tratamento, manifesta-se-lhe uma orquite renitente e uma colica nefritica, que só cedem interrompendo a agua.

Henrique Melo da Silva, de Lisboa, B. c. 2.781 — Apresenta dores de cabeça, ao longo do sciatico, nas cruzes e rins e a perna esquerda está «*tomada*».

Dr. José d'Arruela, de Lisboa. Um medico local acusa-me de não saber diagnosticar uma *gripe*. Anda 15 dias em luta com a agua contra meu conselho, e o seu medico, em Lisboa, diz-lhe que se lá está mais uns dias...

Madame Sacramento Monteiro — B. c. 2802. Só tem a colica hepatica pela primeira vez, depois de ir quatro anos ao Gerez.

José Leite da Costa, da Varzea, Coia, Fafe. Acusa fortes «dores que lhe cortam o estomago e a cabeça».

Maria Evangelina, (Vilas Bôas) — Sente «muitos calores» e de repente sua e depois arrefecem-lhe as pernas e as costas.

Antonio d'Oliveira Felix (da Anta, Feira) B. c. 2771. Diz que perde a respiração nos banhos. Tem tido dores de dentes e nevralgias varias.

D. Emilia Miranda Duarte Cardoso, de Quelimane — tem colicas depois de tomar a agua e acusa os signaes de Brighthismo desde que aqui se encontra.

Madame Guilherme Silva, de Lisboa. Tem uma crise febril alta, grave, com disenteria sanguinea, (1.º ano do Gerez, veja-se nos anos seguintes).

Manoel Monteiro Nunes, de Santa Cruz do Douro—B. c. 1066. Sente vertigens quando toma a agua.

Manoel d'Oliveira, de Viana do Castelo, B. c. 1188. Tem febre e tudo lhe doe. «Tudo está abalado. Muitas dores nos rins e a cabeça azoada.

Alberto Tarroso, de Famalicão. Falta d'ar e tonturas de cabeça. Apresenta a face cianosada e o figado mais congestionado e sensivel.

Joaquim Alves d'Oliveira, do Porto, B. c. 1.055. Tem uma *sincope durante o clister*. «Sente dores horriveis e afrontamedto no estomago.

Antonio Tavares da Costa, de Oliveira do Bairro, B. c. 1.072. Apresenta prurido violentissimo nas pernas.

José da Silva e Sousa, B. c. 1.162. Refere que desde que aqui está urina muito menos do que antes de tomar a agua.

Cesar Augusto Borges, de Macedo de Cavaleiros, B. c. 1.006. Apresenta prisão de ventre e febre.

Antonio Duarte Branco — B. c. 1042. Acusa puxos violentissimos e dejecções de dia e de noite.

Antonio Ferreira Coelho, de Ribeiradio, B. c. 1.113 — Refere calor intenso na região precordial.

José Luciano Marques, de S. Martinho da Cortiça, Coimbra, B. c. 1307. Depois de tomar as aguas, em casa, teve tonturas, emagrece dez quilos e sobreveem-lhe hemorragias rectaes.

João Teixeira Dias — Sobrevem-lhe uma dermatose impetiginosa, que se generaliza a todo o corpo.

Luiz dos Santos Vaz — B. c. 1.083. No segundo dia de tratamento, apresenta uma forte nevralgia em todo o *torax*, que no banho de imersão lhe tornou depois a repetir, não tão forte.

Dr. Nicolau Damião, de Carregal do Sal — 1.083. Agrava-se a sua gota e apresenta signaes evidentes de brightismo.

Joaquina Candida, de Colares — Reaparece-lhe, fóra de tempo, a menstruação.

Eduardo Rocha — Apresenta com o tratamento erupção eritmatosa, muito pruriginosa.

Constantino Cantarilha, B. c. 1.338. Diz que lhe parece que tem andado tudo «preso» lá por dentro.

Elisio dos Santos, de Tondela. Tem tido fortes dores renaes.

Ester Gonçalves Lopes — Refere intensas cefalalgias.

Anibal Machado, do Porto — Tem frequentemente os dedos frios e os outros signaes de Bright.

José Guilhermé Lopes, de Vila Nova de Cerveira, B. c. 1090. Refere diarreia, cefalalgias, fortes dores renaes, intensas, que o desesperam; e abateu seis quilos, sem grandes doses.

D. Silva — B. c. 1856. Tem tido fortes colicas renaes, e manifestou-se uma *sincope apos o banho* de imersão.

João da Lomba, de Viana do Castelo, B. c. 1335. Teve forte hemorra-

*gia rectal*, com tenesmo, e »*inchaço abdominal*». Diz que «os cabelos parece que lhe incham e fazem-lhe comichão.

B. c. 1336. Conta que, quando abusava da agua, de noite sentia dor no coração.

Joaquim Lopes de Sousa, de Montemór-o-Velho, B. c. 1485. Diz que depois que cá veiu o ano passado, começou a sentir fortes dores renaes que nunca mais o deixaram.

Antonio Pacheco, de Pero-Negro (Porto), B. c. 1371. Acusa diarreia com *afrontamento* que não o deixava andar, especialmente a *seguir a tomar a agua*.

José Vicente da Costa, de Rebordelo, Vinhaes, B. c. 1438. Diz que «lhe cresce a agua na boca» (ptialismo) e sente-se «muito fraquinho com a agua». Refere «aflição no coração» e, a seguir a tomar a agua, *cai redondamente com uma sincope* e mandam-me chamar á pressa, á Hospedaria D. Lucinda.

Candida Belmira Boticas, de Cabeceira de Bastos, B. c. 1431. Acusa dores intensas na bexiga e rins, «sente um rim inchado», «tremedores» no corpo e nas pernas, tremuras e suores, «afrontamentos», e parando com os banhos, sente menos dores, pelo menos no baixo ventre.

Capitão Alberto d'Almeida Marques d'Osorio, de Fontelas. Refere cefalalgias, «falta d'ar, *asfixia* e respiração difficil».

B. c. 2619 — Sofre em todo o corpo a *impressão de um choque electrico*.

Dr. Melo e Castro, de Lisboa — «dá-lhe a *impressão que lhe pára o coração*».

Maria Lopes, de Chaves, B. c. 1487, Tem sentido frio nos pés, *calafrios, calores na espinha e febre*.

José Maria dos Santos, do Porto, R. da Paz, B. c. 1451, Diz que quando chegou ás 100 grs. teve puxos. Quanto á agua, era *como chumbo que lhe caía no estomago*.

Maria da Piedade Rodrigues Aguiar, de Figueiró dos Vinhos — Queixa-se de *tonturas e dores sobre os olhos*.

Abilio Nogueira da Costa, do concelho da Maia. *Repugnava-lhe a agua*. Queixa-se principalmente de *dores na bexiga*, para o que tem applicação clisteres quentes e pachos.

Maria do Carmo, de Estarreja. Queixa-se das *pernas inchadas e o corpo frio*.

Maria Miranda Relvas, B. c. 2697 — Sente agonias.

Francisca Alvarez Lazaro, de Toledo, n. em Salamanca — *Disenteria*, com grandes dores nos rins, *caimbras*, perturbações visuais persistentes.

Virgílio Ribeiro, de Soure, B. c. 1119. Diz que no primeiro dia que aqui veiu lhe caía a agua no estomago, de forma que lhe parecia uma *pedra no figado*. Este ano, a unica coisa que pensa que o alivia, são os clisteres, mas aqui, mesmo isso lhe causa um calor no interior que compara a um «fogo». Sente ainda umas «*agulhoadas*», e um calor muito grande nos rins, «o que não sentia lá». Diz que as urinas, na maior parte do tempo, são claras e quando sente as *agulhoadelas* nos rins é que se tornam turvas.

Antonio Ferreira Seixas, de Macinhata do Vouga, ali residente, B. c. 1211. Queixa-se de que as aguas, *mesmo depois do almoço*, lhe *querem sair fora do estomago*. Quanto á febre, principiou-lhe ha dois ou trez dias, e esta noite sentiu-se pior da febre, de que não sabe a origem. Sente ainda dores nas cruzes, na cabeça, e especialmente na nuca.

Maximiano Salvador, de Tomar, B. c. 1312, *apresenta as pernas inchadas*, o que não tinha.

Antonio da Costa, de Barcelos, B. c. 1269. Acusa dores nas fontes e impedimento (prisão).

Raul Monteiro Valente, de Ancede, (Baião). Quando chega ás doses altas, sente tonturas, cefalalgias, mal estar.

Antonio Ferreira Poupado, de Tomar, B. c. 1315. Queixa-se de fortes dores reumaticas nos joelhos e nas pernas.

Maria Rosa d'Azevedo, de Ferrelã, B. c. 1320 — Apresenta nitidos sinais de brightismo, que antes da cura não acusava.

Cristina Freire dos Santos, de Cabeceiras de Basto, B. c. 1374. Apareceram-lhe, com o tratamento hidromineral interno e os banhos, *eczemas* nas orelhas, em redor dos olhos, e no abdomen.

Antonio José Escudeiro, r. em Lisboa, B. c. 2640. Queixa-se de *enjôo* «tal e qual como se tomasse um purgante forte».

D. Maria de Sousa Barbosa Leite, de Vilar do Paraizo, B. c. 1306. Refere cefalalgias e *ardor no estomago e rins*, «que parece que estão a chegar tintura a uma ferida».

Antonio Augusto Pereira, da Figueira de Castelo Rodrigo, B. c. 1580 — Queixa-se de perturbações digestivas e dores reumaticas.

Artur de Sousa Azevedo, de Resende, B. c. 2668. Intensas cefalalgias.

Bernardino Lopes, do Rio de Janeiro, B. c. 2668 — Com o tratamento as *pernas incham-lhe* e apresentam edemas, com *godet* franco.

Adelino Gomes de Miranda, de Carapeços, 2.594. — Diz que aqui lhe arrefeceram os pés e a cabeça. Não pode dormir. Tem tido colicas. Desde que toma os duches apresenta laringite. Aflicção na cabeça e latejar nos ouvidos.

Miguel Conde, de Melgaço, B. c. 2.622. Sente os dedos frios e refere outras perturbações, como gastralgias, etc.

Adelaide de Guimarães de Freitas, de Taboço. Diz que tinha a *impressão que tomava quinina ou aspirina* e sempre *pirosis, ardencia, calor, má digestão e mau gosto de boca*.

D. Maria Cancela d'Abreu — Hemoptise.

Uma doente do Dr. Breda — Escarros hemoptoicos.

Amelia Rosa Diniz, de Vila Nova de Gaia — manifestam-se-lhe colicas e dores irradiadas do plexo solar.

Madame Dr. Elisio de Moura — Apresenta violenta enterite. «Desfaz-se» em disenteria, *cobre-se de suores frios* e tem vomitos muito azedos».

Capitão Baço Marques, de Portalegre, r. em Lisboa. No fim do tratamento apresenta *vomitos incoerciveis* e dores abdominaes.

General Nuno Taborda, r. em Lisboa. Manifestam-se colicas e vomitos

incoercíveis, febre alternando com hipotermia. Está varios dias á morte, em *calapso cardíaco*. Conseguimos salva-lo pondo-o a dieta hidrica (*agua fervi-da dias antes*) — varios dias. — Não voltou ao Gerez.

### Estação de 1924

D. Laura Ribeiro de Carvalho, de Lisboa (2.º ano) Tem uma grande *melena*, que o seu medico considera uma hemorragia do figado (quasi no fim, ou pelo menos já passado metade do tratamento). Aconselho-a a ir aos raios X.

Ester Figueira, do Barreiro. Tem que deixar de tomar a agua. Um medico do Porto, o Dr. Barata da Rocha, faz-lhe um tratamento especifico e no Gerez ha quem queira pô-la no *Relatorio* clinico, julgando o contrario.

D. Leonor Evangelina de Brito e Almeida, de Coimbra — Enquanto vai com as pequenas doses, ainda o seu estado não se agravara. Mas um medico local aplica-lhe a tabela. Sai *muito mal*.

Antonio Alves Coelho, de Anadia B. c. 1221. *Refere ao tomar a agua uma dôr* semelhante á que sente *quando comete excessos*, forte, interior, seguindo a aorta. Acusa mau sabor da boca, que não tinha, em especial de manhã.

Maria de Jesus Silva — B. C. 1175 «Está muito melhor!» — Teve dois dias e duas noites consecutivas — de diarreia, que apelida de *admiravel*.

Antonio Tavares de Castro, de Oliveira do Bairro, B. c. 1191. Apresenta *prurido* redução da quantidade da urina (oliguria) e muito carregadas e queixa-se de fortes gastralgias.

João Russo, da Figueira da Foz, B. c. 1225, Refere cefalalgias e diz que esteve sempre constipado.

Jose Maria Rodrigues Quaresma, da Figueira, B. c. 1231. Tem tido vomitos, dores renaes, etc. e *fermentações* da urina.

Madame Guilherme da Silva, de Lisboa, 2.º ano de Gerez — Este ano esteve aqui á morte, com mais de 40º de febre. Vai para Lisboa... convalescer e poucos mezes depois tem de ser operada de *apendicite*. Seu esposo teve uma *syncope*, á noite, no meio do tratamento (perto do fim).

Carlos Alberto Martins, B. c. 1.320. Refere qve teve uma *colica* ao fim de um mez de ir daqui.

Jaime de Paiva Ribeiro, B. c. 1.203. Tem tido *cefalalgias*, intensas, oftálmicas, ha tres dias, com obstipação.

José Gabriel Pacheco, de 40 anos, de Fafe, B. c. 1.210. Sentiu no fim do tratamento, de noite, um violento *embaraço gastrico*, com picadas no estomago e o figado dilatado. Outra vez, de manhã, *ao beber a agua medicinal, vomita o jantar da vespera*.

L. Vieira, B. c. 1377. Logo ao fim de tres dias d'aguas e de tres banhos, incham-lhe os pés.

José Maria d'Oliveira, de Vieira, B. c. 1.446. Faz aqui *mal as digestões*, manifesta-se violenta *furunculose*, e dorme mal, tem *insonias*.



Antonio Pinho Ribeiro da Fonseca, do Porto, Rua das Flores, B. c. 1005. Apresenta aqui *febre*, que classifica de febre intestinal.

B. c. 1.002. Sente o *estomago mais dilatado* e com dores no figado e diz que tem a cabeça tonta.

Clemente Alves de Miranda, de S. Pedro d'Alvito (Barcelos) B. c. 1.167. Queixa-se de diarreia exclusivamente nocturna. «Retenção de urinas», — *anuria*. Recomeçando com a agua e banhos, tem de sair ao fim de 6 dias.

Madame Santos Moreira, de Lisboa — idem... no fim do tratamento.

Benedita da Conceição Pereira, de Brunhaes, Povia de Lanhoso, B. c. 1.145, — contra minha indicação, estabelecem-lhe doses reduzidas d'agua, que a põem em estado tal, que o mesmo medico me pergunta o que acha melhor — o que eu já dissera. — Realmente, é melhor deixar então de tomar a agua. — *Palida, esquelética, febril, dispneica*, ainda tem força para dizer que «*lhe parece que sente os rins inchados*».

Alfredo Lucio Leal, do Porto, R. do Freixo, 585, B. C. 1169. Sente que *urina menos de metade do que costuma* e queixa-se de *prisão de ventre*, e sente-se *estonteado*, muito estonteado. As urinas primeiro carregadas e depois transparentes e acrescenta: *Quanto mais agua bebo, menos urino*. Também abateu muito de peso, sente mesmo e a balança confirma-o, uns poucos de quilos. Refere ainda pequenas *hemorragias uretraes*, constatadas nos lençoes e na roupa.

✦ D. Guilhermina Ferreira da Silva Magalhães, do Porto, B. c. 1.074. Diz que foi beber a agua, e *parece-lhe que comeu um boi!*

Bernardino Rodrigues — Refere que *oito a dez dias depois da sua retirada* teve, no ano anterior, uma *crise do figado e intestinos*.

Armando de Sousa Larcher, de Lisboa, B. c. 1.402. *A seguir ao ter retirado do Gerez no ano anterior* encontraram-lhe pela primeira vez *cilindros na urina*.

Acurcio Teixeira, de Vila Real, B. c. 1.412. Diagnostico. Obesidade (100 quilos). Integridade absoluta de todos os orgãos (nessa altura pelo menos). Prescrevo-lhe as *doses maximas d'agua da Bica* com as quaes nesse ano quasi não diminui de peso — tal era a sua robustez.

Antonio Martinho, de Gouveia, Arcozelo, B. c. 1447. Aparece-lhe uma especie de *erisipela*, *apoz o banho*, que o obrigou a oito dias de cama. Passou para o duche. Ao 3.º dia avivou.

Tereza Mateus Martinho, sua esposa, B. c. 1446, sente-se *muito fraca, muito cansada*, muitos calores, *afrontações, palpitações*, e notou que tem tido um *bocadinho de febre*. — «*Nem tinha força para falar!...*»

B. c. 1.282 *Sempre muita prisão*, desde que está no Gerez, mas agora, *tem sido uma coisa por demais!*

Alberto Borges, de Famalicão, B. c. 1.392 — Diz que, aqui, tem *sempre azia, sempre a lingua suja*.

José Marcos de Carvalho, de Aveiro, B. c. 1036. Aqui tem sempre *o estomago cheio e gastralgias*.

Palmira Ribeiro de Matos, do Couço, Coruche, B. c. 1151 — *Fica extenuada depois do banho de imersão*.

Dr. Manuel Sardinha Borges d'Oliveira, de Coimbra. Ao decimo dia d'agua aparece-lhe uma *prostatite*. Quando pára, com a agua — melhora. Recomeça — agrava-se... — Até ao ano...

✓ Licinio Sá Pereira, de Lisboa, 1.137. Diz que lhe *basta a agua potavel* para lhe «produzir efeito purgativo *magnifico!*» Mas contraiu aqui, diz que no ducho, um *reumatismo*, que ainda no ano seguinte teve de ir tratar a... Entre-os-rios.

Rodrigo da Rocha Beça, de Penafiel, r. no Porto, B. c. 1105. Sente, para o fim do tratamento, *tonturas e perturbações na vista*, como quem está para ter uma sincope. Tem que desistir? Mas volta.

O sr. Antonio Vidigal, de Pedrogam, sobreveem-lhe, sem que tivesse blenorragia, uma *orquite*, que *não cede enquanto não deixa de tomar a agua*.

O sr. Carlos Malheiro Dias, illustre escriptor, aparece-lhe egualmente sem outra patogenese anterior, uma *uretrite*.

Antonio de Almada, de Lisboa, idem, n'um dos anos anteriores.

Augusto Beltrão, residente em Santo Antonio do Zaire, idem.

Oscar Coelho, de Paranhos da Beira, residente no Congo Belga, egualmente perto do fim do tratamento, apresenta uma adenite inguinal e *orquite* sem origem septica possivel.

Avelino Alberto d'Almeida, de S. João da Madeira, Oliveira de Aze-meis, B. c. 1076. Diz que de tanto que emagreceu, as calças lhe caem. Parece-lhe que tem *febre - e tem. Secura na boca*, diz que não pode cuspir, e sente-se muito fraco.

P.<sup>e</sup> Luiz d'Azevedo Castelo Branco, de Samardã, B. c. 1081, «Parece-lhe que envelheceu dez anos — diz no fim do tratamento. Mas o sobrinho de Camilo volta no ano seguinte. Todos voltam.

Antonio de Sousa Lara, de Lisboa, B. c. 1016. Sente crise d'aguas forte, *disenteria e colicas*, grande diminuição de peso, mas... qual não foi o meu espanto, quando no ano seguinte me disse que tinha ainda lá voltado em Outubro, a fazer segunda cura!

Saul Rodrigues Leitão, de Vila Franca de Xira, B. c. 1050, queixa-se de *dores lombares, violentas, pirosis*, etc.

O sr. Nunes Ereira, de Lisboa, que já fôra operado, creio que depois de ir do Gerez, apresenta aqui, vomitos incoerciveis... e volta a fazer 2.<sup>a</sup> cura no mesmo ano.

José Correia dos Santos, de Lisboa, B. c. 2847, refere que depois da 1.<sup>a</sup> dose d'agua sente *enfartamento e vontade de vomitar*.

Firmino Gomes da Silva, de Barqueiros, Barcelos, refere que no ano em que morreu o Dr. F. Santos, quatro dias depois de ir do Gerez, sentiu como se lhe dessem uma pancada com uma tranca na cabeça e caiu no chão (*ictus*) — *teve a impressão que ia morrer*. Levou os dedos á boca, e o que lhe valeu é que vomitou. Tal foi o susto que (ainda assim!) esteve quatro anos sem vir ao Gerez. Agora cá está de novo....

José M. Cerqueira Machado, B. c. 2873. Piora do vitiligo, como constato, e acusa prurido desesperado.

Antonio de Padua Peixoto, tenente coronel, de Vizeu. Queixa-se de que

a *vista se lhe perturba aqui, e que cambaleia* como um embriagado e sente augmentado o peso sobre o fígado.

D. Maria da Gloria Sousa e Melo Bandeira, B. c. 2760. Sente *falta d'ar com o banho de imersão*.

Alberto da Silva Girão, de Sernanche do Bomjardim, B. c. 2844. *No fim de uns dias de agua*, constato que se lhe manifestam os *olhos amarelos* (conjuntivas); sente *fortes dores renaes, insonias, perde o appetite*, e apresenta uma *adenite*. Foge para o Porto, e isto tudo ao fim de 4 dias....

Capitão Artur Moreira da Costa, de Santarem, B. c. 2768. Apresenta dores nos rins e *depois do banho de imersão fica como lado direito adormecido*.

Rosa Elvira, de Braga, Rua de Jano, 31, B. c. 2892. Diz que com os banhos lhe *incharam os pés e lhe faltava o ar*. O falecido Dr. Fernando Santos, que a mandou parar e recebeu fermento de uvas. Agora volta, mais uma vez.

Arnaldo Maria de Pinho Soares de Albergaria, de Vila Chã de Cambra, Macieira de Cambra, B. c. 2774. Sente *falta d'ar e oppressão do peito*, quer subir uma escada e quasi que lhe *falta o ar*. Deixa de tomar... os banhos.

José Augusto Rito, da Figueira de Castelo Rodrigo. Queixa-se de que aqui, de manhã quando vai tomar o banho, sente o fígado pesado e dilatado e que á tarde não se sente bem do estomago.

↓ D. Maria dos Prazeres Franco Vera-Cruz, de Lisboa. Manifesta-se-lhe *grave entero-colite, sanguinea na fim do tratamento*. Sae em braços. A proposito, informa o sr. Beirão, de Cabo Verde: a seguir, em casa, declara-se-lhe, pela primeira vez, um grave sofrimento de fígado, a seguir. A proposito diz o sr. Beirão: ela nunca cá devia ter vindo!... Mas elle continua a vir, e faz tomar a agua á esposa — a verdade escapa-nos, ás vezes...

Antonio Teixeira de Matos, de Paços de Ferreira, B. c. 2839. Sente o «osso da cruz das costas pesado, como se lhe dessem com um malho», a boca *sempre seca* e sempre este *grande amargo de boca*, com constante *mal estar*, no estomago esta *moedeira*, sempre a roer-lhe e sempre a *prisão de ventre*.

Maria Manuela de Borges Rodrigues, de Coimbra, B. c. 2641. Sente-se sempre *tonta* aqui, com *cefalalgias*, e, não sabe se é do ar se de quê, ás vezes, *sufoca*.

Jaime Pessoa, do Porto, B. c. 2755. Queixa-se de que contraiu aqui uma *infecção intestinal*.

Elisa Maria Gertrudes Costa, de Aveiro de Baixo, Azambuja. Manifesta-se-lhe aqui *reumatismo*. Com os banhos não pode voltar o pescoço (*torticolis*).

Maria Candida, de Couto de Cima, Portela (Vizeu), B. c. 2763. Aparecem-lhe *edemas palpebraes*.

João Moreira Guedes, B. c. 1242. Queixa-se de forte disenteria, com *dejecções* de dia e de noite.

José Rafael Guiomar, B. c. 2815, de Ferreira do Alentejo. Diz que

sua esposa morre *tuberculosa* depois de aqui ter estado e ele, no meio do tratamento, apresenta aqui uma violenta *remitente palustre*.

Gertrudes Maria Fialho, de Portel, B. c. 2821. Diz que os banhos a enfraquecem muito.

Guilherme Ferreira, de Macinhata do Vouga (Agueda). Queixa-se de *insonias, nervoso, tremuras* «nisto tudo por aqui», «de vez em quando dores de cabeça, nenhum apetite, e desde que chegou ao Gerez ainda não teve nenhum dia em que a boca não lhe amargasse».

Catule G. Moraes Castro, de Chaves, B. c. 2822, r. em Matosinhos. *Queixa-se de que em quanto não veio ao Gerez não tinha aquelas colicas de fígado tão amiudadas. Parece-me que me fizeram mal.* Cheguei ontem e já me sinto com *dôr no fígado*.

José Ferreira Duarte, da Anadia, B. c. 2831. Sente-se mais *palido* e o corpo «abalado».

✕ Emilia Magalhães Costa, de Vila Nova de Gaya, B. c. 2684. Queixa-se de grande *irritação dos intestinos* e piorou da dilatação aneurismal aortica saliente, apesar de eu lhe ter dito antes que não devia tomar a agua.

«Mademoiselle» Guilherme Pessoa, r. em Lisbôa, é levada em braços para o antomovel, á morte (o que quasi lhe torna a succeder de novo no ano seguinte...)

João Rodrigues da Costa, de Lisbôa, Calçada do Duque de Lafões, 28, 1.º A seguir, ao regressar a Lisbôa *abate quinze quilos em cinco dias*.

Marcelino da Silva Pinho, de Angeja, Albergaria a Velha. Teve uma *colica* e atribue a *aperto de uretra* o que me parece antes *diminuição* da quantidade da *urina*.

✕ O sr. Dr. Belino, de Gouveia. Queixa-se de que passa aqui sempre muito mal, ele e a senhora, com *azias, dores*, etc. — «o diabo!» E diz-me: «*Estas azias, estas azias!*» E não ha um raio que arrase isto tudo, Dr.!...»

Domingos Afonso F. Neves Ferreira, de Rio Tinto e ali residente. Refere que lhe *custa a engulir a agua da bica*. Sente *falta d'ar, Bronquite agravada*, custa-lhe a andar *com dôr nos rins e intestinos*.

Manuel de Sousa Fagulha, professor na Carregueira, Chamusca, e sua esposa. «Passam sempre aqui *horriavelmente*».

Maria Magalhães, de Passos (Cabeceiras de Basto). *Esteve a morrer trez dias aqui, apoz um banho de imersão*.

✕ Um filho de um companheiro do Prof. Oliveira Lima, do Porto, está aqui muito mal, com uma *paratifoide* (?).

Madame Jorge Guimarães, r. em Lisbôa, diz que perde aqui a vista. Tendo-lhe eu prescrito doses pequenas, no ano seguinte foi fazer queixas de mim, comparando, com os boletins á vista, as minhas doses com as dos outros colegas. Tinha-a roubado na agua...

Dr. Castelo Branco e Castro, medico do Porto, operado de *ulcera do duodeno*. No fim da cura, nas vespers da saída, tem *vomitos e colicas*, o que me leva a aconselha-lo a parar imediatamente com a agua.

D. Zulmira Bandeira, r. em Lisbôa. *Retenção de urina, pés inchados*, e

depois de *passadas muitas horas, a comida vem-lhe ainda á boca* (mericismo). Doem-lhe as pernas, custa-lhe a andar.

Madame Pereira Caldas, de Lisbôa, idem, idem, suores, azias, uma colica fortissima, febre.

✕ O Secretario de finanças de Terras do Bouro, vem ao Gerez, *prova a* a agua e fica á morte... *histeria* diz o medico, que lhe dá injeções de estricnina e oleo canforado.

Fernando Guedes, da Avelada, Penafiel. Diz que com os clisteres *o intestino lhe morreu*. Diz que esta agua lhe complica *com o rim e com intestino*.

Uma senhora da familia ou conhecida, do sr. Alberto Dias Taborda, sente-se muito mal e, estava eu a jantar com o sr. Lemos de Vila Real e o sr. Marquez de Ponte de Lima, foi-me chamar o proprio sr. dr. Domingos Ribeiro Braga, assustado: com efeito o coração estava *asistolico*.

Madame Terrio, do Porto, irmã do medico Dr. Diniz Teixeira, *depois de ir ao Gerez* no ano passado, onde teve uma colica violenta, agrava-se-lhe a doença do fígado e *tem de ser operado de litiase biliar*.

## Estação de 1925

Celestino José Dias, 1156. *Cansa muito, não pode subir, sente-se inchado, gastralgias, nevralgias, aflicção, dispneia*.

D. Maria Inocencia Pereira Caldas, de Lisbôa, 2203, 3.º ano. Sente muitas dores de cabeça e o corpo muito fraco, só lhe apetece estar deitada, com arrepios de frio, picadas, vomitos nocturnos, calor na cara, afrontamentos, parece que o sangue lhe vem todo á cabeça. Aflicção e depois fica com o corpo gelado, costas frias, dores no coração e fígado, e poucas urinas e carregadas.

Torquato de Magalhães, de Alijó. Sente o estomago preso depois das refeições, eructações, dores fulgurantes de cabeça; a 7 dias de tratamento, acorda com palpitações, insónias. Entra, aflicto, no meu consultorio, para o auscultar, com cardialgia que sobe ás carotidas e se prolonga pelo braço esquerdo — falso angor pectoris (lembrei-me que o relatorio o ano anterior diz que esta agua cura a falsa angina de peito...) Diz que três horas depois da refeição, ainda sente a agua no estomago.

Luiz da Piedade Gomes, de Ferreira do Alentejo, residente em Beja. Sente sufocações por beber a agua muito depressa, sobrevem-lhe inflamação da garganta, e sente aflicção de noite. Tem a impressão que os intestinos não funcionam, «que estão paralisados». Ha retenção dos excrementos, mesmo com os clisteres. Sonolencia no principio, e depois á noite, insónias; sente durante a irrigação, vomitos e dores violentas.

Antonio Graça Rufino da Cruz, farmaceutico, de Vila-Boim, B. c. 1177. Sente falta de appetite, e as pernas incharam-lhe aqui, o que não tinha,

e sente calor na garganta. No fim do tratamento, o edema atinge o espaço popliteo.

Um doente do prof. Bissaia Barreto — tem ali vomitos incoercíveis. O clinico aplica-lhe pontas de fogo no estomago, e nada. Este caso deve ser analogo á «tetania gastrica», descrita pelo Dr. Augusto Santos (1) e tam. bem provocada pela agua gereziana. O caso a que aludimos, cedeu ao gêlo... no fim do tratamento.

Dr. Miguel Alves Correia, de Castanheira de Pera, r. em Coimbra, B. c. 2292. Quatro a cinco dias depois de ir d'aqui (no ano passado) acorda de repente, com «falta d'ar», verdadeiramente «asfixiado», e essa «sufocação duroy muitas horas: julgou que morria nessa noite», depois ficou dis-pneico, só podendo tomar o ar pelo nariz, «completamente frio», repetin-do-se muitas noites esse «acesso anginoso», atenuado e menos duradoiro.

D. Angelina da Conceição Santos Silva, de Odemira. «Incham-lhe os pés», o que não apresentava antes, cefaleas, gripe (?).

Francisco Couceiro, de Trancoso, B. c. 2223. Doe-lhe o figado, de noite uão pode descansar nada, cefaleas.

José Francisco Marques, da Golegã. B. c. 2356. «Chega a estar oito dias sem evacuar», o que só aqui lhe sucede. Não vem, porém, aqui, ano nenhum que não tenha sempre prisão, que depois ainda continua «lá». Com efeito os doentes pedem para tomar «fructines», saes de fruta, opo-bil, panbilina, jubol, cascarina, os granulos de Frank e tem lá muita pro-cura umas pilulas purgativas que eu substitui pela magnesia hidratada, em que era obrigado a falar aos doentes, ainda antes de eles tomarem a agua...

Dr. Nicolau Damião, de Carregal do Sal, r. em Papizios. Reconhece, que, como eu o aconselhara, a grande quantidade de agua não «lhe faz bem»: sente muita sede. «Pior da gota».

Ernesto Candido da Fonseca, do Porto, 2309. «Mal acaba de tomar a agua, sente dores no ventre e estomago, dores que continuam depois de comer: ha tres dias que as traz todo o dia». Em tomando a agua, é imedia-tamente. Ele é que disse ao medico que era figado e agora parece-lhe que se enganou...

Antonio Pereira, B. c. 2229. Depois de tomar os primeiros banhos, aparecem-lhe «tais dores nos joelhos», que só passam ao deixar de os tomar.

A. J. Ribeiro Junior, comerciante em S. Paulo, B. c. 2232. «Teve que saír do banho, com tonturas e suor, que ainda continuaram.

O sr. Nunes Ereira, de Lisboa, vomitos incoercíveis e colapso. Tem de interromper o tratamento. A menor porção d'agua fa-lo voltar ao mesmo estado.

Herminia Rodrigues, da Anadia, Bemposta, B. c. 2.003. Sai com 120 pulsações por minuto e mais fraca do que nunca.

José Gomes Vieira, de Samel, Anadia. — Gastralgias.

Manuel dos Santos Figueiredo, de Espinho, B. c. 1212. «Leva» para

(1) *As Caldas do Gerez*, (pag. 114-115.)

casa gastralgias, moecção constante na região gástrica, antes e depois do comer, todos os dias, cefalalgias, de manhã sente vontade de vomitar, e custa-lhe a dormir.

Celestino Lopes, de Leijó, Oliveira do Hospital, B. c. 2077. Fortes puxos e dores no lado esquerdo do torax».

Capitão João José Lucas, do Porto, r. em Lisboa, B. c. 1259. Sente impressão no estomago, a colica, *fezes esbranquiçadas*, urinas carregadas a atirar para côr de café, com côr amarelada da pele, dôr na espinha, na altura dos rins, não consegue dormir e tem noites de vomitar cinco vezes,

Carlos José Guerreiro, africanista, de Bringel, Beja, B. c. 2126. Aparece-lhe no fim do tratamento um acesso palustre remitente, com vomitos biliosos, febre alta e suores, etc. A febre entra á meia nôite, sem frio, com suores no fim; o primeiro acesso teria vindo sem calafrio ás 11 da manhã e durou 24 horas a febre remitente. «Verdadeiramente ainda não estou livre de perigo, dizia-me ele na vespera da retirada.» Côr sub-icterica.

Manuel Cardoso, de Ponte Sôr, sente umas pancaditas que localiza na aorta toraxica e abdominal, com «quentura».

José Rodrigues, de Sendufe, Arcos de Val de Vez. Tem vomitos, lança bilis amarelas, logo a seguir a tomar a agua.

Camilo Chaves, de Soudes, Torres Novas B. c. 2137—Sente peso no coração e as pernas inchadas.

Quirino Trindade Mestre, de Vila Viçosa, B. c. 2190, Levá a lingua mais suja do que veiu «apesar de não sofrer do estomago nem ter prisão de ventre. Queixa-se de muitas dores nas cruzes, a tal ponto que em andando a passeiar, tem que se sentar com umas dores que localiza na espinha.

José Beirão, de Beja, r. em Fernando do Pó. Tem tomado clisteres sem sentir resultados, pois o intestino nem com os clisteres se despeja, a «agua sae completamente limpa».

D. Maria Simões de Sousa Marques, de Evora, B. c. 2272, r. em Vizeu. Sente ameaços e dores no coração, vomitos logo depois de tomar a gua, dores nos rins, muito fortes, e a cabeça perturbada.

Francisco Correia Caldas, do Funchal. Sente aqui sempre ao levantar da cama um sabor exquisito que não costumava ter.

Custodio Ganhão, de Grandola. Diagnostico — cirrose de Laenec, com ascite. Ao segundo dia, appareceu-lhe febre, que o clinico diagnostica gripe (não ouvi falar, nem observei quaesquer sintomas bronco-pulmonares, nem das vias superiores, nem intestinaes, nem nervosos). Paracentese é por causa da gripe, o medico manda-o embora, e que voltasse, — daí a um mez.

Dr. Manuel Sardinha Borges d'Oliveira, de Coimbra, ali residente B. c. 1296. Vem duas vezes ao meu consultorio, palido, aterrado pedir-me para eu o auscultar e tomar o pulso que sente fraquejar; pulso filiforme. Á aflicção, falta d'ar, agonia corresponde um abalo cardiaco sem sopros. Continua queixando-se de agonia, angor pectoris e (isto foi no fim da cura) tem de interromper o tratamento.

Diogo José d'Almeida e Marchã, de Campo Maior, r. em Elvas, B. c. 2.276. Fez o tratamento dos clisteres aqui, no ano anterior, e não tirou resultado e ficou com mais prisão. D'antes era mais normal do que depois que de cá foi. E coisa estranha, «perdeu a memória» e passou a sentir «colicas nos intestinos», de que não sofria. O ano passado ainda passou aqui pior, porque o tomava todos os dias e foi para casa muito fraco e com muita prisão, 3, 4 e mais dias, e com dificuldade. Aqui não dorme bem como em casa, dorme mal e anda de dia com «sonolencia». Sente-se mais fraco e começou a sentir «febre», que lhe augmentou com os clisteres, que só tomava com 2 dias de intervalo. Essa febre vem logo com calor e sonolencia depois do almoço, descança em regra para a tarde, augmentando de novo depois de jantar...

Lucinda Alves, de S. Miguel de Gemeos (Celorico de Basto). Sente «guinadas no coração» e não podia carregar no peito, a barriga muito cheia, muitas dores nos rins e «falta-lhe aqui o incomodo pela primeira vez na sua vida» tinha 40 anos. Apresenta hipersensibilidade cutanea toracica, e mesmo profundamente.

Ana Pereira Pinto, de Coimbra, 1292. Queixa-se de amargos de boca, pontadas, cefalalgias, pirosis, diz ter o hemitorax direito «tomado», e «peso no coração».

Rosa Lopes dos Santos, 2013. Sente «perturbações visuaes», e «dores nas cruzes», a ponto de não se poder dobrar.

Olimpia da Conceição Marques Teixeira, de Lisboa. Teve disenteria, tenesmo, aflicção, febre, afrontamento, cefaleas, agonias, dores no coração... e insónia.

D. Carolina Cerqueira, de Lisboa - Insomnia, desde que está no Gerez, não ha meio de ter sono, está toda a noite sem ser capaz de dormir, parece que excitada, não sabe o que tem e leva muitas vezes a noite toda com vomitos.

Capitão Jaime Leal, do Funchal, 2.176. Sente mal estar, digestão como má disposição, palpitações.

Francisco Peixoto, de Adufe, Braga, B. c. 2.224. Sente dôr de dentes, ao fim de cinco dias, dôr que lhe tomou a garganta.

José Antonio Rodrigues, de Barcelos. Sente pancadas no interior, uma coisa qualquer que não sabe o que é, mal estar, «solturasinha», um calor interior, insónias, não dorme de noite, vira para um lado vira para o outro. No fim, forte coriza com intenso lacrimejamento.

Tenente Coronel Antonio de Padua Peixoto, de Vizeu. Sente peso constante no estomago, contrações com perturbações na vista. Apenas a agua lhe cae no estomago, começa-se a agravar-lhe este estado, sente pequenos movimentos e arrotos, e sensação de peso, parece-lhe que «lhe metem pedras no estomago» e sente logo falta de equilibrio e perturbações. Quatro dias depois de tomar a agua aparece-lhe um abcesso dentario. Tem de se amparar para não cair. (Talvez não possa voltar ao Gerez...)

Joaquim Dias Bernardó, 1.201. Quando saiu do Gerez sentia a saliva grossa.

Eurico Basto Correia, comerciante, do Porto e ali residente. Sente dores de cabeça e mau estar. «Parece-me que vou sentir a macacão do costume daqui». Vomita o almoço, e o jantar... Diarreja líquida. Toma um laxante, mas enquanto não deixa de tomar a agua, enquanto mesmo não pára com as doses m inimias, não cessam os vomitos incoerciveis, nem a diarreja continua. Foi ele que me disse: «Amanhã vou deixar de tomar o veneno». — O veneno é a agua.

José da Silva Vital, de Lisboa. Apresenta furunculose e sente pulsações da aorta toracica e abdominal e mau estar. Sua esposa, com a agua, sente pulsações na cabeça, e incham-lhe os pés, o que não sucedia em casa.

Americo Taciano Correia, de Bragança, 2.024. Prisão de ventre, pirosis, cefalea, «apesar de tomar os clisteres todos os dias».

O sr. Cordeiro, de Santarem. Sem cardiopatia, sente-se aqui mal do coração.

D. Maria da Gloria Nobre Andresen, do Porto, 2.193. Sente pirosis que nunca sentira, agravam-se-lhe os edemas e não se pode deitar no banho, sente-se «congestionada».

Emidio Rodrigues, de Ponte da Barca, 1.296. Sentiu muitas «dores na bexiga» a urina carregada, diarreja, cefalalgias dores no corpo, a ponto de não poder dar os lindos passeios, como tencionava, — «é triste».

Adelino Antunes de Figueiredo, do Mosteiro de Fraguas, Tondela, 2.019, diminue consideravelmente de peso, mais de seis quilos.

Augusto Luiz Fernandes, de S. Vicente do Bico, Amares, 2.224. Fortes colicas e cefalalgias, espasmos intestinaes, nevralgias frontaes, e pela noite adiante, perto da meia noite, dores, aflicção, «é forçado a ter a cabeça alta e depois vomita tudo o que tem no estomago, aguadilha, bilis, uns limos brancos».

Antonio Luiz Pereira, de S.<sup>ta</sup> Laura de Ruivos, Ponte da Barca. Sente dores na «boca do estomago e nos vasios» e pirosis.

Comendador João Jorge da Silveira e Paulo, de Lisboa (Bemfica), Manda-me chamar perto do fim do tratamento, a altas horas da noite, com uma forte colica renal, que, diz, costuma sempre aqui ter. E' diabetico: no fim do tratamento manda fazer novo doseamento do assucar: augmentou e *apareceu-lhe* albumina doseavel — vejam-se adiante as analises reproduzidas.

A mãe do Prof. Hernani Bastos Monteiro, do Porto. Em 1924 tivera dez dias de febre seguidos, aqui, apos começar a tomar a agua. Este ano, depois de chegar ás 20 grs. estabelece-se a diarreja — com grandes descargas post-prandiaes, consideradas por Glenard como patognomonicas das afeções hepaticas.

Uma senhora de apelido Monteiro, acompanhando outra da familia do proprietario da chapelaria Araujo, do Porto, conhecida da anterior (H. das Termas) — não tolera nem doses de 10 grs. (uma colher de sobremesa...) — vomitos continuados.

Antonio d'Azevedo Correia Vasques, de Ponte do Barca, 2.060. Sente-se muito fraco, prisão de ventre continua, lingua suja e dor no figado.

P.<sup>e</sup> José Miguel Duarte, de Arcozelo, Vila-Verde, 2.313. Mal toma a agua aparece-lhe um fortissimo ataque da gota articular (para um outro colega tinha puz) com bastante *febre*, tomando-lhe o ante-braço e o braço. O ventre incha-lhe, com muita expansão de gases (não posso deixar de me lembrar das indicações da agua para os flatos), seguida de disenteria e pirois e de noite insonias, erutações acidas, «urinas barrentas e turvas, cheirando mal».

A esta data ainda não apresentava anquiloses.

Tenente Francisco Antonio Correia, de Lagos, 2.125. No fim do tratamento apresenta *dôr no figado e no baço*.

O sargento Moura, de infantaria colonial (Angola)—com *esplenomegalia palustre*, queixa-se de fortes dores no baço, que quasi se não reduz de volume.

P.<sup>e</sup> Alfredo José Duarte, 2.218, Sente dôr sobre o coração, já no 5.<sup>o</sup> ou 6.<sup>o</sup> dia d'agua.

Leonor Queiroz de Carvalho, das Felgueiras, Lixa, 2.149. Queixa-se de *dôr nas costas, coração e rins*, cefalalgias, perturbações na vista, não pode olhar para a claridade, ictus.

João José Daniel, de Campo Maior, 2.335. Refere a historia da sua doença actual: Depois de ter tomado aqui 5 doses d'agua de manhã e de tarde 3 (levantava-se ás 5 horas da manhã) bebendo perto de dois litros d'agua por dia, sobreveem-lhe a seguir um *aperto do esofago*, de que teve de ser *operado*. Desde que tomou essa quantidade d'agua regorgita como os ruminantes e cheira mal a boca. Diz que depois de tomar a agua a sente para baixo e para cima, no esofago. Teve ainda uma especie de colica abdominal. E anda sempre com sono, aqui, até tem de sair no meio do concerto. Mas continua a vir todos os anos ás aguas: dizem-lhe que lhe faz bem...

Dr. Claudio Olimpico, de Lisbôa, «Esteve mal, enfartamento, dôr de estomago, diz que não foi bem uma colica,—«*intoxicado*» di-lo o proprio.

Luiz Ferreira, do Porto, 2.196. Sente «dores de cabeça», *aflicção, dores nas cruzes, insonias*, e ultimamente *disenteria*, com *tenesmo*. Em comendo, «fica afrontado».

D. Sebastiana Loureiro Nunes, de Elvas, r. em Abrantes, 2.187 Queixa-se de *dores renaes violentas*, sobretudo do lado direito. Tonturas.

Joaquim Ferreira Quintas, 2.163 Queixa-se de que, *quando toma a respiração sente fóra do natural, parece-lhe que não chega ao fim*.

Lazaro José da Silva, do Porto, ali residente, 2177. Aqui, antes de começar a tomar a agua, diz que a agua do hotel é purgativa. Depois, com o tratamento, quando se vai deitar, sente-se febril, e no fim do tratamento manda-me chamar. «Não sente as ideias fortes» (paragem no meio do frase). Falta de memoria e nervoso que não tinha; cefalalgias, e insiste «Não me sinto forte (parece que vai desfalecer). De 112 pulsações por minuto, o pulso está a 50 (20 dias de tratamento) — bradicardia.

Domingos d'Aquino Marques, de Aldegalega, 2.189. Dores de cabeça e nas cruzes, *disenteria com tenesmo, insonia*, e «um bocadinho de febre».

Sente «coisas» que não sentia: lá não tinha este mau-estar no «alevante», um grande mau estar, acorda moido, com «barulho» de noite, parece-lhe que sonha muito.

Laura Gonçalves Moreira, esposa do Dr. Carlos Alberto Moreira, do Porto, ali r., B. c. 2.397 e 2398 — A's 30 grs. de agua, á uma hora da noite acorda muito mal, cheia de calafrios, dôr no coração, e as arterias do pescoço muito doídas. Tonturas na cabeça e «inchou-lhe o feixe vasculo-nerroso do lado esquerdo do pescoço, os pés frios, «parecia de morte...»

Germana Lima, de Evora. Foi-lhe aqui aconselhado, ha tres anos, o banho de imersão prolongado e a temperatura alta. «Teve o cuidado» de nunca estar esse tempo (25' a meia hora) — cardiaca, nem eu podia suportar quasi nunca esta temperatura, nem lá estava muito tempo e mesmo assim, saía de lá muito fraca, e não aguentava, não podia. «Admira-se como o medico lhe aconselhava tal tratamento. «Suava muito, ficava muito fraca, o coração não a deixava dormir.

Sua filha — Sentia-se mais magra; — só em dois dias os vestidos ficavam-lhe já largos, só com a agua potavel...

P.<sup>o</sup> Antonio dos Santos, de Moncorvo. Sente aqui ondas de sangue subirem-lhe até á nuca, que lhe dão um «arrepelão» e a impressão de apoplexia.

Francisco Fernandes Pimenta, de Valozendo, Terras do Bouro, 2365. «Sente o estomago inflamado, *tonteiras na cabeça*, não pode comer e fica muito empanturrado, «e não manobra».

Ana Rita Carraça, de Redondo, 1314, 2.<sup>o</sup> ano, «Passou muito melhor... *teve três colicas* durante o ano, uma com muita febre. Agora cá, no 3.<sup>o</sup> dia teve a *colica hepatica*, caracterizada, como tinha na terra; «figado, rins e intestinos», «que depois já não sabia onde era a dôr». «Parecia-lhe que lhe arrancavam o figado e o rim». No 6.<sup>o</sup> dia, na dose de 80 gramas, sentia as tripas que parecia que se encolhiam todas com forte dor, não se mexiam. «*Estava tão fria*, que parecia uma *defunta*. Era uma coisa disparatosa». Passados alguns dias de tomar a agua, sente «arrepelões» de fraqueza, que ainda continuam.

Maria Candida, da Portela do Couto de Cima (Vizeu) 2300. Apareceu-lhe uma *inchação nos pés*, e no *lado direito do corpo*, e a boca muito amargosa.

Emilia Martins, de Vieira. Sente dores de cabeça e pelo corpo, muito moida, dores renaes e *menos urina*.

Antonio Lopes Matos, 2334. *Poucas urinas*, uma dor em cima do umbigo (hipersensibilidade do plexo solar) *secousses*, epistaxis numerosas.

Madame Mário Beirão, de Lisboa, r. no Porto, gravida, de 4 meses, sobreveem-lhe epistaxis, hemorragias vaginaes (?) — ameaço de aborto. (1)

Um seu filhinho, toma a a agua contra meu conselho, tem febre, empalidece.

Cesar Salvador Mateus, de Lisboa, 2316. Cinco dias depois de come-

(1) Em Lisboa, passa a seguir muito mal.

çar a tomar a água, sente-se surdo, aparece-lhe uma angina eritmatosa e enrouquece sem se ter constipado. «Eu não sei o que é isto».

Amélia Moreira Freire Santos, do Porto, R. Rodrigues de Freitas, 194, 2.º Dt., B. c. 2383. Sente frio e calores, cefalalgias, dores renaes, picadas no estomago, peso nos ouvidos, aflicção «esteve um bocadinho a perder os sentidos» enjões, vontade de vomitar, e com «os pés mais inchados...»

João Antero Ribeiro, da Figueira de Castelo Rodrigo, 2390. Sente tonturas de cabeça e vomitos, «quasi cai» e precisa encostar-se para de facto não cair.

Isabel Maria da Silva, de Parada do Bouro, sente-se muito mole, quebreira no corpo», custa-lhe a andar, sem apetite, vem-lhe uma coisa muito amarga á boca, dores nos rins que se não pode dobrar na cama, e a boca sempre muito amargosa...

Uma filha do sr. José Maria Pedroso, reaparece-lhe o incomodo fóra de tempo.

✕ Jaime Moreira Pinto, da Anadia, manifesta-se-lhe uma exaltação mental e tem que o levar para a terra. Espalhou-se que o homem era um alcoólico, mas aqui não lhe davam alcohol. «Então estas aguas fazem endoi-decer? — perguntavam-me os doentes.

D. Herminia de Carvalho, de Sabrosa — é levada em braços do Hotel Maia para o automovel. (1)

Uma senhora de Viana do Castelo, do Hotel Moderno, idem.

Mademoiselle Guilherme Pessoa, r. em Lisboa, idem, no ano anterior succedera-lhe o mesmo e neste com pouca differença. O colega de Seia que a tratou pode descrever a evolução do caso:

O Dr. Simões Pereira, r. em Seia, que só com a agua potavel tem febre, etc., «muitos dias» — uma gripe intestinal, disse um colega.

O Dr. Pires, de Gouveia, mal chega, só com a agua potavel, «gastrite» que se «agravava» logo que começava a tomar a água «medicinal».

Pedro Simões Pires da Fonseca, 2373, R. da Creche, 12, de Lisboa, sente uma colica, meia hora depois de tomar... 15 grs. e fica muito palido.

Maria Rosa da Costa, de Codeseda (Vila Verde). Sente «febre e dores de cabeça», diz que depois do banho de imersão.

Maria da Nazareth Lourenço da Costa, de Angra do Heroismo, 2268. Sente de manhã o «estomago inchado», mau estar na cabeça, dores que lhe percorrem o pescoço, que não pode voltar, nem fazer movimentos rapidos, muitas dores de cabeça, os «pés mais inchados» e aparece-lhe uma forte «hemorragia uterina».

✕ João Mourato, de Soure, r. em Estarreja. 2280. Teve uma colica e «quer urinar e não pode» e tem a quantidade de urina muito reduzida. Lá urina mais de noite do que de dia (insufficiencia hepatica, segundo Glenard), pois aqui quasi não urina de noite.

(1) O numero de doentes que retira todos os anos assim, é elevado: por isso agora já morrem poucos doentes no Gerez.

Cristiano de Pina Fonseca, de Ceia, r. em Torres Novas, 2328. Teve que cortar com as águas. «Vem-me para aí uma entero-colite que me leva o diabo».

D. Maria da Rocha Pereira, sua sogra, da Curia, 2327. Quando come fica com o coração a bater muito. Os «pés incharam-lhe» pela primeira vez na vida, a ponto de deixarem «godet» quando se carrega, sente-se muito fraca, com pirosis, os intestinos «escangalhados», desde que começou até agora ao fim, sempre insonias, de côr amarela que aqui empalideceu, dores nas cruzes, «isso então» e fraqueza, quanto mais come mais fraca está, e no entanto... diz que está muito melhor e a família repete que «vai muito melhor»!...

Elidio Gonçalves Gomes, de Parada do Bouro, Povoia de Lanhoso, 2347. Tem-lhe doído «quasi sempre a cabeça». Agora está com ela e a bronquite asmática agravou-se.

✕ P.º Francisco Esteves Pereira, da Povoia de Lanhoso, 2322. Sente dores ao tomar a água, mas dores leves e dorme mal as noites. E este ouvido purga-lhe um pouco, mas já purgava, e a surdez também já estava, mas agora pior...

José Maria Vieira Ramalho, da Povoia de Lanhoso, Igreja Nova, 2343. Tem-lhe dado falta d'ar. Sente uma coisa lá por dentro, uma certa sufocação, dores renaes.

Gonçalo Esteves Amarante, de Vizeu, 2321. Em Lisboa, sempre prisão de ventre... aqui, tem que se *acautelar*, comendo menos, para não ficar enfartado. *Cefalalgia* continua.

✓ Senhorinha Meireles de Menezes Pinto, farmacêutica, do Porto — Um medico ha tres anos prescreveu-lhe aqui banhos demorados e muito quentes para emagrecer. (Tinha com efeito 80 e tantos quilos, mas também tem a sua miocardite).

João Marques Pimenta, de Ponte de Sôr, 2331. Desde que veio, tirando o dia do purgante (no meio da cura) quasi não tem obrado. — Em casa piorou e a cirrose tende a estabelecer-se: *em casa, instala-se a ascite*.

✕ Antonio Bernardino dos Santos Martins, r. em Alcochete, 2359. Cirrose hipertrofica alcoolica — *Os pés incham-lhe*. Mudou de medico e *melhorou muito: morre pouco depois, em casa*.

Luciano Alegro de Magalhães, do Porto, empalidece, dôr no coração.

José Rafael Guiomar, de Ferreira do Alentejo, 2348. Cefalalgias muito grandes, *tonturas* «a pontos» de *cair*, e teve que comprar uma bengala, e pensava que não chegava a casa.

D. Emilia Candida Machado de Moura, de Vila Real. No ano anterior, *depois de ir daqui*, começa a sentir *vomitos e tonturas* depois das refeições.

Ruth Correia Ferreira, de Lisboa, 13 anos. Foi operada da garganta e descobriu-lhe um bocio. Mesmo com doses pequenas, o pulso sobe de 98 a 120.

Vicente Luiz, de Louzã, r. em S. Paulo, 2307 sente ao fim de cinco dias de tomar a água, *febre*, com má disposição, que aparecem de manhã e

vão até á noite, sem frio nem suor o que dura varios dias — e *não está constipado*.

Antonio dos Santos, de Moncorvo, 2667, Sudamina, mau gosto de boca, pirosis, neurastenia, e sente aqui as digestões morosas e urina menos do que em casa. Sente eructações, enfartamento do estomago, e garganta, inflamação, «*assim como quem toma azeite ordinario*». Enche-se-lhe o estomago de gases e depois de comer não pode tocar na boca do estomago «*toda a noite a arrotar*» e tem o ventre doído. (Lembrei-me dos flatos hipocondriacos, que no tempo do Dr. Mirandela ali se curavam...)

Manuel Xavier Ferreira de Sampayo, de Amarante. 2.308 -- Disenteria intensa. Caimbras e congestão da barriga das pernas de dia e de noite, mas mais de noite.

Catulo Gonçalves de Moraes Castro, r. em Matosinhos, 2.402. «Eu queria fugir do Gerez, pois até dezembro *pioro sempre*. Depois, parece-me que o Gerez não tem sobre mim a *acção decisiva* que dizem ter sobre os outros: ha tres anos que aqui venho e estou sempre pior.

Joaquim Sabino Faria, 2.278. Cefalalgias, pequenas colicas ligeiras tem comido o menos possivel porque imagina que lhe faz mal. Quando, come mais está mais incomodado.

Maria Joaquina Fernandes, de Coutelães, (Vieira), 2.318. Ao fim de 4 banhos appareceu-lhe uma *erisipela nas pernas*.

Armando Martins Lelo, da Leça de Palmeira, 2.249 *Cefalalgias, diarreia* um grande *calor, abdominal*, nos intestinos e tudo á volta parece «um fogo» *urinas mais amarelas muito amarelas* e a boca seca, acorda sempre com a boca seca.

Mercedes da Fonseca, R. da Creche, 12, de Lisboa. Sente uma grande disenteria, que dura ha oito dias, e qualquer coisa que coma, deita por baixo sem digerir, *parece que o estomago não funciona* (e só tomava a agua da *Telha*). Dores nas cruzes, urina pouco e a boca sempre amargosa.

Domingos Barbosa d'Oliveira, da Povoia de Varzim, Valazar, 2.319. De tarde ao tomar *as aguas* fazem-lhe uma *aflição* muito grande, *afrontação e dôr* sem soltura. Por coisa de dez minutos depois da agua, então começam-lhe a fazer *afrontação* e ancias... *cá estou eu com elas*. Cefalgias. Tem *urinado menos do que urinava antes de vir*. Urina menos de noite e menos de dia. Menos vezes e em menor quantidade. *Pirosis, secousses* mais de noite e tambem de dia, com as pontas dos *dedos frios e formiguei-ros* em certas partes do corpo, o que não tinha, e ao *fim de nove dias d'agua tem escarros hemoptoicos* de tarde e *hemoptises*. — (Só está 11 dias... porque eu o mando retirar.

Manuel Marques Guedes, do Porto, ali r., 2395. Diz que no ano passado quando chegou a doses elevadas, não se sentiu bem disposto, sentiu-se *mais pesado* (era para emagrecer), *as evacuações difíceis* e pouco abundantes. *Pede ele proprio* doses mais pequenas d'agua, apesar de querer emagrecer.

Alloquia Couceiro, de Cidade Rodrigo, r. na Figueira, 2.295. *Acha a agua pesada quando lhe cae no estomago*, sente ha 4 dias *urticaria e suda-*

*mina e o estomago*, ao pé do apêndice xifoideo, *incha-lhe, doe-lhe, e tem cefalalgias* de dia e de noite, ha 8 dias seguidos e deitou muitas vezes sangue pelo nariz (*epistaxis*) e sente mais *formigueiros* do que já tinha nos *dedos e braços* e tem pesadelos de noite e sempre prisão de ventre.

Manuel Duarte Couceiro, de Cantanhede, r. na Figueira, sente-se fraco e *prisão de ventre e tonturas* de cabeça e o *estomago cheio*, não desenvolve e sente *dores no figado e no colon*.

Manuel Joaquim Fidalgo, de Vila Ruiva (Alvito), 2.296. Mais um ano apesar do que disse nos anteriores... «Sente aqui dores de cabeça que não o deixam descansar, dores nos rins, quasi sempre, dorme muito mal as noites, sente o corpo «decepado», sonha muito, sem vontade propria, sem vontade de coisa nenhuma, aborrecido da vida, tudo o aborrece, nem o diabo o pode aturar. Vertigens, *falta-lhe o chão, falta-lhe o ar, falta-lhe tudo*... Pirois, mau gosto na boca, a lingua grossa a boca seca, *casparrenta*, como a lingua. No ano passado, *foi d'aqui para casa, onde estive 22 dias doente, de cama*. E o mesmo succedeu ao outro companheiro, que era de Vilalva e que a esta data ainda está doente — «se é que já não morreu... — Até para o ano?»

Adelino Jose dos Santos, de Aneora, Caminha, 2.145. Já aqui vem ha três anos e não tem sentido *bem nenhum, antes pelo contrario*. Parece-lhe que no primeiro ano que cá veio lhe fez melhor do que no ano passado. Dores no peito e coração.

Elisa Maria Gertrudes da Costa, da Azambuja, 2.130. Sente sempre dôres fortes e picadas a ponto de não poder estar de pé, nem sentada, especialmente de manhã, e prisão de ventre que o clister não lhe combate tendo que tomar ao mesmo tempo os purgativos do costume.

Capitão Artur Moreira da Costa, 2.131 Sente picadas nos rins, sobre tudo no direito, o abdomen dilatado, endurecido, e o *eczema*, «o figado» das pernas na mesma, *talvez mesmo pior*.

Alfredo Lucio Leal, dô Porto. r. no Porto (2.122, 1951) Abateu muito de peso, uns poucos de quilos, muitos «*é bom sintoma não é verdade?*» O pior é que agora não urina quasi nada, pouca urina, e doe-lhe a *bexiga*, passa noites de insônia, aqui, noites pessimas (depois vai para casa e esquece-se disso) *urina ás gotas*. Gastralgia, etc. *Quanto mais bebe menos urina*. No entanto, o subconsciente deixa-lhe a visão precisa para me perguntar — «*Será possivel que a agua do Gerez possa fazer-me mal?*... Vinte anos depois de vir ao Gerez, sem faltar nem um ano, sente exactamente as mesmas dores no figado, etc., as mesmas dores 20 anos depois. — *E só agora lhe dizem que tem mais uma lesão no coração!*»

Francisco Rodrigues dos Santos Lima, 2.095, de Ancha, Viana do Castelo. «Os banhos e as aguas fizeram-me muito fraco, sr. doutor, não posso comigo, não sei o que hei-de fazer á vida.» *Apenas a agua lhe cae no estomago sente nele um frio* e depois começa a arrotar a dar-lhe voltas no estomago, pensa que naturalmente está a digeri-la, e logo começa a sentir o *lado direito sensivel e doloroso* (indica o figado) e ao mesmo tempo, aqui,

uma pontada (correspondente sobre o figado e sobre o torax do mesmo lado direito).

Antonio Augusto da Silva, de Fafe, 2.<sup>o</sup> ano. Mau estar no estomago, e vontade de vomitar.

Amelia do Amparo Rego, de Mirandela. 2.226 Tem varias *hemoptises* que se repetem, cefalalgias, grandes dores nas cruces, os pés incham-lhe, aqui, e tem uma *crise de convulsões e letargia que dura 24 horas*, no fim do tratamento — (histeria?)

*Um abade do Minho* (Barcelos?) tem um antrax.

Delfina Leitão, de Alijó, 1.269 (1552) Não dorme de noite com hemorragias toda a noite desde a 1 hora. A agua fazia-lhe, especialmente á tarde, *aflicção* e ficava sempre incomodada com elas. No ano anterior, *passados quinze dias de ir do Gerez, tem de novo ictericia*, e a seguir passou *todo o inverno com colicas, sempre com febre*, etc.

Ana Rodrigues da Costa, de Cacia, *dores renêas fortissimas* parece que lhe *estão a cerrar os ossos* que não pode aguentar.

Egas Salgueiro, 1.186 Sente o estomago azedo e pesado, eructações, quasi sempre «dor de cabeça» urinás muito carregadas, avermelhadas, os intestínos ás voltas e aqui não tem nunca evacuado naturalmente, e o ventre está volumoso, *timpanizado*.

José Lopes Coelho, 1.262. Tem logo no 2.<sup>o</sup> dia a colica hepatica caracterisada, forte, de noite, e nunca nenhuma o tinha deixado como aquella tão fraco e tão doído, mas depois ainda lhe custava a andar, com vomitos, ficando muito moído para uns poucos de dias e até lhe parece que desde que aqui está tem sentido febre e amarga-lhe sempre a boca.

José Weuceslau Bento, de Valada, Cartaxo. 1194, 936 Apresenta uma erupção ás manchas, impetiginosas com muito prurido, no fim do tratamento e não pode dormir com zunida na cabeça.

Francisco Lopes da Silva, do Porto, ali r., 1145. «A agua buliu um pouco comigo, tem dores nos ossos, dores nas costas, fraqueza que não sentia quando veio. *Tem sentido febre*, mais com os banhos, e a filha está muito mole, «muito branda».

José Antouio Gomes, de Santa Cruz, Matosinhos, *escarra sangue* e tem de levar injeções de oleo canforado...

Fernando Guedes (Aveleda, Penafiel) — «O meu intestino morreu» — com o clister.

A esposa do sr. Guilherme Silva, de Lisboa — tem uma crise intestinal forte (estivera á morte nos outros anos aqui) e o marido diz-me em Lisboa: minha mulher tem passado muito mal aqui. Aquele Gerez não sei, mas com ela... O filho, sem tomar a agua, tem febre, ali, e disenteria.

José Dias Castanheira, 1192. Tem tido suores frios, dores de c abeça e arrepios de frio e sente o *corpo dormente*.

Luiz Albino Saraiva — *Pirosis*, eructações — e, «coisa extraordinaria» — aparece-lhe a *potencia*, que lhe faltava ha muitos anos.

Amelia de Jesus Gomes — «Muito fraca, não pode levantar a pernas nem os braços e a dôr de cabeça nunca lhe sae.

Alvaro da Silva Maia — Queixa-se de diarreia com *puxos de sangue*, o estomago sempre enfiado, dores na cruzes, mais violentas no lado esquerdo.

Amelia Nunes, de Caldas de Aregos, 1.232. Tem sentido *a colica todos os dias*.

Francisco José da Silva, n. e r. em Vilar da Veiga, 1218. Queixa-se de pontadas no peito, tenesmo, falta de appetite, prostração, febre, está de cama e manda chamar o medico.

Ludovina Cardoso Tavares, de Lisboa, r. na Guarda — 1.233 (1465) Pirois, fraqueza, dôr no coração.

Antonio Cardoso Tavares, 1.234 (1.463). — Queixa-se de forte *diarreia sanguinea*.

D. Elvira Rego, de Ancião 2.068 (medico) — Quando foi daqui o ano anterior, teve *diarria até novembro* e aqui passou muito mal, *inflamou-lhe o nariz*, etc. como succedeu tambem á *esposa do sr. Coronel May*, de Lisboa e á *Viuva Silva Monteiro*, de Evora.

O sr. Lauer, de Lisboa, amigo do sr. Cardoso Tavares, com 2 doses pequenas, *sente dores vivas no figado*, e *deixa de tomar a agua*, «com medo».

Augusto Barata da Rocha, do Porto, 2.072. Teve *colicas hepaticas*, com *febre e ictericia*, «apesar» de aqui ter estado no ano anterior.

Dr. Antonio Alves de Melo, de *Arcos de Val de Vez*, r. na Foz do Doiro, depois que veio ao Gerez e depois de ter comido figos (fruta que, de resto, o Dr. Augusto Gomes autorizava) bebeu agua, teve *uma grande colica hepatica e ficou sofrendo do figado*.

Sua esposa, do Porto, 2.006, 1.362, depois de vir ao Gerez e a seguir, apareceram-lhe *manchas na pele* e uma *flebite* nos membros inferiores.

Maria das Dores Taveira, da Povoia de Lanhoso, 1209. Teve *colicas repetidas* depois de ir daqui, como ha muitos anos não costumava ter. Desde que a agua lhe cae no estomago é uma pedra, e assim até ao fim do tratamento.

A regente do «Hospital», depois d'aqui vir ficou «de todo» *«entrevenida»*. (Hospital da Povoia de Lanhoso).

Tecla de Matos Fernandes, de Portalegre, r. em Elvas 2.021. Com sete curas no Gerez refere *colicas nefriticas*, *flatulencias*, *pirosis*, *inap-tencia*... A boca sempre seca, dôr enfarte, acorda de noite com a boca seca e sente mesmo febre.

Conceição Costa, 2.031, depois de ir ao Gerez — aqui incharam-lhe pela primeira vez os pés (é uma rapariga nova), teve *muitas colicas de figado* e logo nos primeiros meses a seguir — *uma pleurisia*.

Antonio Ferreira Cruz, do Porto, 2.032. Tem, meses depois, nova colica.

João Rodrigues da Costa, casado, r. em Lisboa, *procura-me* em Lisboa para me consultar, pois lhe parece que a agua lhe fez *mais mal do que bem*.

Antonio José Alves Grandinho, de Fafe, 2.062. *Apoz trez curas do Gerez, acha-se pior do figado e do estomago.*

Antonio Albino Fernandes Campos, de Ruivães, africanista, curado de disenteria amibiana, vem dizer-me que sente picadas no figado e diarreia como antigamente (recaída?)

Angelina da Silva Aguiar Branco, 1223. Teve dores nos rins, no estomago e na barriga, com diarreia constaute e *fica indisposta do estomago* quando toma a agua.

Domingos Afonso Ferreira Neves, de Rio Tinto, 1272. *Agrava-se-lhe a bronquite asmatica* e sente falta d'ar. *Sentiu que lhe faziam m.ul os banhos.*

Dr. Alberto Rego, de Anciães — «*Não ha duvida que estas aguas exercem sobre mim um efeito extraordinario*». E este ano apresenta no fim do tratamento um panaricio, que teve de ser tratado a termo-cautério.

Dr. Augusto Barata da Rocha, do Porto, 2072, medico — Dezoito vezes por noite...

Engracia Guimarães Coutinho, 1219 (1397). Não se pode dizer que passou um dia bem.

A. Mena Vieira — 1202 (1342). Sente *dôr na região hepatica no final do tratamento.*

Celestino Lopes, 2077. Ao segundo dia de tratamento, começa a sentir as *urinas turvas e fermentadas.*

Angelica Rosa d'Oliveira, de Portalegre, 2251. *Sente febre depois do meio dia.* Tristeza e mau estar.

José de Miranda, de Nabaes, Povo de Varzim. Tem contitnuado a ter a *colica, depois de vir varias vezes ao Gerez*

Victor Serra, de Lisboa, 2104. Diz que se sente mal disposto ao tomar as primeiras doses d'agua.

D. Clarisse Gabriela Neves Fuschini Serra, do Porto. Expeliu aqui grande numero calculos.

2080 (1851) — No primeiro dia ao tomar a agua sente-se afrontada. Quando foi d'aqui *não se sentia bem*, muitas vezes mal do estomago, vomitos, etc.

Gertrudes Maria da Silva Monteiro, de Evora, 1230 e sua filha. Dorę de cabeça, diarreia e o nariz inflama-se-lhe a tal ponto que chega dar a impressão de cancroide.

Dr. João da Cruz Correia do Vale, da Anadia, 1.041. Sente dores no abdomen, e no lado esquerdo do peito, (hemitorax esquerdo, no *coração* e nas costas e fortes dores no figado.

José Maria Soares Vieira de Andrade, professor de Entre-os-Rios, 2109 (1904). *Não se sentiu bem* depois da sua primeira e unica cura no Gerez.

José Maria Lopes Vieira de Andrade, de Entre os Rios, B. c. 2109 — Sente dores no peito desde que toma as aguas. Não se *sentiu bem* após a cura.

Maria Carolina Marques, de Setubal. Mal chega ao Gerez e bebe a agua *sente-se mal e sente dores abdominaes.* E diz determinadamente: «*Estava capaz de me ir embora.*» Mas não vai.

Palмира Vergueiro, 1231. Sente dores no lado direito do tórax e a meio do peito. *Sente umas aflições* subir pelo corpo acima, até á cabeça, e depois suores frios e fica fria.

Joaquim Correia Junior, de Barrou (Resende) 1214. Sente cardialgias, a cabeça perturbada, não se sente bem.

Maria Angelica de Aguiar, de Amares, Santo André, Covas de Moimenta — *Só banhos*: depois de fazer uso dos banhos, incharam-lhe mais os pés, o que lhe dificulta a marcha.

Henrique da Rocha, 1916. Sentiu *dôr no figado ao fim de oito dias*, tornando-a a sentir mais vezes.

Manuel Gomes Moraes, 1199. «Sofre de falta de ar no peito» — agora desde que está cá, *tem sido uma coisa demais*.

Domingos do O Ventura, de Olhão, 1224. *Tem a primeira colica depois de vir varias vezes ao Gerez*.

Joaquim de Castro e Silva, de Armamar, r. no Porto—vem ha muitos anos ao Gerez, mas só toma doses *homeopaticas*.

Domingos Afonso Ferreira Neves, de Ferreira (Rio Tinto), 1.272 (1.544) Vem ha dez anos consecutivamente ao Gerez, desde 1915, e *continua* tendo as colicas hepaticas durante o ano.

Dr. Fernando Frederico Bartholomeu, de Lisboa, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, 1.281. Depois de numerosissimas curas no Gerez, em 1924, chega a Lisboa, adocece gravemente do figado—doença que durou desde essa epoca até maio do ano seguinte, continuando a reputar e Gerez o seu salvador. Sempre prisão, aqui só obra com a magnesia.

Dr. José Augusto Alves de Campos, medico em Alvito, 2.285. Apesar de referir melhores depois d'aqui vir varias vezes — *aparece-lhe pela primeira vez ictericia*.

D. Maria Albertina Sardinha de Oliveira Falcão, 1.298. Teve ha cerca de dois meses duas colicas de figado, na segunda vez com ictericia, — *depois de vir no ano anterior pela primeira vez ao Gerez*. Aqui passa muito mal do peito, etc.

Ana Tereza Martins Curraes, do logar do Assento (Cabeceiras)—2.038 (1.737). Em 1923 chegou a ter perto de 30 dejecções por dia e abate muitos quilos de peso.

Tubal Filipe da Trindade e Silva, 1.241 (1.451) que nunca tinha tido dores nos rins, chega ao Gerez e manifestam-se-lhe e muito fortes logo á 1.<sup>a</sup> dose d'agua.

Joaquim Cruz, 1.242 (1.442), irmão do Dr. Alberto Cruz, de Braga, tem um forte acesso palustre logo á chegada ao Gerez, na manhã do dia seguinte á 1.<sup>a</sup> dose d'agua, anda com sobertudo em dia quente.

A Sr.<sup>a</sup> Condessa de Fijó — Fortes pirosis.

Condé de Fijó — a psoriasis nada de dar de si.

Sr. Cunha Reis, do Porto, na estação anterior, idem

Dr. Hernani Cidade, de Redondo, r. no Porto, continua com os vomitos e os *derramamentos de bilis* — pediu a demissão do Gerez

D. Maria Beatriz Pacheco, 1.253 (1.503) esposa do Sr. Joaquim

Pacheco, incham-lhe os pés no Gerez, como não sucedia. Ao Sr. Joaquim Pacheco, a *agua potavel* origina-lhe varias perturbações, intolerancia.

José Lourenço de Melo, da Anadia (Povoa do Gago) 1119 (1066). Acha-se muito incomodado, assim, aqui, á frente, na boça do *estomago*, com um *calor nas costas*, parece que sente dentro *qualquer coisa doente*. As aguas que verte no vaso, pareciam farelos, como nunca lhe tinha sucedido. Prisão de ventre *permanente*.

Manuel Baptista Ferreira dos Reis, 1.164. De noite, sente «dores no *estomago*» com *aflicção*, mesmo tambem na *cabeça*.

Manuel Marques — 1107. Sente as mesmas dores no fígado.

Antonio Martins, 1108; idem, idem.

Maria Rosa d'Azevedo, de Fermelã (Estarreja). Sente o pescoço hirto e dorés na cabeça e quer vira-la para qualquer lado e não pode, corresponde-lhe ás costas.

José da Costa, de Braga, 1.163, (1116) a dose minima dava-lhe *soltura*, as doses grandes *prisão*, pirosis, mau gosto na boca, *enfartamento no estomago*, dores de cabeça, desde os primeiros dias, emagrece, como sente pela roupa mais larga.

Manuel Raimundo, de Sobreira Rosa, 1.124. Sente a lingua «com capa».

José Rosa, 1.125. Correm-lhe as dores o corpo e tem tido diarreia, etc. e *rebutaram-lhe os beiços*.

Maria Rosa dos Prazeres, da Povoa de Varzim, 1.157, sente aflições e falta d'ar, e não dorme, *parece que a agua lhe ataca os nervos* e esta dôr aqui, não pode carregar no estomago e fígado, sempre com muitas dores e «*soltura*» logo ao segundo dia, e ontem (no fim do tratamento) esta falta d'ar, *esta aflicção, que parecia que estava a morrer* «tiveram que mandar chamar o meu filho, que estava no animatografo».

Maria Almeida da Fonseca, de Femerlã, Estarreja, 1128. Começou a achar-se muito mal com as aguas, faz domingo oito dias... *dores nas costas, muito aflita, não sabe o que tem; o corpo treme-lhe muito e sua muito*, mesmo deitada na cama.

Jaime das Santos Sá, 1040 (809). Uma a duas horas depois das refeições sente dificuldade em fazer a digestão, acompanhada de dores. Teve a *crise*, mais de sete vezes por dia e continua, com o cortejo costumado. «*Será possível que a agua me faça mal ao estomago, será?*» Far-me-ha a agua mal ao estomago?

Pedro Ribeiro Lopes, 1101. Chegou a *bater o dente com frio* e depois febrão. Nunca tinha tido febres palustres, pois de tarde á hora do jantar tinha febre a 39°.

José Vicente da Costa, de Rebordelo, (Vinhaes). *Dorés aorticás* e prolongando-se pelo braço esquerdo, *angor pectoris, especialmente depois da agua*.

Lago Cerqueira, filho — *Aparecem-lhe sicosis que não tinha, que não costumava ter* — e não é o único a quem isso sucede.

Sebastião Cruz, do Porto. Vem visitar a esposa ao Gerez, e só com a a agua potavel, está á morte em estado sincopal.

O sr. X. Franco, de Lisboa — Fortes hemoptises lhe apareceram aqui pela primeira vez. Mando imediatamente suspender a agua.

Antonio Lopes de Vasconcelos Barradas, de Taboço, 1264 (1531). Depois d'aqui tomar a agua torna a ter varias *colicas hepaticas*.

Maria dos Santos, de Almeirim, 1140. Sente afrontamentos e dôr nas costas, calor no interior, e falta de ar. *Diarreia desde que entrou até que saiu*.

Luiz Gomes Calado, de Agonias, Almeirim, 1141. Cresce-lhe aqui, a agua na boca, em fio (ptialismo).

Manuel Francisco Carriço, de Fazendas de Almeirim, 1132. Sente o corpo *dormente da cintura para cima*, braços e tudo, aflição no peito e corre-lhe pela garganta acima....

José Antonio Gomes, de Matosinhos, (Santa Cruz do Bispo) 1074 — Expele «duas pedras» e areias e *nesse mesmo dia* começaram nevralgias fortes, principiando no peito, correndo o pescoço, face e cabeça, e aumentou-lhe a tosse, e cansa muito, tem cansado muito.

Violeta da Cunha, 1246. No ano passado foi daqui muito mal, dores» enfartada, chegou lá e foi para a cama. Via-se a luz através ela — *ia transparente*. Em todo o caso teve que ir aos raios X. Disse o Dr. Pinto Leite «*que tinha o estomago em misero estado*», «*sangue na boca*» (estomatite hemorragica).

A esposa de D. Francisco de Serpa Pimentel, r. em Setubal, apparece-lhe uma «congestão dos ovarios» no final do tratamento que o medico *imediatamente* diagnosticou, com o que ficaram muito satisfeitos.

O tenente-coronel Valente da Costa, r. em Braga. No meio do tratamento é insuportavel a *dôr no coração*, especialmente pre-sternal. Vem, muito palido, consultar-me.

O Dr. Simões Raposo, advogado em Loanda, sente-se muito mal, estado que dura e se agrava um mez depois, em Lisboa, *quer voltar ao Ge-rez* por conselho dum medico, o que em contrario e não vai então.

A esposa do sr. Augusto Carlos Farinha, Lisboa, com doses pequenas sente-se tão fraca, que tem de deixar de tomar a agua.

Paulino Montez, das Caldas da Rainha. No final, declara-se uma periostite, com ameaços de repetir a *sinosite*.

Uma prima do Dr. Cordes da Ponte, idem.

O sr. Ernesto Empis, de Lisboa, 1.057 (1902) *Parece que se lhe arranca o intestino*. Como quem estivesse moído e cansado das pernas. Moinha nos intestinos e vai aos rins e ia tambem ás costas e parecia que não podia respirar. Depois veiu a *diarreia*: emagrecimento, fraqueza, palidez... Sente «imensas colicas» no intestino, fezes completamente liquidas, 11 vezes por dia. Casualmente, soube que em Lisboa, pela primeira vez tivera (depois da cura) «hemoptise» ou «escarros hemopticos».

Guilherme de Souza Prata, de Santa Comba Dão, 1.027 (748) Apresenta uma *adenite inguinal bliateral*, e disenteria intensa.

João Rodrigues da Cruz, de Albergaria a Velha, 1020 (724) *As urinae* muito *carregadas e reduzidas* — parece que se cortam á faca.

Augusto d'Alcantara Bragança, de Nova-Goa, 1115 (1.078) dos telegrafos de Angola. Refere que acorda sobresaltado sente faltas d'ar e emagrecimento.

Justina Costa, do Porto, 1072 (964) Esposa do sr. Afonso Costa, do Porto. Quando chegou ás doses medias, quando quer subir as escadas do hotel, em chegando ao meio, tem de parar. Muita prisão de ventre, e depois diarreia. *Logo que a agua lhe cae no estomago sente umas colicas...* Refere ainda *prurido*, muita fraqueza, com redução das urinas.

Antonio Joaquim Teixeira de Magalhães, de Alijó (Castelo do Douro) Quando toma as *primeiras doses d'água* faz-lhe logo peso no estomago fica cheio, incomodado.

A esposa do sr. Antonio Martins de Silva de Oliveira de Alijó

*Pede-se para se enviarem quaesquer esclarecimentos,  
a este respeito, ao Dr. A. Rita Martins, Professor da  
Escola Colonial, edificio da Sociedade de Geografia,  
Rua Eugenio Santos — Lisboa.*

Jose Lopes Coeiro, de Cabeção, 1.162 1.195 Tem uma colica ao 2.<sup>o</sup> dia e soltura e não pode dormir.

Xavier Vieira e sua Esposa, D. Maria Izabel Vieira, de Lisboa. Esta tem nauseas, vomita as refeições, e de madrugada sobrem-lhe uma colica hepatica, e tem que me mandar chamar. Ele tem taes cefalalgias, que tem de *atar* a cabeça.

Albano da Silva Almeida, 1021, (717) Teve diarreia quotidiana, de dia e de noite, com dores fortes, com tenesmo violento.

D. Maria Veloso, de Lisboa. Teve violentas metrorragias, que duravam já ha dias tendo que me mandar chamar (15-7.) — que as *menores doses d'agua exacerbavam e faziam reaparecer*.

D. Onelia Saldanha, de Lisboa. Depois que foi ao Gerez é que ficou sofrendo do estomago intestinos e figado. Recusa-se á *familia a lá voltar*. — Vai tu, diz para a irmã.

Adelino Vicente, de Ancião, 1.059 (895). Assim como quem vai de uma jornada de longe, logo ao fim de tomar a *agua quatro dias*, apareceram-

O sr. X. Franco, de Lisboa — Fortes hemoptises lhe apareceram aqui pela primeira vez. Mando imediatamente suspender a agua.

Antonio Lopes de Vasconcelos Barradas, de Taboço, 1264 (1531). Depois d'aqui tomar a agua torna a ter varias *colicas hepaticas*.

Maria dos Santos, de Almeirim, 1140. Sente afrontamentos e dôr nas costas, calor no interior, e falta de ar. *Diarreia desde que entrou até que saiu*.

Luiz Gomes Calado, de Agonias, Almeirim, 1141. Cresce-lhe aqui, a agua na boca, em fio (ptialismo).

Manuel Francisco Carriço, de Fazendas de Almeirim, 1132. Sente o corpo *dormente da cintura para cima*, braços e tudo, aflição no peito e corre-lhe pela garganta acima....

A esposa do sr. Augusto Carlos Parreira, Lisboa, com essas pequenas sente-se tão fraca, que tem de deixar de tomar a agua.

Paulino Montez, das Caldas da Rainha. No final, declara-se uma periostite, com ameaços de repetir a *sinosite*.

Uma prima do Dr. Cordes da Ponte, idem.

O sr. Ernesto Empis, de Lisboa, 1.057 (1902) *Parece que se lhe arranca o intestino*. Como quem estivesse moído e cansado das pernas. Moinha nos intestinos e vai aos rins e ia também ás costas e parecia que não podia respirar. Depois veio a *diarreia*: emagrecimento, fraqueza, palidez... Sente «*imensas colicas*» no intestino, fezes completamente liquidas, 11 vezes por dia. Casualmente, soube que em Lisboa, pela primeira vez tivera (depois da cura) «*hemoptise*» ou «*escarros hemoptoicos*».

Guilherme de Souza Prata, de Santa Comba Dão, 1.027 (748) Apresenta uma *adenite inguinal bliateral*, e disenteria intensa.

João Rodrigues da Cruz, de Albergaria a Velha, 1020 (724) *As urinae* muito *carregadas e reduzidas* — parece que se cortam á faca.

Augusto d'Alcantara Bragança, de Nova-Goa, 1115 (1.078) dos telegrafos de Angola. Refere que acorda sobresaltado sente faltas d'ar e emagrecimento.

Justina Costa, do Porto, 1072 (964) Esposa do sr. Afonso Costa, do Porto. Quando chegou ás doses medias, quando quer subir as escadas do hotel, em chegando ao meio, tem de parar. Muita prisão de ventre, e depois diarreia. *Logo que a agua lhe cae no estomago sente umas colicas...* Refere ainda *prurido*, muita fraqueza, com redução das urinas.

Antonio Joaquim Teixeira de Magalhães, de Alijó (Castelo do Douro) Quando toma as *primeiras doses d'água* faz-lhe logo peso no estomago fica cheio, incomodado.

A esposa do sr. Antonio Martins da Silva, de Oliveira de Azemeis, Quinta da Portela. «Está á morte» uns poucos dias. O medico quer sangra-la o que eu, chamado tambem (conferencia) evito.

Armando Artur Teixeira Machado, de Mirandela, 1.045 (855) Sentia fortes dores rectaes e no anus e já depois disso notou duas vezes, *depois dessa dor, a roupa manchada de sangue*. Nunca teve hemorroidas.

Fortunato Mendes de Carvalho, 1.135 de Fafe, sente o *estomago inchado*, dores e pirosis e prisão de ventre, tendo até que recorrer aqui aos purgantes.

José Falcão, de Tortozendo 1.109 (1080) Ha tres anos no fim do tratamento teve aqui um forte acesso palustre, que *continuou depois e tratou em Espinho*.

Dina Carvalho da Silva, de Coimbra, 1005, 648. Diminuiu muitos quilos, pirosis, falta de apetite e aparece-lhe *um corrimento branco* que não tinha (leucorreia, vaginite?)

D. Maria dos Prazeres Saraiva, de Freixedas, Pinhel. Vem de proposito ao Gerez pagar uma promessa que fizera a S. Bento, no ano anterior, e mandando-me chamar, apresentam-lhe outro medico. Torna a mandar-me chamar. Muito fraca, sempre muito fraca, e *edemas palpebraes*.

José Lopes Coelho, de Cabeção, 1.162 1.195 Tem uma colica ao 2.<sup>o</sup> dia e soltura e não pode dormir.

Xavier Vieira e sua Esposa, D. Maria Izabel Vieira, de Lisboa. Esta tem nauseas, vomita as refeições, e de madrugada sobreveem-lhe uma colica hepatica, e teem que me mandar chamar. Ele tem taes cefalalgias, que tem de «*atar*» a cabeça.

Albano da Silva Almeida, 1021, (717) Teve diarreia quotidiana, de dia e de noite, com dores fortes, com tenesmo violento.

D. Maria Veloso, de Lisboa. Teve violentas metrorragias, que duravam já ha dias tendo que me mandar chamar (15-7.) — que as *menores doses d'agua exacerbavam e faziam reaparecer*.

D. Onelia Saldanha, de Lisboa. Depois que foi ao Gerez é que ficou sofrendo do estomago intestinos e figado. Recusa-se á *familia a lá voltar*. — Vai tu, diz para a irmã.

Adelino Vicente, de Ancião, 1.059 (895). Assim como quem vai de uma jornada de longe, logo ao fim de tomar a *agua quatro dias*, apareceram-

lhe as *pernas inchadas*. — Queixam-se por ai (informa-me ele) que a agua que é terrivel, que faz mal aos intestinos, etc. A ele incharam-lhe as pernas o que *nunca sucedera* — edemas, por fim com *godel*.

Williams Oram, r. na Quinta de *Monserate*. em Sintra. Não tem dor-mido nada, desde que começou o tratamento, e passou a ter as *dores continuadas*, como não lhe sucedia — (*gastralgias?*) As dores e as azias — *ai! as azias!* — agravam-se-lhe e sente dores na região *pre-sternal*. Sente correr o suor pelo corpo, mesmo quando está deitado. Dores nos rins, tendo que se levantar e sentar de noite na cama. Informa mais que vem aqui ha muitos anos, que *ultimamente* por causa das desconfianças de *cirrose* foi aos raios X, e que apresenta um espasmo rectal e anal, aconselhando-o eu a fazer uma dilatação, o que o seu medico inglez depois lhe confirma.

O sr. Diogo Joaquim de Matos, do Porto. Sente sempre enquanto aqui está o *estomago inchado* e azias «*formidaveis*» urticaria e grandes pruridos, principalmente nas pernas, tendo que receitar-lhe medicamentos para uso da externo.

Um doente conhecido do senhor Diogo de Matos, pergunta-me se deve fazer varias *cúras* por ano no Gerez como soube que um medico local lhe aconselhara, eu respondo que não, obedecendo ele — com fenomenos *ataxicos* — continua vindo ao Gerez, contra meu conselho e... naturalmente piorando.

Rosa Domingues, de Fafe (Cirrose atrofica ?) mais uma paracentese e volta para a terra por esmola dum brasileiro.

Francisco José Gonçalves Vieira, de Vieira, 1083 (1.000. Sente zueira na cabeça e nos ouvidos, um «*bocadinho*» *afrontado* e um «*bocadinho*» de azia, alem da disenteria e dos puxos — colicas e mau estar e com os banhos aparece-lhe uma *erupção* muito *pruriginosa*.

Jacinto José Pinto, de Braga, 1183 (1.258) já ha anos que se tinha curado da blenorragia — pois, reaparece-lhe com cefalalgia, uma intensa *uretrite* com forte corrimento.

Sofia dos Anjos Cunha, de Vinhaes, Rebordelo, 1.064 (936). *A seguir a tomar a agua da Bica é levada em braços* para a hospedaria portuguesa, *apos uma sincope*, como igualmente sucedera no ano anterior ao seu *conterraneo* José Vicente da Costa.

D. Maria do Carmo Falcão de Almeida, do Fundão, 1.110. Começa a sentir uma *dôr muito forte nas cruzes e febre*, tendo que retirar só com dez dias de tratamento, tendo então febres altas e chegando a casa com 40.º. Isto foi em agosto e no fim de Setembro teve uma *colica* grave. Houve um ano que só tomava dez grammas d'agua, estava fraquissima, constantemente caminho da retrete. Mais de 7 — sete curas no Gerez, desde que teve a primeira colica, mas tem continuado a senti-las. Está tão fraca que os medicos — é esposa de um distinto medico — receiam alguma coisa maligna

D. Maria do Carmo Falcão, sobrinha da anterior. Não pode tomar duches aqui, porque fica *todo o dia a dormir*. As aguas tiram-lhe a vontade de comer e fazem-lhe dores nas costas. Agrava-se-lhe o *eczema humido*

debaixo do braço. E por fim... — escarros hemoptoicos — congestão pulmonar!...

Manoel Lopes, de Montemor-o-Novo, 1.121 (1.089). No ano passado teve *muitos meses* uma especie de *diarreia*, depois de ir d'aqui.

José Domingues da Silva, de Lisboa, ali residente 1.029 (763). Sentiu desde o primeiro dia pontadas no baixo ventre, ia á retrete com puxos, evacuava com grande ardor (tenesmo) que lhe *parecia* que *lhe tinham deitado pimenta no recto*, e sentia que o *coração não estava bom*, que *trabalhava fóra do seu natural* costumado «e tem ouvido a muitos outros o mesmo».

D. Lucília Saldanha, de Lisboa. No Gerez, no ano passado, esteve sempre de cama, tinha sempre vomitos. Quando veiu de lá: *fastio*, cansaço e *prostação horrivel*, não podia nem tinha força para fazer nada: teve que levar injeções de estricnina: e tinha colicas quasi todos os mezes. Este ano? Muito bem. Só teve três «colicas!»

José Alves, de Proença a Nova, r. no Rio de Janeiro, 1.094 (1.029). Sente nos dedos prurido, formigueiro e aparece-lhe uma grande supuração num ouvido (*otite*).

Alfredo Ferreira dos Santos, de Lisboa, R. de Bento, 608, r/c, 1.178 (1.230). Depois de vir sete anos ao Gerez, sente *pontadas no baço*, e tem o *figado atrofiado*.

Olimpia do Couto Beleza, 1.187, teve depois d'aqui ir, em Entre-os-Rios, muitos dias com *colica* no figado e no *baço*, e ainda outra, etc.

Estefania do Couto Moraes, do Pinhão, 1.189 (1.281). Quando toma a agua, sente-se muito fraca.

Madame Marques, de Areias, Ferreira do Zezere, tem diarreia sanguinea, e muitas dores, «*cursos de sangue*» — o sangue vem com muita força, parecem tripas com sangue, outras vezes, de noite e de dia, principalmente de manhã, não faz outra coisa.

David Antonio d'Almeida, de Santarem, r. em Lisboa, 1.166 (1.176). Ao fim de vir 10 (dez anos) ao Gerez sobrevem-lhe uma *colecistite* supurada e que em Lisboa o cirurgião classifica de operação mais grave da sua vida.

Alberto de Souza Alves, funcionario dos correios de Braga, 1.070 (968). Ha dois anos, aqui no Gerez, meteu-se no banho e ficou sem força para sair. Passou então «um hospede», e como a porta por acaso tivesse ficado entreaberta, disse-lhe que «*estava em perigo*» e levou muito tempo sem se poder vestir, com um calor enorme na cara «parecia-lhe que finha caído num forno (*congestão cerebral?*) Foi isto logo no 1.º banho. Começou a sentir-se mal, um *pesadelo* na cabeça e um calor interior... — e o banho *era só a 36.º*... Refere ainda que lhe seca a boca depois de tomar a agua. Sente aqui sempre á boca muito seca. Torna a procurar-me sente-se muito mal: *urina muito pouco* e parece que se cortam e são côr de café. Desaparece (foge) do Gerez... no fim do tratamento...

A menina Maria Helena Barbosa, de Paços de Ferreira, 1.154, 1.155. No ano passado, depois de ir daqui teve três colicas.

D. Silvia Cardoso Ferreira da Silva, de Paços de Ferreira. Nos anos anteriores, diz que no Gerez, não respira bem, falta-lhe o ar.

Antonio Alves Junior, de Proença a Nova, 1.095 (1.028). Esteve o ano passado no Gerez, o qual pouco lhe fez, mesmo á prisão de ventre. Ainda tomou clisteres, mas não lhe fez efeito. Sentiu no banho muito calor nos rins, como fogo, como uma chamasinha a queima-lo.

Deolinda Simões Bastos Soares, do Porto, esposa do sr. Antonio Augusto Soares, não se deu bem com as lavagens aqui, tendo-lhe até feito muita prisão de ventre e até parecia que *perdia os sentidos*.

Seu marido, funcionario superior da Repartição de Minas, 1.081 (34). A agua produzia-lhe muita ardencia e mucosidades, *parecia que sentia chumbo derretido* no recto.

Ana Amelia Pereira da Costa, de S. Tiago de Oliveira de Azemeis. (Couto de Curcuães), 1.092 (1.019). Seu marido, o sr. Gomes da Costa. Da outra vez, quando saiu d'aqui em 1920, durou-lhe *mais de três meses a diarreia*.

Jaime dos Santos, de Coimbra, r. no Porto, 1.040. Vem perguntar-me se *as aguas dificultam a digestão*, pois passadas horas sente calor, arrotos, vem-lhe á boca saliva *com vontade de cuspir*, (ptialismo) dores...

Manuel Raimundo Sobreiro Rosa, de Colmeias, Leiria, Obesidade — *Ainda esteve muitas semanas com os olhos amarelos depois d'aqui* ir no ano passado, a ictericia só cedeu, bem como os *vomitos*, a causticos que originaram supurações, e a vomitorios.

Celina B. da Cunha Soares, 1172, (1.200). Depois de seis curas Gerezianas, os clisteres fazem-lhe prisão e dores muito grandes.

Os doentes do Dr. Galiano de Abreu, de Setubal, em 1924, um teve uma prostatite; o outro em 1925 tem colicas, o diabo — diz (nessa altura) que acha que deve ir ser operado. Ele proprio tendo tido uma sinusite do maxilar, toma, contra meu conselho, banhos quentes, mas reconhece breve que é melhor parar com essa terapeutica, embora externa.

Abel José Fernandes, de Vila Real, Juiz da Relação de Loanda, 1009 (6083). Logo a 1.<sup>a</sup> dose d'agua lhe fez *diarreia* que se manteve durante todo o «tratamento» (12 dias) e no penultimo dia sentiu uma hemorragia rectal abundante (calcula 2 decilitros de sangue) — duas vezes de manhã, mais ligeira, e de tarde outra, tendo numerosas dejeccões, mais da parte da manhã, com puxos. *A lingua continua suja. Sente mau gosto na boca desde que chegou*.

Tomaz Fitas Figueiredo, de Vila Boim, 1.046 (854). Sente dores no estomago e intestinos e teve que tomar purgantes aqui, continuando a «muitissima prisão» de ventre, ficando com enchimento abdominal, muito alterado, dores nos angulos dos quadrantes superiores abdominaes... e cada vez pior.

Madame Roldan y Pego, esposa do Presidente do Conselho de Minas, parece que não se deu bem com o tratamento — pelo menos passou depois mal.

A mãe do Dr. Cordes da Ponte, tem passado mal e o Gerez, *pelo*

*menos* não lhe fez bem. Veiu-me o colega perguntar se lá deve voltar, digolhe que não.

O sr. H. Carvalho, estudante da Universidade de Coimbra — tem varias hemoptises *sem lesões* pulmonares. Está na Guarda.

D. Flora Vieira da Silva, de Vieira, r. no Mosteiro, 1.001 (626). *Sentia ardencia* até á noite logo que tomava a *agua* e no fim do tratamento sentia principio de colica. Os pés incharam-lhe como nunca. As *urinas*, poucas, barrentas e fermentadas.

O Dr. Barbosa, professor do Liceu, com um descolamento de retina, está a tomar a *agua* ha dois anos — é de arripiar os cabelos.

D. Maria Eulalia Correia Arez, r. na Foz do Douro — Sem passar da *agua potavel* pois a medicinal acheia-a contra-indicada. Reacende-se-lhe um fôco bacilar pulmonar congestivo, com temperaturas altas (39°-40°) e tem ir de automavel, por eu entender que era melhor do que... *esperar* o automaca que para Braga se tinha pedido pelo telegrafo e costumava vir buscar os doentes nesse estado. Em casa esteve muito mal.

Dr. Fernando Waddington, de Lisboa, assistente do Instituto Central de Higiene. Em 1923 tem aqui uma *gastro-enterite*, e põe-se ele proprio só a *agua* — sem ser *medicinal*, uns poucos de dias: o estomago não lhe tolerava nada. «Estive muito mal». Nos anos seguintes continua a lá ir, mas oiço dizer-lhe: «*Em parte alguma me sinto tão mal como aqui*».

O General Pereira Bastos, de Lisboa. Apesar das doses pequenas que lhe prescrevo, tem constantemente sonolencia, não pode fazer nada. Perde o apetite de todo, sente-se tão enfartado que nem pode beber o habitual chá ás refeições: «Não me sinto bem aqui» — diz-me á mesa. Sente ameaças de *sciatica*, no fim da «cura». E as urinas por causa do que viera, não deixam de ter a cor das dos ictericos.

A menina Maria Antonia, que tocava muito bem piano, filha de um capitalista do Porto, o sr. J. do Carmo Almeida (?), estava eu no animatografo vão-me chamar á pressa: tinha sentido uma *coisa* (ictus) — no dia seguinte (final do «tratamento») declara-se *gastro-interite febril*. O pai foge com a filha.

Madame Almeida Ribeiro, esposa do Prof. da Universidade de Coimbra, fez uma *miocardite*, ou se agravou, com febre a 40°, pés inchados, colapso — esteve á morte, com applicações cutaneas quentes; o medico chamado á pressa, vai lá tres vezes por dia.

Dentre os doentes cujo estado se agravou e que faleceram, a maioria poucos meses depois, recordo-me de alguns mais conhecidos, cujo nome ligava á pessoa:

O sr. Beça, do Porto, após operação (colecistite?) consecutiva á cura.

D. Zulmira Falcarreira, de Lisboa—foi encontrada morta no leito, de manhã, pouco tempo depois da sua *ultima* cura no Gerez.

D. Maria Rosete Carmelo Moraes de Magalhães, de Redondo. Reacende-se a tuberculose que a leva.

Miguel Machado, de Braga, com cirrose hepatica.

Madame Torre do Vale, já muito velhinha, mas lá foi.

Dr. Pereira Coelho, de Beja, com cancro do estomago.

O sr. Tavares, de Viseu (?) — Conhecido da familia Sacramento Monteiro, com cirrose hepatica.

O Dr. Francisco Stomp, de Lisboa, depois de ter... melhorado.

O Coronel Guedes de Andrade, de Lisboa, depois de ter melhorado.

D. Leonor Evangelina de Brito e Almeida, de Coimbra.

Conselheiro Vieira de Campos (?) ou Castro, de Fafe — morre um mez depois, com cancro da prostata.

O sr. Romariz, do Porto, que tinha esta do no Gerez — não sei se no ano anterior ao da morte.

Dr. Antonio Bernardino Roque, de Lisboa, cancro da prostata, no natal seguinte.

Condessa de Silves.

Gregorio Henriques, da freguezia de Poiares.

Um filho do brasileiro sr. Joaquim Dias, (?) que, sem tomar a agua mineral, ao voltar do animatografo, depois de beber um copo d'agua (em 1923, no Hotel Ribeiro) cae com *edema pulmonar* morrendo na manhã seguinte. (Caso observado pelo Prof. Elisio de Moura).

General Jaime Leitão de Castro.

Manuel Augusto Castelo, de Lisboa — cirrose hepatica.

O sr. Antonio Thomaz dos Santos Junior, do Porto, — cirrose hepatica.

O sr. Lelo, do Porto. — cirrose hepatica.

A filha do sr. Bastos, da Povoia de Lanhoso. Tuberculose galopante.

D. Zuleika Gisela de Mendonça e Sales, de Lisboa, 2 mezes depois.

José Thomaz de Sousa Pereira, de Lisboa, dois mezes depois.

Marino Sepulveda Afonso, de Lisboa, cancro do pancreas.

José Nunes Ereira, de Lisboa, operado de colecistite (?) creio que depois de ter estado no Gerez : continua ali indo 2 vezes por epoca: e morre... com cirrose do estomago, depois de ter... melhorado.

Antonio Bernardino dos Santos Martins, r. em Alcochete, morre depois de ir em 1925 ao Gerez, com cirrose atrofico-hipertrofica hepatica.

No «*haute volée* termal» muitas victimas ha a lamentar, entre elas o conselheiro Carlos Lobo d'Avila, Conde de Valbom, falecido de uma «angina pectoris», em 9 de Setembro de 1895, pouco tempo depois de ter estado no Gerez. Um dos onze *vencidos* (leia-se vencedores) *da vida*, e, segundo João Franco, «a esperanza mais viridente, mais fundada e mais larga que havia entre os politicos portugueses». Frequentador habitual do Gerez, onde na ultima cura realizou uma caçada de que as revistas da epoca falaram, morre a seguir em Cintra, sendo ministro dos negocios estrangeiros. Levando as mãos ao *estomago*, o malogrado politico ainda disse: «Meu Deus, que dôr, eu morro!» Sua ilustre irmã, a sr.<sup>a</sup> Marquesa de Tancos, atribue a morte a afastamento da dieta gereziana n'um jantar do paço. Vi um retrato, rubricado do Gerez pelo ilustre morto. Tem interesse recordar que na *conferencia*, os medicos divergiram: houve quem sustentasse que não se tratava de angina pectoris, tendo-se falado ainda em congestão pulmonar e — *hepatica*.

Muitos mais doentes, aquistas do Gerez, perderam a vida, sem que se lhes podesse fixar o nome, nem é possível esta estatística, pois os pacientes dispersam-se e a morte attribue-se a outras causas...

Em 1924 lembro-me bem — como poderia esquecê-lo? — de ouvir dizer — e, triste é confessá-lo, com indiferença: «Muitos doentes morreram este ano, dos que vieram ao Gerez!... Por toda a parte, em Santarem, em Fafe... foi uma razia!...»

Ainda ha dias vi, num jornal do Porto, o nome de uma senhora falecida, que não me é desconhecido do Gerez, mas como não tenho a certeza não o junto a este quadro de morte.

— Mas estes efeitos estão em completa contradição com os descritos pelos tratadistas gerezianos?!... — Não estão tal!

As poucas observações clinicas publicadas, confirmam, pelo contrario, as nossas conclusões. Assim na *Tese de concurso* citada do Dr. Alberto d'Aguiar, descrevem-se sete observações da clinica gereziana. Vamos coligir da maioria desses casos exclusivamente os efeitos que reputamos mais importantes como *syntomas* da acção da agua termal:

«*Observação IX* — As dejeções veem na primeira cura misturadas com sangue, coisa de que já soffria (hemorragias rectaes («*volumosos coa-lhos sanguineos intactos*»)) — *mas não com tal intensidade*. Sem que se podesse colher informações sobre a evolução final da doença, *morre* dois mezes depois.

*Obs. XIV* — «*Cliente habitual do Gerez*»: «*Posta no uso da agua sobreveiu-lhe passados oito dias uma violenta colica seguida de ictericia*.

*Obs. XIX* — *Mantem-se na mesma*. As aguas do Gerez de que o doente faz uso *não tem beneficiado o estado hepatico*.

*Obs. XX* — ... Tendo as *cefalalgias-intercorrentes* cedido ao bromidrato e valerianato de quinina».

No conhecido e justamente apreciado trabalho *Les eaux thermales de Gerez dans le traitement des cirrhoses du foie*, do Dr. Augusto Santos, figuram casos clinicos desde 1895, e tendo a obra data de 1906, contendo casos referentes a 1905, abrangendo portanto um periodo de doze anos, com muitos milhares de doentes e observações de muitas dezenas de cirroses, e natural seria que o malgrado e honrado clinico escolhesse os mais favoraveis á tese que ia defender pois dos 14 (quatorze) casos clinicos que o Dr. A. Santos nos apresenta, são apenas aparentemente favoraveis três — e apenas um sobrevive, que eu peço licença para apelar a *Joa-na d'Arc* do Gerez, que observei, e da qual guardo a fotografia, e que resistiu de facto *às curas gerezianas*.

Dos outros onze, *quatro* foram rapidamente *fatais*, e nos

# LABORATORIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

FUNDADO POR

CAMARA PESTANA

Análise da urina remetida pelo Ex<sup>mo</sup> Sr. João Jorge da Silveira e Paula

Volume em 24 horas. 1100 centímetros cúbicos. Cór n.º 4 da escala de VOGEL. Densidade a 15° 1.031

Aspecto Um pouco turva

Reacção Ácida Acidez, expressa em ácido fosfórico, por litro

Albumina	Serina.....	Não tem	Antes ur	
	Globulina.....	Não tem		
Peptona.....	.....		Veloc	
Açúcar.....	<u>30,80 gr.</u>	<u>33,86 gr.</u>		200 100 0 Normal

Acetona Não tem Ácido diacético Não tem

Índoxilo Normal Cromogénio da urobilina Normal

Substâncias pigmentares Normais

Toxicidade urinária

Exame microscópico do sedimento Cristais de oxalato de cálcio e de fosfato bicálcico. Células epiteliais pavimentosas. Alguns leucocitos. Filamentos de muco. Raros espermatozóides.

Observações

[Redacted]

*Orsettancom*

Lisboa, 30 de Maio de 19 25

Antes da «cura»: com 53,88 grs. de glicose nas 24 horas e sem albumina.

# LABORATÓRIO DE ANALISES CLÍNICAS

FUNDADO POR

CAMARA PESTANA

Análise da urina remetida pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Jorge da Silveira e Paulo

Volume em 24 horas 1620 centímetros cúbicos. Cór n.º 4 da escala de Vogel. Densidade a 15° 1.030

Aspecto Um pouco turva, com sedimento de ácido úrico

Reacção Ácida Acidez, expressa em ácido fosfórico, por litro

Albumina	Serina.....	0,130 gr.	0,210 gr.
	Globulina.....	----	----
Peptona.....	.....	----	----
Açúcar.....	.....	29,15 gr.	47,22 gr.

Ácido uric	
Volume	
	200 190 180 170 160 150 140 130 120 110 Normal 90 80 70 60 50 40 30 20 10 0

Acetona Não tem Ácido diacético Não tem

Indoxilo Normal Cromogénio da urobilina Normal

Substâncias pigmentares Normais

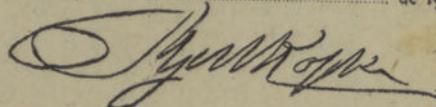
Toxicidade urinária

Exame microscópico do sedimento Alguns cristais de ácido úrico. Raras células epiteliais pavimentosas Raras glóbulos brancos. Filamentos de muco. Raros cilindros hialinos.

Observações

20 \$ 00

Lisboa, 28 de Setembro de 1925



*Depois da «cura»: diurese aumentada, mas com sedimento de ácido úrico, subindo o açúcar a 47,22 grs. e aparecendo 0,210 grs. de albumina..*

restantes sete, são *duvidosos* os resultados  *finais*, transparecendo, porém, em quasi todos, os *acidentes patológicos* que, em *luta* com a agua, esta lhe provoca, *electivamente do lado do figado*:

*Observação I*—Convenientemente aconselhado chega ao Gerez, em 1895 sem ascite, com ictericia. Ao fim de *oito dias* «estava melhor» (não curado) da ictericia e o figado diminuido. Não se descrevem mais pormenores do tratamento; naturalmente o doente retirou-se—*Só oito dias!*

Ignora-se pois a restante evolução da doença.

*Obs. II*—Chega ao Gerez em Junho de 1895. Com 16 dias *d'agua não ia melhor*. «As fezes apresentam-se misturadas com sangue, *um pouco mais do que antes*. Com 30 dias de agua «não tem alteração sensivel» (?) mas o «peso diminuía, o doente expele com as dejeções numerosas coagulos sanguineos». Cuida-se que abusou de alimentação, mas não se mencionam os abusos. «Partiu poucos dias depois e *morreu* passados dois meses».

*Obs. III*—Depois de varias estações, *duas no Gerez*, vem fazer nova cura. Com 18 dias d'agua «o estado do doente» não se modificou, as perturbações hepaticas não terem sido beneficiadas pela cura.

Apesar do *azoto da ureia e total augmentarem*, *morre* dois anos depois «do progresso da sua doença».

*Obs. IV*—Sabe-se apenas que apos onze dias d'agua se fez nova analyse de urina, cuja côr amarelo avermelhado tinha passado para amarelo—claro e que o estado do doente se apresenta «muito melhorado», mas desconhece-se a restante evolução da doença.

*Obs. V*—Cirrose de Laenec que cede apos uma 1.<sup>a</sup> paracentese feita no Gerez, onde a ascite *augmentou*. «mas» esteve só *treze dias* talvez por isso, a *Joana d'Arc do Gerez*, ainda é viva—e ainda bem!—mas melhorou em casa.

*Obs. VI*—A diurese atinge 3600<sup>cc</sup> com augmento *concomitante* da ascite. Faz-se agora no Gerez a 6.<sup>a</sup> paracentese. Apos vinte dias, sai. Apos 41 dia da cura faz-se a 7.<sup>a</sup> paracentese, que deu 16 litros. 2.<sup>a</sup> cura— a ascite é *moderada* 25 dias de cura, ascite quasi desaparecida. Em 1905 estava bem: mas como terá evoluído o caso?

*Obs. VII*—Já antes do tratamento a ascite aparece e desaparece: chega ao Gerez *depois de paracentese*. Urina. no Gerez, 4<sup>l</sup> *por dia*. A' sua saída a ascitea «quasi desaparecida». No 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> dia do tratamento da 2.<sup>a</sup> cura tem *forte diarreia*, com «alguma» *anorexia e febre*, dejeções «liquidas» mas «sem dôr». Pois quando volta: «O figado entrou nos seus limites normais mas descobre-se-lhe *cilindruria* e 3,26 d'albumina por litro. Depois— continuou a vir todos os anos, mas com o alcool *piorou*».

*Obs. VIII*—No 15.<sup>o</sup> d'agua a diurese «atingiu» 1200<sup>cc</sup> e fez-se-lhe a 3.<sup>a</sup> paracentese (1.<sup>a</sup> no Gerez) que deu 11 litros. *A ascite reproduziu-se muito depressa*. O doente saiu depois de uma cura de 33 dias «*magro, palido, grande abdomen*». Volta ao Gerez mês e meio depois, *após nova paracentese* (14<sup>l</sup>) 53 dias de cura: em casa *duas novas paracenteses* de 14<sup>l</sup> e 16<sup>l</sup>; 3.<sup>a</sup> cura, 2.<sup>o</sup> ano: a urina vai a 3200<sup>cc</sup> enquanto a ascite sobe egualmente e

enquanto teem de se fazer tres paracenteses (quadro de pag. 40) pois passados 17 dias a ascite atingira o grau anterior, *urinando 3,200 litros por dia* (certamente esta diurese corresponderia a uma *nefrite intersticial*, ao que parece. <sup>(1)</sup> No mesmo ano, 4.<sup>a</sup> «cura» e nova paracentese (12<sup>1</sup>); novas «curas» 2 por estação, nos anos seguintes. Finalmente, quando o doutor examinou a ultima vez o doente *il port son ascite sans contrainte*.

*Obs. IX*— Chega ao Gerez apoz a 2.<sup>a</sup> paracentese. A diurese *augmenta* sempre concomitantemente com ascite e *após* 20 dias de tratamento, nova paracentese. Apoz uma «cura» de 40 dias «sem interrupção», *volta a ascite* Este doente seria a 2.<sup>a</sup> «cura» dos 14 casos—mas 3 anos depois, em 1904, a diurese baixou a 500 c<sup>c</sup> e voltou ao Gerez, «*augmentando a diurese desde os primeiros dias*». E' pena que não se conheça o resto da *luta*, de que o dr. Santos nos não fala nos dois ou 3 anos seguintes que ainda abrangem aquele trabalho, em que nos fala doutros doentes <sup>(2)</sup>: quer dizer o doente não voltou ao Gerez. Pois eles costumam-lhe ser *gratos*.

*Obs. X*— Dois mezes antes da *cura*, 1.<sup>a</sup> paracentese. Após 25 dias, *duas paracenteses*, uma exploradora. «Com 32 dias de tratamento o doente foi num *estado satisfatorio, quasi sem ascite*». Não se absteve do alcool... Nem do Gerez: voltou a fazer a 2.<sup>a</sup> cura no mesmo ano: a ascite tinha-se renovado: «a doença agravou-se com recrudescencia dos derrames; *alguns meses* depois sucumbiu».

*Obs. XI*. Na 1.<sup>a</sup> «cura» no Gerez, ainda *não tinha ascite*. Mas no ano seguinte (onde está o efeito preventivo?) 2.<sup>a</sup> cura com «crise colo-recta e ligeira perda do apetite»; tendo-se «a *colo-rectite prolongado ainda nos dois meses seguintes, por vezes se manifestando acessos febris* (maximo 38.<sup>o</sup>)—atribuidos ao paludismo, mas que é pena não se saber se eram ou não acompanhados de calafrios e suores, e intermitentes ou remitentes. «O figado excede 0,06 a 0,08 em baixo os limites normaes. No outro ano, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> «cura» durante a qual «a *redução das hipertrofias hepato-splenicás se acentua*. No outro ano (sem *interrupção*): á chegada, apresentava uma *ligeira ascite*, sendo a diurese sempre, superior a 1<sup>l</sup> (no Gerez). *Dois anos depois* (faltou um ano e talvez por isso) *a stiução é melhor que na cura precedente*... a ascite não é apreciavel, o figado é pouco doloroso... mas — o baço não excede o *umbigo* e a *febre* vem com os afastamentos do regimen. Como teria acabado este caso?

*Obs. XII*— 15 dias *após* a 1.<sup>a</sup> cura sobreveiu uma *intensa febre* de 48 horas; em seguida, por vezes, ligeiros acessos, depois manifestaram-se perturbações circulatorias com *anasarca, intensa oligúria e ascite*. Paracentese. A analyse da urina acusa vestigios de albumina e *cilindroides*. Após 26 dias de 2.<sup>a</sup> cura e depois de ter tido diarreia com 7 dejecções diarias, bom apetite e diurese augmentada, e *dois dias* antes de terminar a tal cura — «um acesso palustre, deixando o lobo esquerdo do figado um pouco sensi-

(1) O envenenamento pelo fluor é acompanhado de diurese—G. Gaglio.

(2) A proposito da obs. VIII, diz: «Vi este doente em Fevereiro de 1906».

vel e tendo desaparecido o ruído de galope, e «Néamoint la malade a succombé en mai 1904 au progrès de la cachexie palustre — em maio do ano seguinte.

Obs. XIII — Após uma 1.<sup>a</sup> cura, durante a qual a «hipertrofia hepática tinha sofrido uma *notavel diminuição*» com augmento do azoto da ureia urinária, em março seguinte sobrevieram dores *renaes*, vomitos, diarreia, *febre nos primeiros* dois dias e *ictericia durante oito dias*, bem como no mês seguinte, com «os mesmos» *vomitos e diareia biliosa*, manifestando-se perturbações digestivas caracterizadas sobretudo por vomitos e timpanismo todas as vezes que a doente come carne mais de tres dias a seguir. Quando a doente, que faltou no ano seguinte, volta, d'ái a dois anos á 2.<sup>a</sup> cura: «o figado tem as suas dimensões normaes e a doente vai bem. Durante a cura a diurese foi sempre grande e a doente passou muito bem. Mas em seguida a doente «tomou banhos de mar e «durante ou após o seu uso, manifestaram-se *perturbações gastricas com acesso ligeiro de ictericia e dores que o seu medico considerou como colicas hepaticas, etc. isto desde agosto até dezembro*. Conclusão: *no ano em que não foi ao Gerez, não soffreu do figado: nos dois anos em que ali foi teve a seguir manifestações agudas e prolongadas do figado*. Nada mais se diz.

Obs. XIV — A 4.<sup>a</sup> cura gereziana provocou-lhe uma forte diarreia biliosa, apos a qual passou muito bem alguns anos. Apos *nova cura*, anos depois, «a ictericia atenuou-se um pouco, o prurido cessou, o estado geral e psiquico melhora, o volume e a sensibilidade de vesicula diminuem. Mas após *esta cura, que foi de 36 dias, sobreveiu um acesso febril vespereal* ao qual succedeu um *periodo de «renforcement» icterico, com descoloração fecal, de alguns dias*, repetindo-se outros acessos semelhantes, chegando ainda ao Gerez no ano seguinte, a fazer a sua 2.<sup>a</sup> cura com fezes esbranquiçadas de que teria melhorado (2 dejecções gerezianas por dia). No ano seguinte nova cura — a 3.<sup>a</sup>—e o mesmo estado de melhora—mas já em setembro seguinte o doente tem de *ser operado de colecistotomia*. A operação melhorou a situação morbida: diminuição notavel da ictericia, fezes mais coradas, etc., «tornando-se estas *melhoras estaveis* (?) durante as duas novas curas nos *dois anos seguintes*. Mas «après» a ultima cura o doente tem «*ainda*» dois acessos febris com *acentuação momentanea da ictericia*...

Este é o ultimo caso. E aqui está o que nos deu a analyse á citada obra do malogrado Dr. Augusto Santos, sem duvida o *livro de ouro*, o Evangelho ou melhor, por causa da *fatalidade* que o envolve, o Alcorão do Gerez.

Desta concordancia de observação, prova-se á evidencia —folgo em constata-lo e ainda bem! — a boa fé e a honestidade dos profissionaes da medicina.

## IV

## A symptomatologia gereziana

«Não serei eu quem, vá de metáfora, faça da naiade gereziana uma espécie de *maquerelle* terapêutica em proxenetismo de doentes de toda a casta, á custa de imposturas e falsos arrebiques. Essa quebra de consciência e de sciencia, apesar das vezes que por aí se comete em reincidencia, a ponto de se tornar um peccado venial e até afortunado, é por si, e por suas consequencias sobre lesa sciencia uma lesa humanidade» — como diz-lo melhor?

«A hidromedicina duma estação d'aguas só pode fixar-se de veras ao cabo de longos anos de pratica correcta e aprofundada, em que as observações sejam tomadas com todo o rigor dos actuaes processos de exploração patologica. A clinica do Gerez é uma obra imensa a realizar por quem lá vier a preencher com sciencia e consciencia o posto difficil de medico das Caldas» — disse ainda Ricardo Jorge.

Segundo o Dr. A. Santos, a agua do Gerez está contra-indicada «nas lesões insanaveis, tumores e producções malignas, nas lesões cardiacas e renaes avançadas, congestões agudas do figado, cirrose hipertropica biliar de Hanot, bem averiguada». Julga-se geralmente que o enfraquecimento geral consecutivo ou dependente de qualquer doença aguda e que qualquer doença cardiaca são contra-indicação, formal de cura. Este preconceito tem por base a suposição de que o tratamento termal é expoliador e debilitante. Já ao explorar a acção da cura foi dito que, pelo contrario, esta é tónica; portanto não ha que temer a acentuação de qualquer enfraquecimento anterior... Por não se ter feito isto observaram-se alguns *maus resultados*. As doenças cardiacas não constituem tambem contra-indicação de cura, senão nos casos graves em que o miocardio não pode reagir. Mas se a lesão endocardica ou miocardica, quer com lesões de orificios não muito acentuadas, quer sem elas, é primitiva, ou se tornou pela sua importancia, de certo modo autonoma, a cura gereziana bem dirigida será util se fôr bem «*adaptada*» ás reacções do musculo cardiaco.»

Mas a seguir, muitas outras contra-indicações se vão dando a entender: «As doenças nervosas encontram na cura *externa* gereziana quasi *exclusiva* a medicação mais apropriada. «Casos ha destes em que as *aplicações externas* devem ter a

*preferencia*». E quanto ás molestias utero-ovaricas: «Mas a bebida é tambem util, *mais ou menos segundo os casos*».

«As nefrites epiteliaes não constituem contra-indicação á cura (?); a forma *mixta* ou *intersticial* é pelo contrario quasi proibitiva. A cura está *contra-indicada* quando a nefrite coexiste com a nefrite intersticial ou hidronefrose, quando ha lesões vesicaes ou prostaticas acentuadas, *tendencia para hematurias*; a *excitação renal produzida pela cura determina accidentes*». E afirma: «*O estado das funções renaes domina o prognostico e as indicações do tratamento, mesmo nos casos em apparencia mais simples*». Já Ricardo Jorge dissera: «*Para os brighticos o Gerez não deve ser lembrado de forma alguma*».

Todas estas complicadas questões, por veses arbitrarías, foram facilmente reduzidas numa das ultimas publicações clinicas emanadas da Empreza, em que e excepcionalmente, figuram: neoplasias, degeneração amiloide, quistos hidaticos, tuberculose hepatica, cirroses malignas de Castaigne, cirrose hipertrofica biliar de Hanot, ulcera do estomago — (e duodenal, não?) — Lesões cardiacas e renaes avançadas».

Tendo, sido citados Piery e Milhaud, no «*Relatorio clinico da Estação de 1923*, a proposito da patogenia da gota pelo lado do figado, e em seguida a terem-se comparado os efeitos fisiologicos da agua do Gerez aos produzidos pela emanação do radio, e depois de se reclamar a agua como muito radio-activa, é para extranhar, não se póde por mais que desejassemos faze-lo, deixar de extranhar, que não se transcrevam tambem da mesma forma as contra-indicações geraes das curas hidromineraes radioactivas, que, para conhecimento dos interessados não podemos abster-nos de mencionar: «*A tuberculose pulmonar evolutiva e o cancro* — formal, por via das propriedades *congestivas* e *hemoptoicas* das curas hidro-mineraes radio-activas — nas *hemoptises*, *poussées* de congestão ligeira nos vertices e em todos os casos de *reumatismo* suspeito de bacilose na origem». São ainda contra-indicações relativas: «*as formas agudas de gota*, ou gota com *poussées* agudas sub-intrantes, *nefrite cronica* com *uremia incipiente*, *cardiopatía* com *asistolia*, etc». (1) Vão já longe os tempos em que: Aos casos de doenca em que o uso das aguas do Gerez é sempre inconveniente, acrescem aqueles em que pode ser funesto.

Disse Ricardo Jorge: Ordinariamente, não são ou no doente o Gerez é perturbador.

Apesar de se dizer que «ingerida a agua do Gerez não

(1) «*Les eaux minérales radio-actives*» par M. Piéry et M. Milhaud, 1924.

produz incomodo gastrico», e que a sua «ingestão se faz sem a menor repugnancia que, por *via de regra* não desperta nem sensação nem peso no estomago, sendo perfeitamente tolerarada e que em geral não causa peso nem nauseas, ás vezes sobreveem erutações, outras acalmam-se dores que existiam antes da ingestão outras ainda é a intolerancia gastrica para liquidos e alimentos que cessa rapidamente» — a agua do Gerez, apesar de inodora, incolor e insipida, mesmo em doses minimas, insignificantes — dez gramas — uma colher de sobremsa! — pode já «custar» a deglutir, provocar peso *como uma pedra*, ou *chumbo*, chegando o doente a referir a sensação de que «enguliu um boi», ou contracções ou dores nevralgicas — localizadas no figado e nos rins, gastralgicas, ou como se o paciente tivesse tomado uma «droga forte e irritante», ou colicas meia hora ou pouco tempo depois da sua ingestão, ou logo que a agua lhe cae no estomago, ou horas depois de comer, mesmo todos os dias, podendo-a sentir ainda no estomago tres horas após as refeições, ou sejam quatro horas depois de a tomar.

«Rarissimas vezes desperta sensações desagradaveis», «casos, ha, porem, em que causa impressão penosa» — e até sufocações, o que succede mais vezes do que seria para desejar, como vimos, podendo o seu uso provocar perturbações nos diversos orgãos e nas visceras mais importantes, e revestir a seguinte *simptomatologia*: do lado do aparelho digestivo, repugnancia, dificuldade na ingestão, ptialismo, aptialiasmo, sabor adstringente ou amargo, lingua saburrosa, abcesso dentario, angina eritmatosa, apertos do esofago, mericisimo, enjôos, agonias, anciedade, erutações, vomitos diurnos e nocturnos, incoerciveis ou reproduzindo o sindroma de Reichmann; <sup>(1)</sup> e pirosis, pois são constantes e geraes as «*azias formidaveis*», a que ninguem escapa, gastralgias, inchaço — dilatação, contracção e tetania gastrica, <sup>(2)</sup> bem como *prisão de ventre*, «impedimento», com manifesta retenção de fezes, que se observa constantemente, pelo menos num terço dos doentes e que, nos restantes, traz como consequencia as *diarreias* com dejecções liquidas, «gerezianas», côr de excremento de re-

(1) Doentes observei que, após a primeira dose d'agua da manhã, vomitavam o jantar da vespera.

(2) Como o que Augusto Santos refere: Tive na clinica gereziana um caso nítido de tetania gastrica numa doente com hipersecreção cloridrica continua com grande estase e estenose pilorica; este terrivel incidente sobreveio durante a cura, por abuso de alimentação (?) e cedeu apoz energico tratamento sem poder saber a marcha posterior da «doença gastrica».

cem-nascido, que se observam pelo menos em metade dos casos.

Mas esta *solturasinha*, «este efeito laxativo pelos doentes muito estimado,» <sup>(1)</sup> pode fazer-se acompanhar de numerosas complicações, algumas de gravidade. «Os intestinos são em regra fortemente trabalhados pela cura gereziana, e raro é aquele que durante todo a estação mantenha a regularidade do ventre; seria para supor que só estes irregulares fossem os queixosos; não, os habituados á exoneração facil e quotidiana tambem se desarranjam — n'um é a prisão mais ou menos pronunciada,» <sup>(2)</sup> ora é por aí que começa quasi sempre, como dissemos. «A's vezes com a sequencia da cura sobrevem alguma anorexia» <sup>(3)</sup> — quasi sempre tambem, e este é o efeito mais benigno e vulgar da agua, que deve corresponder a uma defesa do organismo: pode haver aquistas em tratamento que no Gerez comam como de costume, mas é sobre a acção da vontade, e não do instinto: com efeito, a impressão geral acusada pelo tubo digestivo é de *manifesta paresia*.

Observam-se ainda frequentemente além do «inchaço» abdominal — *timpanismo*, o calor, as flatulencias, os espasmos intestinaes, estabelecendo-se a gastro-enterite, e em geral a enterocolite, a disenteria com numerosas dejecções, <sup>(4)</sup> muitas vezes sanguineas, com puxos e tenesmo (colo-rectite) a que a simples agua potavel do Gerez pode igualmente dar origem, revestindo as modalidades febris da gripe intestinal, paratifoides, etc., de que não se distinguem os seus symptomas e com que muitos dos mais distintos clinicos ali se tem confundido.

A *febre* é assim um dos symptomas mais frequentes da *cura gereziana*, e observei-a muitas vezes sem que o paciente apresentasse diarreia, nem tosse, principalmente após as refeições e particularmente depois do meio dia, e aquistas ha, que desde a chegada, se apresentam febricitantes.

Depois das colicas intestinaes, as mais vulgares são as *do figado*. Talvez por isso, no Gerez, todas as doenças são atribuidas ao figado, e por vezes os clinicos locaes deixam-se ir atrás do diagnostico que lhes oferecem. — E' incontestavel que a agua do Gerez tem uma electividade sobre o figado, mas não favoravel: essencialmente adversa.

São vulgares o peso, as dores, as colicas e as congestões hepaticas e das vias biliares, que os doentes referem que nunca tiveram *assim*, mais ou menos persistentes,

(1) — L. cit. por A. L. Lopes.

(2) e (3) — L. c., por R. Jorge.

(4) Até 18 dejecções por noite e 30 por 24 horas.

mais ou menos repetidas, podendo ser imediatamente consecutivas á ingestão da agua, ou ter logar mais tarde, na chamada *convalescença termal*, sendo tambem vulgares as dejecções post-prandiaes, consideradas por Glenard de origem hepatica, e doentes ha que apresentam ali pela primeira vez *ictericia*, ou colelímia, e observei tambem as fezes tornarem-se esbranquiçadas e as congestões hepaticas muito frequentes, as angiocolites e as colecistites, que na referida convalescença podem ir á supuração, instalando-se só então e pela primeira vez a ascite, apresentando-se, durante o tratamento muitas vezes—o prurido e todos os restantes simptomias proprios da patologia hepatica — hemorragias, etc.

Não menos influenciado, nem menos prejudicado pelo tratamento gereziano, embora não tão espalhafatosamente, é o aparelho circulatorio. Não são só as lipotimias, são as *syn-copes*, que eu observei no Gerez, consecutivas á ingestão da agua termal, ao banho e á enteroclise, e as mortes subitas referidas pelas tradições locais teem que ser incluídas neste acidente terminal.

O paciente exprime «afrontamento», aflicção, com peso no coração, que ele mesmo percebe que trabalha «fóra do seu natural», ou com sensação de paragem, cardialgias, palpitações, dôr pre-esternal, pulsações visiveis e *sentidas* da aorta abdominal que egualmente refere, lancinantes, á aorta toracia, com a impressão que acompanha «os grandes excessos», com bradicardia, e por vezes taquicardia, dilatação dos grandes feixes vasculo-nervosos, em particular dos cervicaes, dos aneurismas aorticos visiveis, e *angor-pectoris*, observando-se todas as modalidades correspondentes a profundas perturbações do sistema circulatorio, descompensando-se todas as lesões cardiacas, e não só as aorticas, manifestando-se a miocardite, a asistolia e o colapso.

Assim, depois dos simptomias do tubo digestivo, os *cardiorenas* são os mais aparentes: os pés que ainda não tinham inchado, incham ali, e o edema invade as pernas e atinge o popliteo, e faz pela primeira vez *godet*, podendo manifestar-se, quer durante a cura, quer a seguir, a anasarca. Aparecem os edemas palpebraes e agravam-se os que já existiam.

O rim deve ser, com efeito, uma das visceras mais tocadas, primeira vitima da sinergia que o liga ao figado e ao coração, com que já não poderá contar: tudo o indica e em especial os resultados favoraveis das sangrias, que eu estabeleci nas crises graves gerezianas: a uremia estabelece-se.

A «dôr nas cruces» é um simptomias geralmente constante na maioria dos casos: ha um *fogo* nos rins, por vezes com impressão de «inchaço», que o doente compara á sensação de

tintura de iodo numa ferida, sendo vulgares as urinas nervosas (*urina potus*) certamente com uma reducção manifesta do seu coeficiente de toxidade, a oliguria e podendo até mesmo ir á *anuria*, que possivelmente se deixa confundir com a *retenção*, pois o doente se queixa de urinar ás gotas, observando-se ainda, e não excepcionalmente, a *colica renal*, as dores vesicaes e as urinas francamente amareladas, reveladoras de insuficiencia hepatica concomitante, e quasi sempre ainda as fermentações urinarias, a amoniuria, e muitas vezes consecutivamente ao tratamento, como observamos em doentes nossos e lemos nas observações clinicas existentes e citadas, a *albuminuria* e a *cilindruria*. Vê-se que pode corresponder a um fundo de verdade esta afirmação dum paciente: «quanto mais agua bebo, menos urino».

Todos os outros órgãos e diversos sistemas sofrem, como não pode deixar de ser, a influencia manifesta da auto-intoxicação estabelecida e acrescida pela acção da agua, e que duma maneira geral se traduz por uma congestão visceral geral, localizada de preferencia nos pontos fracos dos varios aparelhos do organismo, e em particular d'aqueles que são séde de inflamações cronicas, mais ou menos de origem microbiana.

Deste especial funcionamento visceral resultam, como não podia deixar de ser, e a confirma-lo, as *hemorragias*, que, depois dos sintomas intestinaes e hepaticos, são os mais manifestos e numerosos: desde as *epistaxis* mais ou menos repetidas, ás *hemoptises*, tão vulgares, quer durante o tratamento, quer na *convalescença termal* e aos escarros hemoptoicos, ás hematemeses, ás metrorragias, procedendo a agua como um emenagogo violento mas inconstante, ás melenas, e até ás hemorragias rectaes, tão amiudadas, e das restantes mucosas, como bucal, uretral, etc., acompanhadas de intensa vaso-constricção cutanea, com palidez intensa e geral, e *cianose* nos pletoricos.

Do lado do aparelho respiratorio, observa-se desde a simples fluxão local, naturalmente consequencia da congestão e irritação das mucosas,—coriza, laringite, bronquite, agravamento da bronquite asmatica, e numerosas «constipações», que de resto os resfriamentos e a humidade proprios dum vale profundo favorecem e justificam, mas que se notam de *preferencia no meio ou no fim da «cura»*, á infiltração geral grave—ao *edema pulmonar*, que a propria agua potavel pode provocar, á sensação de asfixia com *falta d'ar* e face cianosada (nos pletoricos), aos movimentos respiratorios anormaes ou pathologicos «fóra do natural» que não chegam ao fim, dispneicos, etc., ás congestões e inflamações locaes, como pleurisias, e estimulação das infecções, em especial das *tuberculosas*, com enfra-

quecimento do sistema linfático em particular, que vai frequentemente ao engorgitamento ganglionar, podendo manifestar-se durante o tratamento ou na *convalescença termal*.

Estas inflamações locais são ainda vulgares em particular no aparelho genital, onde muito frequentemente, e á primeira vista sem causa aparente, provocam uretrites, orquites, leucorreias, vaginites, prostatites, adenites inguinaes, etc., que tantas e tantas vezes observei e cuja origem intrigava os *pacientes*.

Do lado dos órgãos dos sentidos, encontram-se sobretudo as perturbações visuaes, a miose, a otorreia, o peso nos ouvidos, e particularmente e em relação com as referidas perturbações, consequencia da insuficiencia renal, observam-se frequentemente todos os pequenos signaes de *brightismo*, particularmente o prurido, tanto mais frequente quanto é tambem vulgar na insuficiencia hepatica, e a sensação de dedo morto, os formigueiros, as caimbras, as *secousses*, a *criestesia*, as perturbações auditivas, etc.

Do lado da pele, observamos em geral o agravamento das dermatoses, dos eczemas, do vitiligo, da psoriasis, e do impetigo, cobrindo-se o corpo de *suores* em geral *frios*, que o doente pode sentir «escorrer, mesmo deitado no leito», por vezes com irritações locais que não são raras, das narinas, e dos labios e que podem ainda sobrevir na convalescença termal, apresentando-se tambem a urticaria, a sudamina, sicose, zona e especialmente após os banhos de imersão, o eritema pruriginoso, a furunculose e até a *erisipela*, que encontrei mais nas extremidades, especialmente nos membros inferiores, tendo observado ainda a pigmentação cutanea, por via da qual lá vão tantas senhoras («*figado*») e que pode ainda sobrevir após o tratamento.

Como não pode deixar de ser, com tão vastas manifestações, os efeitos do lado do *sistema nervoso* revestem uma symptomatologia muito complexa. E' quasi geral o «mal-estar», são frequentissimas as insonias: «desde que estou no Gerez, não tenho sono, dizia-me uma doente; são constantes as *cefalalgias*, as *cefaleas*, que, até agora, na clinica gereziana, eram atribuidas ás doencas que ali levavam o paciente, por vezes persistentes, chegando a durar oito e mais dias, frontaes, nas fontes, sobre os olhos,<sup>(1)</sup> na nuca, e a «fraqueza», o esgotamento, a astenia—«as forças» faltam para subir o primeiro ou segundo andar do hotel, e até para falar!...

Chega-se a «ter que comprar uma bengala, e mesmo assim receia-se não poder chegar a casa, acusando-se uma vasta symptomatologia da intoxicação nervosa, «como quem tomasse

(1) Carlos Valbom acusou-a persistente, dias antes da morte subita.

fortes doses de quinino ou aspirina», com vertigens, tonturas, tremores, calafrios, picadas, formigueiros, caimbras, os pés e até o corpo *frios* ou adormecidos, a um doente tinha razão para me dizer: «pareço uma defunta»; observando-se a sonolencia diurna, que não é exclusiva da acção externa das aguas (duches e banhos) a congestão cerebral, pontadas, nevralgias que não respeitam nenhum orgão, no hemitorax direito, no esquerdo, quer esternas, seguindo a aorta, dorsaes, sciaticas, <sup>(1)</sup> abdominaes, dentaes, <sup>(2)</sup> com calor na espinha e perturbações do equilibrio, podendo chegar a fazer cambalear, como na marcha da esclerose em placas, até á exaltação mental, <sup>(3)</sup> com alucinações e ictus, e ainda pulsações cefalicas, hiperestesia cutanea, profunda e dolorosa, excitação medular, por vezes com poluções, desaparecimento de anafrodisia, e ainda falta de memoria, neurastenia, convulsões, com letargia, paraisias, tendo-me um doente referido a impressão extranha «de um choque electrico em todo o corpo».

Relativamente ao agravamento das doenças da nutrição, encontramos o reumatismo lombar, osseo, articular e muscular, o torticolis, a *gota agravada* de que resulta a *anquilose* das articulações, que pode generalizar-se, não se observando em geral modificações favoraveis na glicosuria, confirmadas pelo doseamento do assucar, ou sendo provisórias quando se observam, agravando a acidose e podendo conduzir a acetonuria.

Quanto á obesidade, embora a balança o diga mais leve á custa de taes perturbações, o paciente sente-se por vezes mais pesado, e quando tem o coração, figado e rins sadios, e muito robustos, pode até dar-se o caso, que observei, de não apresentar modificações de peso de importancia, enquanto nos restantes, atrás «dos armazens dos adipos» vai o resto, pois o «*peso diminue mais ou menos, indo por vezes até dez quilos ou mais durante a cura e continuando a diminuir depois dela*» chegando o emagrecimento na convalescença termal a atingir 15 quilos, como succede... nos pacientes já de si bastantemagros.

Com este funcionamento, é de esperar que, em vez de curarem as suas anemias os pacientes as vão contrair ao Gerez: todos os sintomas clinicos me permitem afirmar que do tratamento resulta uma manifesta anemia, que se traduz em todos os doentes por uma *palidez especial e intensa, logo desde os*

(1) Que um clinico local cura com o atofan; foi tambem com o atofan se curaram as dores renaes do Sr. Santos Junior, do Porto, que no entanto falecia meses depois.

(2) Um dentista no Gerez em vilegiatura, costuma sempre ter que fazer,

(3) O sr. Nobre Viana, do Porto, depois de ter estado no Gerez apresenta uma doença nervosa.

primeiros dias do tratamento: o paciente apresenta a palidez que tende para a tonalidade dos brighticos, e ha agravamento da anemia palustre e das restantes anemias infecciosas, como claramente se conclue da evoluçao do estado geral. De resto, considero um testemunho de que a agua do Gerez não cura a anemia, e antes pelo contrario, o facto dos drs. A. Santos e seu irmão, o distinto analista dr. F. Santos, nas publicações citadas, *não a incluem na lista das indicações da agua.*

Relativamente ás doenças parasitarias, encontram-se no capitulo anterior numerosos casos de acessos palustres, alguns de gravidade, reacesos pela agua, e um de disenteria amibiana (?).

Toda esta grave symptomologia pode igualmente apresentar-se após o «tratamento», na *convalescença termal*, designação usada pelos máis distintos medicos gerezistas, e a que, como se vê, não falta fundamento...

Então, a impressão de fogo interior que a agua lhes leva ás principais visceras abranda como que a confirmar a impregnação medicamentosa do organismo, atenua-se lentamente. Mas desde o ictus apopleptico, ás hemoptises e ás gastro-enterites cronicas, ás semanas «de cama», e á sincope terminal, e frequentemente *ao cancro* — tudo pode apresentar-se.

Muitos pacientes, depois de irem dezenas de estações ao Gerez, teem a sua primeira colica hepatica ou pela primeira vez ictericia, angiocolite ou colecistite, que não raras vezes os obriga á operaçao; noutros, instalam-se «inexplicavelmente» as cardiopatias e estas descompensam-se; e nas notas clinicas aqui expostas, encontram-se exemplos frisantes, e que ha a destacar, de doentes que só depois de irem ao Gerez *começaram a sofrer do figado*, e o de se instalar anos depois das «curas» — a *atrofia hepatica*, diagnostico que é o mais vulgar nos casos fatais referidos, e que parece, assim, ser a complicação mais amiudada, como de resto sucede tambem em muitos outros casos de origem toxica, e em particular na alcoolica, lembrando ainda por alguns dos seus sintomas, a que frequentemente dá origem, como a ictericia e as hemorragias — a *intoxicação fosforada*, o que não admira, pois já Armand Gautier comparou, em parte, ao do fosforo, o comportamento do fluor, sendo de resto a symptomatologia gereziana mais ou menos identica á que se observa na intoxicação pelo alcool, com as *perturbações digestivas*, a *gastrite cronica*, a *enterite cronica*, as «poussées» de congestão do figado, as perturbações nervosas, a ictericia catarral, consequencia da acção toxica sobre o figado e a cirrose em geral de Laennec; tendo ainda interesse recordar, relativamente á *intoxicação pelo fosforo*, que ela se manifesta com irritação e calor no

estomago, *gastrite* com espessamento consideravel da mucosa, *por irritação do tecido conjuntivo intersticial*, por vezes com enterite cronica, com *tensão* do ventre, *colicas* e *diarreiã*, eliminando-se um quarto da sua quantidade total pelo intestino, *tumefacção dolorosa* do *figado* e *ictericia* devida á *hipersecrecção biliar* e *hipercolia pigmentar*, com *degenerescencia gordurosa* dos principais *orgãos e tecidos*, — musculos estriados, coração, tunicas vasculares, rim e figado e *fragilidade* dos ossos.

Na convalescença termal, consecutivamente á cura, pode ainda observar-se a *ascite*, como encontramos casos na nossa clinica, e referidos na clinica gereziana, e outras doenças de figado e das vias biliares que já indicamos, sendo muito curioso o caso dum obeso e icterico, que atrás referimos, cuja ictericia não cedeu ao *tratamento gereziano* e que foi para casa curar-se—com um vomitorio, que ainda hoje faz parte do tratamento do envenenamento pelo fluor.

A esta intoxicação cronica deve ainda corresponder a *esclerose* dos orgãos e tecidos mais importantes, e em particular do rim, o que a anatomia patologica determinará, mas *in anima vili*. Assim se explica a origem da conclusão ou regra da terapeutica gereziana, do Prof. Ricardo Jorge: «a fase mais proveitosa para a cura é a hipertrofia. A sua medicação supõe influencia constriçiva sobre os vasos hepaticos» — a água espreme o figado».

Essa acção constritiva é tal, que o Dr. Augusto Santos diz que «vae até mesmo (a cura gereziana) á *reducção da queda visceral*... Assim é que tenho visto *diminuirem a nefroptose*; e como prova da *tonificação dos tecidos fibrosos* presenciei a redução espontanea de uma hernia inguinal que permaneceu ainda algum tempo depois da cura.» E eu proprio observei dois casos em que a agua, apesar de ser um emenagogo violento mas incerto, fez desaparecer difinitivamente a menstruação, apressando, prematuramente, a menopausa. Assim se explicam, possivelmente por irritação dos tecidos e dos orgãos, as *neoplasias* a que frequentemente dá origem.

Um agente que assim provoca taes complicações, não pode nunca considerar-se em terapeutica, e deve quanto antes suprimir-se da pratica corrente, como um perigo de morte: *Primum non nocere*.

## A acção da agua do Gerez

A agua do Gerez é — era o especifico, o tonico do figado. Como? Activaria a circulação porto-biliar e abdominal, e exercendo influencia constrictiva sobre os vasos hepaticos, naturalmente por modificação da sua inervação, estimularia assim a função biligenica.

Porquê? Porque as analyses «parecem demonstrar a sua acção excitante sobre o figado pelo acrescimo, absoluto e relativo, do enxofre neutro que pode atingir o dobro do normal. A nutrição é acelerada, dando logar a uma excreção mais forte do enxofre total, da ureia e doutros elementos menos interessantes. Estes factos revelam a excitação que as aguas provocam no figado, e que parece mais evidente sobre a função biliar». (1)

«Trabalhos urologicos importantes e minuciosos, feitos em 1895, pelo clinico e professor Dr. Alberto de Aguiar, em urinas de doentes que vieram ao Gerez tratar-se, provam que a quantidade de ureia e a diurese são augmentadas pela acção termal, ou antes regularizadas... (2)»

A percentagem da ureia da urina, só por si, como se sabe, não tem significação a respeito do estado do figado, depende da alimentação e do estado de diferentes orgãos, alem do figado, principalmente do rim, conforme este pode eliminar mais ou menos ureia, e se a diurese foi augmentada, como succede com a maior ingestão de liquidos, etc., o rim pode eliminar mais ureia, sem que houvesse mesmo maior concentração. De resto, o figado não é o unico orgão formador de ureia.

Para justificar o augmento de ureia bastava a excitação por irritação ou exgotamento que pode ir á consumpção da celula hepatica e renal, e em caso algum se pode concluir d'aj que seja «só por si signal denunciador do restabelecimento funcional da celula hepatica» e ainda menos que sob a acção da agua o orgão é susceptivel de regeneração mais ou menos parcial. Vimos doentes com a ureia augmentada e que morriam meses depois.

Tambem eu por vezes verifiquei a urobilinuria na primeira parte do tratamento, e é sabido que Hayem considera a urobilina um pigmento biliar fabricado pela celula hepatica doente,

(1) *Les eaux thermales de Gerez dans les cirroses du foie*, 1906, por Augusto Santos.

(2) *Caldas do Gerez*, 1901, por A. Santos, pag. 70.

apesar de um exercicio violento a poder fazer por vezes desaparecer, enquanto, pelo contrario, a elevação da temperatura ambiente a provocaria; alem de poder ainda ser de origem renal.

De resto, as lesões banaes do figado não dão reduçção da ureia: o que dão é o augmento da relação entre o azoto amoniacal e o azoto da ureia, ou coeficiente de acidose de Mailard, que de resto não *mede* a insuficiencia hepatica, mas a acidose, pois ha diabetes pancreaticas e doenças renaes em que está tambem augmentado. Simultaneamente investigue-se se não haveré amoniaria.

Quanto á relação azoturica ou coeficiente de oxidação, parece não ter hoje a menor significação. Pesquize-se pois a acidose, investigue-se a eliminação dos córantes, como a tetra-fenoltaleina, etc., e estabeleça-se a doseamento da ureia do sangue, porque tudo leva a crer que o tratamento gereziano provoca o seu augmento, podendo conduzir á uremia, pois como se sabe, Widal demonstrou que a quantidade de ureia eliminada por um rim doente pode ser normal, ficando o rim sob uma especie de pressão.

De resto, dos sete casos citados pelo Prof. A. d'Aguiar, <sup>(1)</sup> da clinica do Gerez, dos quaes a maioria está reproduzida na citada obra do Dr. A. Santos, notamos, mesmo a esse respeito:

*Observação VII*—O azoto da ureia diminuiu, o azoto total idem, o azoto do acido urico foi de 84 a 140!... e o coeficiente de oxidação diminuiu de 0,948 a 0,927. «O figado desempenha muito regularmente as suas funções, á parte o derramar-se *inter-sanguinem* a sua secreção externa» — por outras palavras, no fim do tratamento, continuava a ictericia.

*Obs. IX*—O azoto da ureia *diminuiu consideravelmente* e ainda na 2.<sup>a</sup> cura d'aguas, o do acido urico augmentou um pouco e apesar do coeficiente de oxidação ter augmentado de 0,909 a 0,929 — diminuiu na 2.<sup>a</sup> cura a 0,816: morte dois mezes depois.

*Obs. XIII*—O azoto da ureia augmentou, o do acido urico augmentou de 89 para 135 (2.<sup>a</sup> cura) e o coeficiente de oxidação diminuiu de 0,759 a 0,726 depois da cura... da colica.

*Obs. XIV*—*Cliente habitual* do Gerez: «Posta no uso da *agua*, sobreveiu-lhe passados oito dias, uma *violenta colica* seguida de *ictericia* «A presença dos pigmentos biliares, o exagero da relação do enxofre neutro, com o total, a diminuição do azoto, e coeficiente de oxidação, o augmento de acido urico e a diminuição de volume dos outros componentes urinaes, caracterizam estas duas ultimas observações. Ao passo que a 1.<sup>a</sup> analyse revela um adeantado estado de cura, nesta conquanto indique uma melhoria pronunciada do ataque agudo, não revela uma cura completa o que condiz

(1) *Celeula hepatica e erase urinaria*, por Alberto d'Aguiar, 1896.

perfeitamente com a symptomatologia que a doente acusava e que se *prolongou por largo espaço de tempo*.

*Obs XV*—Diagnostico: quisto hidatico no Gerez. Poliuria: é muito provavel de causa nervosa, pois não se revela o acrescimo concomitante do azoto ureico, se bem que o exagero do enxofre neutro indique a irritação hepatica.

*Obs XIX*—Doente da clinica gereziana—O azoto da ureia augmentou, mas o do acido urico foi de 93 a 183 e o coeficiente de oxidação baixou de 0,860 a 0,833. Mantem-se na mesma. As aguas do Gerez de que o doente fez uzo *não teem beneficiado* o estado hepatico—*Urina com pigmentos biliares, vestigios de acidos biliares,*—o que, como se sabe, indica a sua *presença no sangue*.

*Obs XX*—O azoto da ureia augmentou, mas o azoto do acido urico foi de 66 a 89, só se mencionando o coeficiente de oxidação da ultima analyse: apesar de o doente ter melhorado muito com o uso das aguas, tendo as *cefalalgias intercorrentes* cedido ao bromidrato quinina. (1)

Eis os sete casos.

Quanto ao azoto urico, exagerado, como tambem o diz o Prof. A. d'Aguiar, nas urinas dos hepaticos, vemos em todas estas urinas a sua percentagem augmentar, indo por vezes nas analyses percedentes, com o uso da agua, quasi ao dobro!... Ora o augmento do acido urico, que segundo Brouardel se faz á custa da diminuição da ureia, traduz o desequilibrio crescente desta mesma excreção, e é indicio de um progredimento morbido de doença hepatica, diz o Prof. A. d'Aguiar, que acrescenta: «O azoto urico é quasi sempre augmentado, senão absolutamente, pelo menos relativamente, e é conhecido que este augmento marca muitas vezes *o começo* do cancro, cirrose biliar, ictericia catarral, e *envenenamento fosforado*, havendo ainda um acrescimo nitido (mas não na sua relação com o azoto da ureia) na cirrose hipertrofica... E' um facto a existencia hiper-normal do acido urico em todos os estados ictericos em que a reacção celular hepatica e o seu estado morbido se depreendem da natureza absoluta ou relativa desse augmento e de outras variadas condições urológicas... E' inegavel que a azoturia se observa após *os periodos congestivos* de certas cirroses... enquanto que a evolução curativa das doenças cronicas hepaticas é antes acompanhada duma diminuição ureica, reveladora dum cansaço hepatico».

De resto, não posso deixar de recordar que A. Gautier assemelhou o comportamento do fluor ao do fosforo, que *pequenas doses de fosforo* determinam um augmento conside-

(1) E valerianato—l. c., A. Santos

ravel da excreção da ureia (Bauer e Voit, Lebert e Wyss, etc.) sendo as degenerescencias gordurosas da intoxicação consequencia da insufficiente absorção de oxigenio para queimar a gordura proveniente da desassimilação da albumina, e que a combustão dos albuminoides é incompleta, encontrando-se nos órgãos e no sangue a leucina e a tirosina, contendo a urina *produtos azotados menos oxidados que a ureia*, que podem segundo Schultzen e Riess fazer crer no augmento da ureia.

Quanto «às contra-indicações do tratamento termal a que algumas doenças hepaticas estão sujeitas e ao pouco beneficio que algumas outras colhem», explica-os o Prof. A. d'Aguiar pela influencia da agua do Gerez sobre a produção do enxofre neutro que pode atingir o dobro do valor normal absoluto e relativo.

Mas estas percentagens de enxofre, como se sabe, variam excessivamente com os regimens alimentares, resultando, como o Prof. Aguiar diz «mais ou menos todos os seus compostos sulfurados, do fenol, indol, cresol, etc., produzidos no intestino pelas fermentações dos produtos da digestão pancreatica, etc. — função anti-toxica do figado — em derivados sulfo-conjugados, que são considerados a medida das putrefacções intestinaes. «O augmento dos principios sulfurados seria devido á irritação da função biliar», não que a sua irritação seja sinonimo do augmento da quantidade de bilis, mas sim da abundancia d'alguns dos seus elementos caracteristicos *atabalhoadamente* formados.

De resto, o aumento do enxofre neutro «tambem o apresentam, diz o Prof. Aguiar, o começo do cancro, os ataques agudos, como os acessos de cirrose hipertrofica biliar, as primeiras fases do envenenamento fosforado, a punção dum quisto hidatico, as *congestões hepaticas*, colica hepatica, e por vezes a ictericia catarral são as que produzem maior excesso de principio sulfurado, que Voirin constatou na pneumonia, tuberculose pulmonar e febre tifoide. — Ainda aqui o enxofre neutro representa o resultado duma reacção hepatica, se atendermos aos esforços que o figado emprega para neutralisar *os venenos* ou *toxinas microbianas* que o atravessam e que podem ser para ele causas morbificas poderosas, como a acção steatosante energetica das toxinas tuberculosas».

Pelo contrario, quando *tendem para a cura*, estes e outros estados chronicos do figado, como a angiocolite calculosa, figado infeccioso com acolia pigmentar, etc., diz ainda o Prof. Aguiar, caracterisam-se por *uma diminuição gradual* do enxofre neutro, ao mesmo tempo que a relação com o enxofre total, enfraquece.

*Vena porta, porta malorum*, disse Stahl. Porquê? Porque

é ela quem lhe leva os seus «dois mortais inimigos» — como o Dr. Aguiar diz: — os venenos e os microbios. A elevação da produção desse valor, o aumento do enxofre neutro, sintoma geralmente de intoxicação, não deixa aqui de o ser por excepção, o que custaria a explicar: compreende-se pelo contrario facilmente que ele seja, muito simplesmente e de harmonia com o que succede nos outros estados patológicos em que as analyses o accusam — um sintoma da luta da agua gereziana com o figado que ela intoxica.

A proposição de patologia geral da tese do Dr. Fernando Santos: «A analyse de urina é um poderoso guia na cura gereziana», ficará melhor dizendo-se da acção gereziana, — da qual, no nosso entender, o illustre morto foi uma victima, a atestar a sinceridade da sua convicção.

Tornemos á nossa primitiva questão: a agua do Gerez era o especifico do figado — porquê, então? Porque as apparencias dos factos do mais grosseiro empirismo, assim o pareciam indicar.

Simplemente, sim, simplesmente porque muitas ictericias, com o tratamento, cedem a *olhos vistos*, porque os frequentadores (os hospedes, como lá lhes chamam) apresentam no Gerez ou referem posteriormente á cura, uma sensibilidade e reacção electivas do figado, apresentando frequentemente colicas e por vezes ictericia, expelindo frequentemente calculos biliares e areias estercoraes ou intestinais, que muitas vezes tambem ali se atribuem ao figado: foram estes factos exclusivamente e o da «cura», *reduzir* e «espremer» os figados hipertrofiados que levaram os medicos, mesmo os mais distintos, e os mais competentes a estabelecerem neste comesinho empirismo, a especialização da agua da Bica nas afecções do figado e do baço.

O resto veio depois, como as cerejas; e já o prof. Ricardo Jorge o escrevera e a proposito do Gerez: «*o erro goza em geral destas pertinacias inexplicaveis*».

Todavia, não só não se podem reputar beneficos os seus efeitos porque as apparencias a isso nos possam convidar ou porque nos sejam agradaveis, mas começa até porque nem sequer se podem considerar exclusivos os seus efeitos sobre o figado, pois é da mais rudimentar observação notar que a agua pode exercer exactamente *sobre o rim, a viscera* para a qual os mais distintos medicos gerezistas chamaram as mais rigorosas contra-indicações, invocando o seu estado como prognostico do *resultado* do tratamento, um comportamento analogo, expulsando igualmente, por vezes com as terriveis colicas que acompanham a sua eliminação, os respectivos calculos.

Porque não succederá, como seria mais natural, tambem

assim nas doenças do fígado? Porque não deverão estar contra-indicadas, e formalmente, em todas as perturbações e lesões hepáticas, como parece mais natural, pois que tão frequentemente lhes podem dar origem? — Porque nem sequer se considerou tal hipótese, admitindo-se como um facto indiscutível e como uma verdade infalível a sua acção benéfica sobre o fígado: — pois se as ictericias desaparecem a olhos vistos.. — mas também se declaram: mas então, em vez de serem consequência da acção da água, são muito candida e simplesmente atribuídas á evolução da doença ou... a afastamentos da *ingenua* dieta do arroz e das *purinas* da vitela!... — A água está sempre inocente, como o gladio da justiça, que o carrasco executa.

Como explicar então este paradoxo? Sabe-se que *quando a célula hepática* está profundamente alterada, a ictericia cessa ou se atenua: pode assim muito facilmente explicar-se, por exclusiva modificação da consistência e *deficit* da secreção biliar e sua fluidificação, a maioria dos symptomas por ventura devidos a engrossamento da bilis. Actuaria pois a água, assim *reduzindo* a quantidade exagerada de bilis normal — quem sabe se devida a defesa do organismo! — que pode originar a obstrução dos respectivos canaliculos biliares e a reabsorção correspondente, de que a ictericia pode ser uma consequência, ou ainda, nesta hipótese, por redução dos seus pigmentos biliares.

Assim, uma ictericia banal, por turgescência da mucosa das vias biliares, ou por engrossamento e aderência da sua secreção — a mais vulgar, a mais frequente e benigna, será transformada por perturbações das funções da célula hepática, indo até produzir em menor quantidade ou fazer mesmo cessar a elaboração da bilirubina (casos com fezes argilosas, etc.) formada no fígado á custa da substancia corante dos globulos rubros destruidos ou até mesmo impedindo ou diminuindo simplesmente a sua função hematopoética, de destruição dos globulos sanguineos, que o fígado, sob a acção da água, já não saberia transformar em pigmento biliar.

Assim, uma perturbação banal e transitoria cederá a outra maior e por vezes irreparável, á custa de um grave celular que pode ser agradável á vista, na aparência da cor da pele, nas que não se sabe onde poderá conduzir, lesando mais ou menos o elemento celular hepático, por vezes profundamente, piorando as condições gerais do organismo e actuando em especial ainda sobre o rim e com alterações visceraes geraes de possível extrema gravidade que vão até á sincope fulminante, á intoxicação aguda ou á possível degenerescência das células hepáticas, renaes e do miocardio.

A sua acção na litíase biliar reduzir-se-hia assim á diluição da bilis, cujo espessamento e estagnação favorecem a conecção da colessterina e a produção dos calculos. E' á contracção espasmodica dos canaes biliares que são devidas as dores violentas da colica hepatica; e por acção inhibitoria os nervos constrictores da vesicula e do canal coledoco, provocariam a dilatação dos canaes biliares, do esfincter duodenal de Oddi e a contracção da vesicula.

Se a celula hepatica está funcionalmente aniquilada, não ha secreção billar (*acolia*) — devendo ser esse o ultimo estado a que pode conduzir a agua. De resto, a simptomatologia gereziana aguda, pode calcar-se completamente sobre a da ictericia: anorexia, lingua saburrosa, peso, vomitos e dor no epigastro, nauseas ou prisão de ventre, alternando com diarreia, prostração geral, insonias, *poussée* febril que em geral passa desapercebida, nula ou pouco elevada durante alguns dias, palidez ou ictericia, emagrecimento; por vezes aparecem os pigmentos biliares normaes e anormaes, em geral sem albuminuria, figado congestionado, por vezes doloroso á pressão, acompanhando-se ainda de prurido cutaneo e de bradicardia, e mais raramente observando-se tambem a simptomatologia das formas infecciosas da ictericia, com calafrios, febre elevada, prostração, cefalalgia, agravamento das perturbações digestivas e nervosas, oliguria, enfraquecimento do miocardio e dispneia de origem toxica, como na ictericia grave, etc. O prurido e as hemorragias, simptommas frequentissimos na patologia do figado, observam-se frequentemente na simptomatologia gereziana, mesmo em doentes que anteriormente não tinham sofrido do figado.

Como se sabe a *crise urinaria* das ictericias não é só marcada pelo aumento da percentagem da ureia, mas as urinas tornam-se *hipertoxicas*. Não deve succeder assim, como tudo o indica, nas *crises gerezianas*, que pelo contrario talvez correspondam a uma baixa da sua toxicidade, reveladora das perturbações ou lesões hepaticas e da depuração renal insufficiente.

Esta deve ser a razão porque a agua não só não está indicada, mas até está contra-indicada na ictericia grave — á ictericia grave conduz a cura gereziana, como em particular succede egualmente á intoxicação pelo fosforo. O figado defende-se principalmente destruindo as toxinas pelo proprio elemento celular: quando os venenos vencem realiza-se a *insufficiencia hepatica*, restando então os rins. Ora a cura gereziana parece não só não favorecer as eliminações renaes, como entravá-las ainda, o que, por fim, não pode deixar de produzir a toxi-infecção fatal. Tal é a origem da ictericia grave, para a qual

o Gerez se deve prescrever... *antes* de ela se manifestar. Todavia a sua evolução nem sempre é fatal, podendo certas formas curar-se mais do que outras. A agua é, pois, impotente na atrofia amarela aguda do figado, em que a lesão vital da célula hepatica está ligada á insufficiente depuração, de que se considera apenas um sintoma, consequencia tanto das formas infecciosas como das toxicas, que o tratamento gereziano naturalmente acresce, conduzindo á degenerescencia de todos os parenquimas, como observamos nas intoxicações pelo alcool, arsenico, antimonio, e particularmente pelo fosforo, a cujo comportamento tanto se assemelha o da cura gereziana.

Com ou sem angiocolite, o espessamento das paredes dos canaliculos biliares, por proliferação do endotelio, sofrem a acção da eliminação dos derivados ainda activos desse pretenso agente terapeutico, que possivelmente os atrofiará, como já teria influído primeiro sobre a circulação portal.

A agua poderia actuar excepcionalmente em certas cirroses com predominio de lesões venosas (endoflebite) e com integridade do sistema biliar? Numerosos casos de cura ou de simples regressão tem da mesma forma sido observados e citados sem tal tratamento, e com maior frequencia; por vezes pois, e excepcionalmente, a resistencia oferecida aos productos toxicos pode não ser levada de vencida: após uma ou outra paracentese o liquido ascitico pode não se tornar a reproduzir o que confirma a não atrofia do elemento celular hepatico; da mesma forma as *curas*, raras e excepcionalissimas, observadas no Gerez, em opposição ao frequentissimo gravame de todos os sintomas, seriam constituídas por aqueles casos em que o elemento nobre lhe soubesse resistir, e não porque fosse beneficamente influenciado pela agua, que apressaria pelo contrario a evolução fatal nos casos restantes. Da mesma forma a contra-indicação *formal* á cura gereziana na cirrose hipertrofica biliar de Hanot, em que predomina a angiocolite dos canaliculos biliares, explicar-se-ia igualmente tambem porque a sua acção se exerce mais energeticamente *adversa* sobre o sistema biliar, do que propriamente sobre a circulação venosa.

Essa *resistencia* que o organismo pode oferecer á agua do Gerez, e que o Dr. A. Santos attribuia á melhora da nutrição e ao bom funcionamento da célula e do órgão, poderia attribuir-se á acção antiseptica da agua, que possivelmente irá reduzir ou destruir mais ou menos as bacterias intestinaes, que já Pasteur considerava como indispensaveis, por adaptação mutua á nutrição dos organismos superiores, admitindo Nencki que os sucos digestivos são insufficientes para, sem a sua intervenção, tornar os alimentos assimilaveis, destruindo os germens infecciosos, dando origem a anticorpos e segregando substancias

que excitam o peristaltismo e a progressão do bolo alimentar.

○ Não devemos ainda esquecer que o fluoreto de sodio impede as fermentações e a putrefacção, apesar do seu poder antiseptico não ser muito forte, embora segundo Effront, não impeça a acção das diastases, não possuímos elementos para garantir que não influirá adversamente aos complexos fenomenos da digestão e da assimilação. E se isto é com o fluoreto de sodio, o que sucederá com um composto de fluor mais energico e mais toxico? <sup>(1)</sup>

De resto tambem o salicilato de sodio, a ipeca, o aloes, etc., actuam electivamente sobre o figado e nem por isso são considerados tonicos do figado. Ha ictericias que se curam por si ou que se tratam e curam com antisepticos intestinaes e que nem por isso se consagraram como panaceias hepaticas.

A agua greziana que, no dizer de um literato illustre, o Dr. Antero de Figueiredo, seria como que uma raspadeira ou *vassourinha* de *arame*, que arrastaria os calculos e as areias biliares e renaes — de visceras de função e comportamento tão diversos — teria a mesma acção sobre elas: mas antes de as *esflorar* e *raspar*, antes de as *espremer*, na palavra de um medico illustre, ha uma congestão visceral geral, que actuando sobre o figado expulsa os calculos biliares, e da mesma forma sobre o rim, os calculos renaes, isto no meio ou no final do tratamento — *se é que a propria agua não colabora*, com adeante veremos, *na sua elaboração*.

Consequencia da intoxicação geral, esta congestão mais ou menos de todas as visceras, desloca e altera todas essas antigas formações, e expulsa-as, pela mesma razão que as doenças infecciosas provocam habitualmente o aborto nas gravidas (o que tambem ali já tem sucedido) ou porque, quando se pisa ou exprime um fruto de caroço, se obriga este a abandonar o receptaculo.

E' conhecida a função anti-toxica do figado, e Roger mostrou que ele armazena os metaes pesados, destroe os alcaloides e elimina os venenos pela secreção biliar, que, como se sabe, é muito tóxica. — Não será essa a origem do pretendido estimulo da função biligenica, tal qual sucede com outras intoxicações, como por exemplo na intoxicação pelo fosforo?

«Na passagem atravez o figado, dizem Meyer e Gottlieb, a maior parte dos venenos é fortemente enfraquecida, em parte por modificações químicas, *por reacção com o acido sulfurico*,

(1) Na interessante teoria dos floculados de A. Lumière, actuaria directamente sobre eles:

(ver o augmento do enxofre urinario) em parte por passagem lenta para a grande circulação e em parte por adsorção. E' sabido que todo o intestino delgado e o colon descarregam o seu sangue pela veia porta no figado, e que ainda o estomago conduz as substancias absorvidas ao figado.

Evidentemente e como não pode deixar de ser, a consequencia é a esclerose visceral geral, de mais os compostos de fluor, combinam-se com os saes soluveis de calcio tornando-se nos saes insoluveis correspondentes (Gaglio) — e mais manifesta no figado e no rim.

E' a consequencia das intoxicações lentas e repetidas com que, já praticamente Sabourin e Laffite, depois de outros experimentadores, provocaram nos animaes lesões identicas ás da cirrose atrofica e de que na clinica temos tantos e variados exemplos, como a alccolica, e outras que podem ser consequencia da profissão, como a saturnina, etc.

Para ela caminham todos esses *peregrinos*, para a cirrose, para a ictericia grave (atrofia amarela aguda do figado) ou para o figado cardiaco e conduzi-los-ha inevitavelmente ao mesmo fim, com o cortejo costumado — cachexia hepatica, ictericia, estado tifoide, perturbações nervosas, febre ou hipotermia, hemorragias, etc., a todas essas complicações e accidentes que observamos nos resultados de tal tratamento.

Como a Ricardo Jorge, embora eu não o soubesse dizer tão bem, «a escurentesa de questões transcendentis de toda a ordem, proseguidas com um cabedal — eu não posso dizer de erudição, nem de critica, mas simplesmente de experiencia cautelosa, ha tres anos me polariza o espirito na direcção do problema da hidromedicina gereziana. O «*cur*» e o «*quomodo*» da acção da agua do Gerez, que a sua analise ainda não explica, preocupou sempre como é natural os medicos e os quimicos. Já o Dr. J. A. Marques, depois de dizer que se o acaso serve alguém neste mundo o favoreceu a ele com oportunidade inesperada na satisfação dos mais ardentes desejos, (creio que a proposito da fonte potavel que denomina da Casa Amarela, perto do hotel Universal) perguntou: «Teem as aguas do Gerez uma grande reputação em quasi todo o paiz e principalmente nas provincias do norte. Mas são as aguas do Gerez merecedoras deste extraordinario renome? Teem elas em si pela sua composição quimica ou por outra circumstancia, o que explique ou justifique esta fama tão generalizada nas tradições populares? Aparece como decretalmente ditado: «Para o figado é a unica medicação curativa» — isto embora vá falando no conjunto de algumas condições felizes que a natureza reuniu naquella localidade.

O Dr. Augusto Santos escreveu: «O certo é que a ener-

gia da acção termal é muito maior do que o faziam supôr a termalidade e a composição quimica especial, tanto sobre o tegumento externo e interno, como na intimidade dos tecidos». E a proposito da *Serra do Gerez*, seu concunhado, o sr. Tude de Souza: «A'parte as suas aguas mineraes que mais acarretaram a curiosidade em desvendar os agentes que as tornavam uma potencia terapeutica ...»

A este proposito exprime-se muito bem o sr. dr. Manuel Antonio Soeiro d'Almeida, actual director clinico das Termas do Gerez: «As aguas do Gerez provocam reacções medicamentosas que lhe são proprias e que a *sua analyse quimica não explica duma maneira satisfatoria*. E' preciso entrar em linha de conta com a termalidade, a emanação radio-activa, a fraca mineralização que favorece a sua alta eonisação, o estado coloidal dos seus elementos quimicos, que são factores biodynamicos duma importancia capital. Eles levantam *um pouco o veu* que oculta esta *particularidade*, um pouco *misteriosa* das aguas do Gerez... Os factos clinicos demonstram irrefutavelmente a acção electiva das aguas do Gerez sobre a celula hepatica, mas as investigações fisico-quimicas *não nos dão a explicação cabal* desta electividade para o elemento nobre do figado. «*Embora no estado actual dos nossos conhecimentos não se possa explicar* esta electividade tão especial das aguas do Gerez para a celula do figado, é certo que elas devem os seus efeitos terapeuticos á emanação de radio, termalidade, e a uma energia dos seus elementos quimicos altamente dissociados».

Somos pois forçados, por um dever de consciencia, a desvendar «essa particularidade um pouco misteriosas das aguas do Gerez.»

«Não se conhecem aguas, diz I. da F. Benevides, que menos mostrem as suas virtudes (olhadas simplesmente pelas suas qualidades mineraes), do que as do Gerez, ao mesmo tempo que não existem outras mais activas em virtudes». «E' impossivel pois cerrar os olhos á evidencia; a agua possui uma energia terapeutica propria, individual, e essa é a alma da cura gereziana» — disse Ricardo Jorge.

«Deverão ficar pois encurentadas e inacessiveis a teorisação hidrologica, como uma esfinge impenetravel e impunemente desafiadora? — » Sem duvida, que esta homeopatisação hidro-mineral esbarra num mistério, a aguçar a curiosidade do espirito mais avesso ao icognoscido — «onde preside a virtude curativa especial da agua, aparentemente comum, tão nua de saes?»

— Porque é que a agua perde *parte da sua força*, quando tomada engarrafada longe da nascente, limitando-se a provocar fezes moles quando empregada em doses elevadas? — *Por-*

que se trata evidentemente de uma energia transitória, e sendo de peso quasi equal ao da agua destilada, como actuam pois estas aguas «inermes de Gubler»?

O que ha pois quanto á radioactividade da agua? Do que está publicado sabia-se apenas <sup>(1)</sup> que as determinações dos srs. drs. Francisco M. de Souza Nazareth e Felismino Ribeiro Gomes realizaram em Coimbra (*Memoria* de Ferreira da Silva, citada) em 1918, dão como mais radioactiva a agua da Fonte da *Telha*, que classificam de *fortemente radioactiva*, attribuindo á emanação contida em  $10^1$  de agua, no momento da colheita, 216 milimicrocuries ou 3,24 miligramas minuto, e a condutibilidade electrica especifica, pelo metodo de Pohlrausch á temperatura de  $25,0$  de  $1,908.10^{-4}$   $\text{cm}^{-1}$   $\text{ohm}^{-1}$ , que as da Bica e Forte são muito radioactivas e que a quantidade da emanação contida em  $10^1$  de agua seria na da Bica 64,1 milimicrocuries ou 0,96 miligrama minuto; na Forte, 45,7 milimicrocuries ou 0,70 miligrama minuto, e que nenhuma das aguas conteria em dissolução saes de radio, torio ou actinio. A sua radioactividade seria pois «unicamente devida á emanação dissolvida.»

Porem, a *Analise* referida do Prof. Charles Lepierre, feita em 1923, confere á agua da Bica, por  $10^1$  de água, 175,42 milimicrocuries ou 2,39 miligramas minuto de emanação ou seja 17,54 milimicrocuries por litro; e á da *Telha*, que os analistas anteriores consideravam a mais radioactiva, apenas cerca de metade daquela, por  $10^1$ —95,4 milimicrocuries ou 1,3 miligramas minuto, ou 9,54 milimicrocuries, por litro. Tambem não encontrou saes de radio dissolvidos. «Procurei, mas sem encontrar, atendendo talvez á deficiencia dos meios de observação: o cesio, o rubidio, a cobre, o zinco, o uranio, etc».

Estes resultados discordantes, e contraditorios, que o Prof. Lepierre explica admitindo «a não ser que haja mudança notavel da sua radioactividade (o que é possível)», são porem concordantes em não encontrarem na agua saes de radio, torio ou actinio; todavia enquanto os primeiros autores o afirmam categoricamente, o Prof. Lepierre diz que a pesquisa dos saes de radio não revelou «em quantidade apreciavel» a presença de saes de radio dissolvidos.

Estes resultados parecem confirmar a dificuldade da determinação, mas não provam que ela não venha, cedo ou tarde, a ser possível, podendo ainda tratar-se de qualquer derivado radioactivo mais instavel ou efemero do que os habituaes.

(<sup>2</sup>) Alem das determinações do Prof. P.<sup>e</sup> Oliveira Pinto, em 1910.

«Essa divergencia diz o Prof. Lepierre, pode explicar-se de duas maneiras: ou troca de rotulos nas garrafas analisadas pelos experimentadores de Coimbra — ou então «variações importantes» na Radioactividade das aguas gerezianas; devo dizer que não me repugna esta ultima hipotese» — nós somos antes pela troca de rotulos.

«De resto nessa ordem de ideias, muito ha ainda a fazer para se conhecer bem o Gerez — diz o Prof. Lepierre: analyses repetidas da riqueza em fluoretos, estudo das variações de composição geral das nascentes; estudo da Radioactividade da atmosfera do Gerez. Ainda ha muito por estudar».

A radio-actividade foi descoberta por H. Becquerel, que em 1896, observou primeiro nos compostos de uranio a radiação que emitem espontaneamente, aproximando-se a sua natureza da dos raios X, ionisando como estes o ar, e sobre os quaes Madame Curie e seu marido estabeleceram os primeiros principios.

Excepcionalmente, podem encontrar-se vestigios de saes de radio em dissolução, que se reconhecem, se ao fim de um mes ainda apresentam radio-actividade, pois pode admitir-se

## FACULTÉ DES SCIENCES DE PARIS

P. C. N. (Annexe rue Cuvier, n° 12)

TRAVAUX PRATIQUES

DE  
PHYSIQUE

TÉLÉPH. : GOB. 63-16

Paris, le *avril* 1926

*Monsieur,*

*Je ne pense pas qu'il soit possible d'employer des méthodes analytiques pour déceler le thorium à d'aussi faibles teneurs. Il faut employer des méthodes faisant appel aux*

propriedades radioactivas. Ces mesures  
 sont particulièrement délicates avec  
 les radio éléments de la série  
 du tharinium. et en plus le radium  
 est présent. Si vous voulez, bien  
 vous reporter à mon livre, voyez  
 p. 103-4-105 et 327-8. Il aurait  
 peut être lieu de faire les mesures  
 par les dépôts actifs à évolutions  
 lente. Avec l'expressions de mes  
 sentiments très distingués M. Curie

que os saes de radio persistem indefinidamente, produzindo continuamente emanação. Geralmente a radio-actividade perde-se ao fim de um mes, quando se trata apenas da emanação que se destroe espontanea e continuamente — em 4 dias metade da do radio, em 54 segundos do torio, em 4 segundos do actinio.

O radio é um elemento instavel donde derivam produtos de gradual desintegração ou degradação dos seus atomos, libertando sob a forma de luz, calor, electricidade e de raios analogos aos raios X, penetrando mais ou menos profundamente as substancias opacas ou transparentes grandes quantidades de energia e entre as quaes figura um gas radio-activo, ao qual Rutheford deu o nome de *emanação*, que os saes radio-activos produzem continuamente, e que se destroe rapidamente. E' pois á emanação do radio que geralmente é devida a radio-actividade, que se apresenta em quasi todas as aguas ou gazes naturaes, encontrando-se vestigios de saes radio-activos no solo, nas lamas das fontes, etc., e o helio, elemento es-

tavel não radio-activo, um dos cinco gases raros, e um dos productos de desintegração do radio.

«Reconhece-se ainda um grande numero de outros tipos de materia radio-activa; estes tipos são mais fugidios, não duram respectivamente senão meses, dias, horas, minutos, ou mesmo segundos <sup>(1)</sup>».

Entre estes figura o torio X, cuja reproducção continua é devida ao radio-torio, e que é um producto radio-activo effimero do torio, cuja actividade é fugitiva. «Ao fim de um mes desapareceu completamente e em quatro dias cae a metade do seu valor inicial». «O poder de emanação deste corpo desapparece com a mesma facilidade, <sup>(2)</sup> pois metade destruir-se-hia em 54 segundos, e só pode ser determinada e não sem difficuldade, no proprio local e immediatamente.

«As informações que se possuem sobre este assunto são ainda pouco precisas por causa do silencio guardado em volta da preparação e da quimica deste corpo — a proposito do radio e mesotorio. E a proposito do torio X: «*o periodo de emanação é praticamente demasiado curto...* O metodo de dosagem pela emanação libertada *está longe de apresentar aqui as mesmas vantagens* que para o radio». «O emprego do torio X tem sido preconizado em medicina porque se pode injectar soluções deste corpo nos tumores e nas veias. Mas é necessario operar com precaução, porque o torio X seria um veneno violento... <sup>(3)</sup>» — diz Maurice Curie, de quem pedimos licença para reproduzir o fac-simile de um autografo a esse respeito.

Em conclusão: o metodo químico da dosagem do torio é longo e trabalhoso e os metodos radiactivos para pequenas quantidades ainda não estão convenientemente afinados, sendo a pesquisa muito delicada. Eis uma das conclusões a que se chega: «Indica-se ummeto do relativamente simples para encontrar mesmo em substancias fracamente activas as proporções de radio, torio e actinio com uma precizão avaliada em cerca de *vinte por cento...*» <sup>(4)</sup>—e isto é para as lamas (o processo por sublimação) porque nas aguas, não há actualmente nenhum processo digno de confiança.

Mas temos os efeitos experimentaes. Depois da injecção de *emanação* a coelhos Fellner e Neumann (citados por Piery e Milhaud) observaram os ovarios congestionados e segundo Tufier teem-se observado perturbações da função ovarica no

(1) e (2) *La chimie des elements radio-actifs* — por F. Soddy, 1915.

(3) *Le radium et les radio-elements*, por Maurice Curie, Paris, 1925.

(4) *Sur l'analyse des substances radioactives par sublimation*, por C. Ramsauer — *Le radium*, 19 Avril, 1914.

pessoal laboratorial feminino que manipula a emanção em grandes doses e Knaffl e Lenz observam lesões histológicas das células nervosas nos animais sujeitos 40 minutos á emanção, que Winkler conclue que exerce uma acção activante sobre o protoplasma indiferenciado e destrutiva sobre o diferenciado, sucumbindo os cobaias submetidos á acção prolongada da emanção ao fim de oito dias, depois de um curto periodo de dispneia (Cluzet e Chevallier) «por assim dizer bruscamente» com congestão intensa do figado, da medula ossea e do pulmão e com enfartos disseminados na massa pulmonar.

Quanto á acção da emanção do radio sobre o sangue, Chambers e Russ viram a destruição dos leucocitos com uma exposição prolongada á emanção, em doses consideraveis e, no entanto, nas leucemias, onde este tratamento poderia empregar-se, não obtiveram diminuição do numero dos leucocitos (Von Noorden e Falta). Relativamente á acção sobre os elementos figurados do sangue, a injeccção de grandes doses é nociva e determina ao mesmo tempo que uma leucopenia extrema, lesões profundas do aparelho linfático (baço, ganglios) e da medula ossea e hemorragias diversas. No homem segundo Falta, é perigoso injectar numa só vez mais de 500 U. E. S. *O actinio e o polonio teriam uma acção equivalente.*

Quando á acção sedativa e hipnotica da emanção do radio, dizem ainda os citados Piery e Milhaud: *Il est d'ailleurs possible que dans certains cas la suggestion ne soit pas étrangère à ces résultats.*

Relativamente á acção dos saes de radio sobre os globulos rubros, Henry e Mayer fazendo actuar a sua radiação sobre soluções de hemoglobina, constataam ao espectroscopio a formação de methemoglobina. Estes mesmos autores, viram os globulos vermelhos irradiados, diminuirem de resistencia, abandonando facilmente hemoglobina e saes ás soluções osmoticas que não actuavam sobre os globulos vermelhos normaes. Sob a influencia da radiação, Chambers e Russ mostram que os globulos vermelhos são facilmente hemolisados. Sobre os globulos brancos Aubertin e Delamarre observaram leucocitose com polinucleose, que dá rapidamente logar á leucopenia.

Quanto ao mesotorio não determina nenhum acidente (Carnot e Guillaume). *Mas o torio X pode determinar accidentes geraes benignos — pigmentação da pele, lembrando o adisonismo, coincidindo com a diminuição dos globulos vermelhos e oxidases do sangue* (G. Petit, Marchand, Jaloustre) *precedida de ligeira elevação de temperatura e nauseas, vomitos, lipotimias* (Dapay, Bessiere e Jaloustre). Entre os accidentes geraes graves: *verdadeiro sindroma escorbuto, anorexia invencivel,*

*equimoses sub-cutaneas, hipotensão arterial, hipocoagulabilidade do sangue, anemia profunda*, por diminuição do numero dos globulos vermelhos, leucopenia acentuada, e mais raramente *vomitos e diarreia* (G. Petit e os seus colaboradores). Como o mostram os trabalhos alemães, as doses hipertoxicas arrastam perturbações duma gravidade excepcional do lado do *aparelho digestivo*, o que não é para surpreender se nos lembrarmos que o intestino é a grande via de eliminação do torio X e dos seus derivados.

«E' então que aparece uma diarreia *profusa e sangrenta, sstomatorragias, hematemeses* ao mesmo tempo que o estado geral se torna muito precario, com *emagrecimento* consideravel e febre. *Acidentes mortaes tem sido assinalados*. E' preciso igualmente saber que os *rins são muito sensiveis ao torio X*. Plesch, Keetmann e Karckag viram aparecer num tuberculoso depois da administração de 1200 U. E. S. em 3 ou 4 dias uma *nefrite hemorragica*.

Constatações necropsicas nos animaes em experiencia e nos casos mortais no homem, revelam que as doses muito fortes determinam lesões profundas do *baço*, dos *ganglios*, do *figado* e das *capsulas supra-renaes*. A *medula ossea*, os *pulmões* e o *intestino*, estão em hiperemia intensa.

«No cão, Falta viu a *albuminuria*, a *cilindruria*, e no exame anatomico do parenquima renal, pequenas hemorragias. No que diz respeito á pigmentação, é provavel que ela proveinha da fixação massica do torio X sobre as capsulas supra renaes; pode tambem ser que ele esteja em relação com a destruição por oxidação da adrenalina circulante, como o tenderiam a fazer admitir as pesquisas de Lemay e Jaloustre.

«Como signaes que advertem a intoxicação, ter-se-ha sobretudo conta da perda do apetite, da diminuição acentuada e continua de peso, duma baixa muito consideravel da tensão e dos elementos figurados do sangue.

Quanto aos resultados terapeuticos, são geralmente *contraditorios*: assim, por exemplo na diabetes, Armstrong teria obtido *por vezes* diminuição da glicosuria e quasi sempre da acidose; e Von Noorden e Falta só viram *duma vez* semelhante resultado produzir-se e nos *outros casos* constataram um *aumento* do assucar urinario e da *acidose* empregando fortes doses; na obesidade, o torio daria segundo Japelli, Plesche, Von Noorden, bons resultados: mas Falta *nega toda a eficacia do torio na obesidade, a menos que se empreguem doses que podem ser toxicas*.

Transparece como se vê, não direi só a analogia, mas até a identidade entre os sintomas da acção do torio X e *parte* dos devidos á agua do Gerez. Apenas o que com o torio X só succede

em doses consideráveis, pode observar-se no Gerez com as doses mais reduzidas da agua, o que nos indica que ela deve conter ou uma percentagem elevada deste sal de radio, ou alguma das suas combinações ainda desconhecidas com o fluor, da mais energica acção — um fluoreto de radio ou de torio pelos efeitos, aliás incontestáveis e bem manifestos, já descriptos.

Assim se explica que fosse muito apregoado pelo Frutuoso, segundo R. Jorge, «o banho seco, uma sudação sem imersão»; no cubiculo do Contra-Forte levantaram a lasega que cobre a caleira; sobre o buraco senta-se o doente numa cadeira, deixando-se envolver pelo vapor que se desprende das aguas — acção radioactiva. Assim se explicam as sincopes que a agua, quer ingerida, quer no banho, quer em clister, pode provocar. Assim se poderá talvez expelicar em parte a impregnação do organismo, pois é sabido que a *emanação* do torio em injeccção intra-venosa é arrastada até á intimidade dos tecidos, onde se poderia, durante dois dias reconhecer (deposito activo de torio).

Sendo porem, como dissemos *muito delicadas*, e no dizer dum illustre professor do I. S. Technico, praticamente impossiveis, as pesquisas do torio X nas aguas, como reconhece-lo?

Muito simplesmente: as aguas mineraes recolhidas asepticamente podem empregar-se como se fossem esterelizadas. Fleig não observou nunca, nem no cão, nem no coelho o menor accidente de ordem infecciosa depois da injeccção, pelas diversas vias conhecidas, de grandes quantidades de agua proveniente das garrafas fornecidas ao commercio. «A agua mineral mesmo muito gasosa pode ser injectada em quantidade bastante notavel *sem produzir nenhum accidente*. Se a injeccção é intra-venosa deve ser bastante lenta.» <sup>(1)</sup> «As aguas hipotonicas podem injectar-se sob a pele, nos musculos e mesmo no sangue.» <sup>(2)</sup> Ainda ha as injeccções intra-peritoniaes. Em todo o caso, pretendendo-se tornar a agua do Gerez isotonica, não deve, pela razão exposta adeante, empregar-se o cloreto de sodio, mas sim a glicose. A dose de 1 litro pode ser mesmo muito excedida, se a injeccção é menos rapida, por exemplo: 2 litros de agua injectados em meia hora a cães de 20 kgs.

Ainda quanto ás injeccções intra-venosas de aguas mineraes, poude Fleig fazer passar *no sangue, numa só vez, quantidades de aguas mineraes chegando a igualar o peso do animal*;

(1) *Les eaux minérales milieux vitaux, par C. Fleig, Paris, 1909.*

(2) Se, nas transfusões de soro artificial convem empregar soluções salinas isotonicas com o plasma sanguineo, não se segue, no entanto, que desordens graves devam resultar forçosamente da injeccção de soluções de pressão osmotica mais forte ou mais fraca — Hédon, l. cit.

e no homem: chegou a injectar nas veias até mais de um litro de cada vez.

Com efeito, diz Hédon (*Précis de Physiologie*) se a solução é hipotonica, o sangue encontra-se diluido pela agua, mas bem depressa os tecidos lhe tiram este excesso de agua e lhe cedem os seus saes, de maneira a restabelecer a pressão osmotica ao seu valor normal. — Se a solução é hipertonica, um fenomeno inverso tem logar.

«Experimentos fisiologicos propriamente ditos, diz o Dr. Augusto Santos, não teem sido feitos com as aguas gerezianas, como de resto tem sucedido nas outras estancias hydrologicas».

Que não se façam experimentos fisiologicos com aguas anodinas que pouco podem divergir das similares estrangeiras e cujos efeitos não devem differir muito delas, comprehende-se; mas que não se tenham feito com as aguas do Gerez, apontadas como causadoras de tantos casos *lendarios*, por todos os citarem, e que provocam os accidentes que aqui descrevi, custa a admitir-se.

Já Ricardo Jorge disse: «A experimentação *in anima vili* é em materia farmacologica, triplamente fructuosa; determina a acção fisiologica, desperta as indicações therapeuticas, e emfim, *gradua as doses toxicas*: é como ante-camara indispensavel do hospital com os seus enfermos. «Só assim se poderão estudar de facto os «efeitos mais ou menos apparentes em doentes» (A. Santos) — e mesmo nos sãos, controlar a sugestão e estabelecer concretamente os resultados do tratamento, pois só assim se poderá verdadeiramente conhecer e deduzir como a agua actua, de preferencia sobre que orgãos e como, e instituir até, como aqui, o diagnostico anatomo-patologico.

As perturbações referidas teem forçosamente, como tudo o indica, de corresponder a determinadas alterações ou perturbações que devem ser mais do que funcionaes, que por vezes não seriam irremediaveis, mas que se podem agravar rapidamente mais vezes do que seria para desejar.

Impressionado pelo comportamento das aguas, fui eu o primeiro e logo no fim do primeiro ano da minha clinica ali, (1923) a proceder a experimentos fisiologicos; encarreguei o Frutuoso de arranjar coelhos grandes, só se conseguiram porém coelhos muito pequenos e cobaias: o meu pensamento, foi logo estudar a acção intravenosa: em coelhos daquele tamanho porém, era impossivel, e tive que limitar a experiencia a injecções sub-cutaneas durante dez dias, de *doses crescentes* d'agua a que não reagiram de forma apreciavel, a não ser com variações do peso.

*Estes experimentos fisiologicos teem que ser feitos especial-*

*mente por via intravenosa*, a mais sensível aos saes de radio. Ainda tentei mais tarde este metodo: por vezes injectando *pequenas doses* d'agua, sem resultados evidentes.

Estes experimentos devem ser feitos, não só por via intravenosa, mas tambem por via digestiva e realizados em jejum, não só nos herbivoros, mas tambem nos carnivoros, devendo administrar-se a um cão medio as mesmas doses que ao homem, com o auxilio de qualquer frasco metalico para não se ferir, começando-se tambem logo por doses elevadas de 250 grs. e mais, para estabelecer quaes são as doses em geral, rapidamente toxicas, e durante uma «cura» completa, que segundo os medicos gerezistas pode ir a 5 e 6 semanas, para não se limitar a provocar alterações celulares dificeis de estabelecer. Ao mesmo tempo, façam-se todas as análises referidas, antes, durante e depois do tratamento. Proceda-se egualmente a experimentos fisiologicos, em animaes, estabelecendo-se a *fístula biliar* a fim de se poder avaliar a secreção biliar, antes, durante e depois da agua, pois ainda é possível que aos casos em que ha prisão de ventre durante todo o tratamento, corresponda a diminuição da quantidade do fluxo biliar, como succede com os alcalinos, que reduzem a secreção biliar o que só assim poderá determinar-se; e a fistula d'Eck, utilizada com successo no estudo das funções do figado, vassando a veia porta na veia cava, e investigue-se assim se alguns destes animaes, durante o tratamento, não teem morte consecutiva.

*Experimente-se a administrar a agua, em uso interno, ás aves e aos reptis, que suportam e ablação ou laqueação do figado, ao pombo, por exemplo.*

Experimente-se — como já se devja ter feito ha muito tempo: e comparem-se as doses suportadas com as que se administram aos animaes testemunhas e faça-se o confronto com as doses de substancias *toxicas* mineaes mais conhecidas.

E que estas experiencias sejam só feitas pelos interessados, tanto custa a crer que haja quem não o seja em demonstrar o que tudo parece indicar e que, como sempre succedeu, succede e ha-de succeder á verdade — cedo ou tarde brilhará com o fulgor dos astros celestes e dos fachos eternos.

Procurando interpretar a acção gereziana, partindo do principio que a agua era tonica para o figado, inspirado na analise do malogrado Sousa Reis, e tendo em vista a dose «descomunal» de fluoreto alcalino, ainda considerada até esta data como elemento caracteristico e predominante da agua mineral, «o Gerez rendeu alguns dos seus misterios ao metodo scientifico». Ricardo Jorge procedeu a experimentos com in-

jecções nos sacos dorsaes da rã, e ainda subcutaneas nalguns coelhos e num cão, provocando estas ultimas escaras mais ou menos profundas, empregando um soluto de fluoreto de potasio a 2 o/o: 0,02 a 0,04 gr. matam a rã ao fim de um quarto de hora, com paralisia nevro-muscular e congestão hepato-renal; 0,05 matam o coelho, 0,08 gr. o cão. No homem, experimentou por via interna, primeiro nos alienados e constatou intolerancia da parte do tubo digestivo a partir de 0,40 gr., chegando a administrar 1,20 gr., com gastro-enterite aos 0,80 gr., actuando como um emeto-catartico, com vomitos e diarreias constantes, apesar de lhe juntar o laudano.

Concluiu que se trata de um agente terapeutico (?) hipostenisante, depressivo, que por certo comportamento se aproxima de outros derivados haloides. — Nas doenças nervosas e mentaes manifestou-se improprio para debelar os sintomas de excitação, que pelo contrario agrava fortemente, obrigando a não «insistir mais».

Mas, e como que a confirmar a pretendida acção terapeutica das aguas, em soluto de 0,20 a 0,40 gr. <sup>o</sup>, por dia, em duas doses, de manhã e á tarde, poderia provocar vomitos e gastralgia intensa, o que não succede com a primeira dose e não se observa geralmente com 0,10 gr., chegando os clinicos que o administraram, no Porto, á conclusão que melhora as ictericias e os engorgitamentos hepato-splenicos mas não completamente. Como se vê, parece que a droga produz melhor efeito nas pessoas com juizo do que nos alienados, o que talvez se justifique pelas doses menores, embora n'um doente não alienado, o Prof. Azevedo Maia tivesse que *forçar a tolerancia*, recorrendo á morfina e á cocaina. <sup>(1)</sup>

Aos silicatos é atribuida acção excitadora e anti-fermentiscivel, com reducção das eliminações azotadas e influencia sobre a colessterina, mas apesar das aguas do Gerez serem silicatadas, e com os seus poucos miligramas de sal de litio, perante a analyse quimica e os resultados dos seus experimentos com o fluoreto alcalino, concluiu: «Afoitamente poderemos dizer que a alta característica mineral do Gerez é o seu fluor», e «como que chegou para o fluor a hora da glorificação».

Depois, como que a responder ás suas proprias duvidas: «No Gerez, na ração diaria do cliente vão tres ou quatro centigramas de substancia solvida, em infima posologia, *como se se tratasse dalgum toxico, dalgum alcaloide* e pergunta: *onde reside a virtude curativa especial da agua, aparentemente comum,*

<sup>(1)</sup> Vem do tempo do Dr. A. Santos o uso *durante o tratamento* da digitalis e das injeccões de estriquina, e actualmente estabeleceu-se o das injeccões de oleo canforado: tal é o efeito depressivo da agua.

*tão nua de saes?* Estas *salutiferas e celebradas* aguas, que Ricardo Jorge estava longe de comparar á *agua vital* da alquimia, tão singelas, tão pouco mineraes, constituem uma agua quente duma extrema tenuidade crasica: «se um decigramma de fluoreto opera farmacologicamente, não surpreenda que as aguas, em dose decimalmente inferior, actuem pelo seu ingrediente fluoretado», o que attribue á refinada bio-actividade dos ingredientes da molecula salina hidro-mineral.

Todavia, se se persiste em attribuir aos fluoretos a acção principal da agua, se 0,20 gr. de fluoreto alcalino não provocam habitualmente intolerancia, como é que contendo um litro de agua menos de 0,027 gr., e uma colher de sobremesa, com 0,00027 de fluoreto alcalino, já poderá provocar os efeitos que descrevemos?!... E a intolerancia gastro-intestinal que «facilmente se evita» com aqueles solutos fluoretados relativamente concentrados, difficilmente se evita com esta percentagem tenuissima de fluor...

«E' raro, disse Ricardo Jorge, que as perturbações gastro-intestinaes não apareçam — inaptencia ou enjôo, prisão ou soltura de ventre» — mesmo com doses... homeopaticas.

O Dr. A. Santos diverge a este respeito do Prof. R. Jorge: «Muitos doentes desconhecendo a natureza das crises intestinaes de tipo inflammatorio, sofrem-nas com resignação e mesmo satisfação, tão crentes estão de que a eficacia da cura está na razão directa da sua intensidade e de que sem as crises a que chamam erradamente (?) *efeitos das aguas*, não se opera a melhoria ou cura dos padecimentos. Alguns medicos partilham esta crença. Ainda em folhetos publicados ha poucos anos se afirma que as aguas do Gerez produzem efeitos drasticos... «As crises acentuadas são verdadeiros estados morbidos; não são imputaveis á cura em si, mas ao estado do intestino e a condições extranhas ás qualidades proprias das aguas medicinaes» — evidentemente aos microbios. — «Antes da captação das aguas termaes e potaveis da localidade, eram tambem mais frequentes do que hoje, e apareciam mais depois das chuvas estas crises colo-rectaes, e por vezes tambem entericas, chegando a haver febre mais ou menos alta; hoje que as aguas estão puras, livres de infiltrações e inquinções são raros os casos intensos».

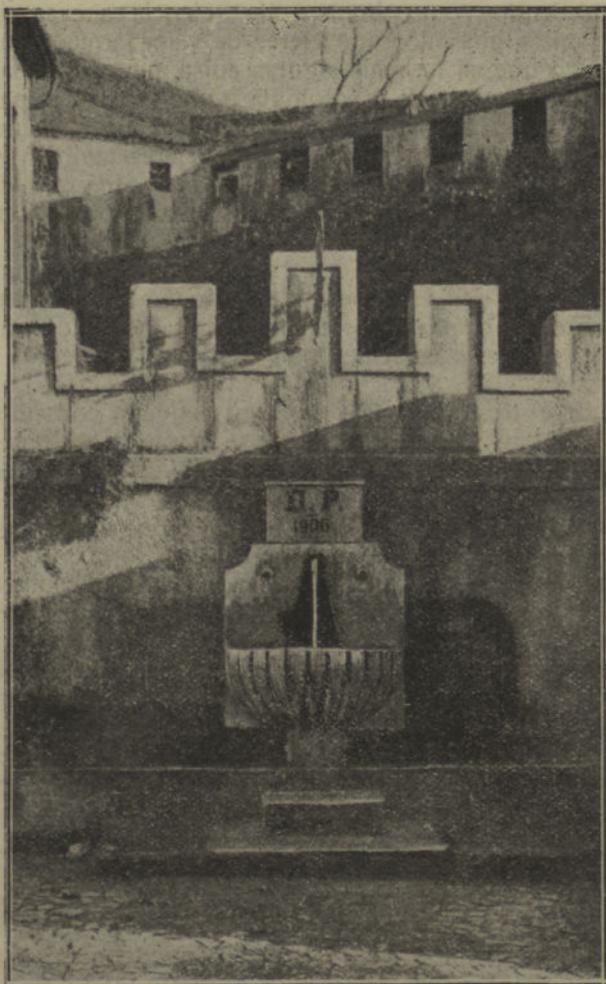
Como se vê o autor attribuia ás bacterias o que toda a gente ainda hoje chama a *o efeito da agua*. E depois de se referir aos silicatos, a que confere acção excitante sobre as funções hepaticas, achando que a sua quantidade não autoriza, porem, papel predominante, tambem admite que este seria devido ao *fluoreto de sodio*, com quota relativamente avantajada e presuppõe a sua acção especial sobre o figado.

Procedendo como homem de sciencia a essa «busca» dos elementos hidriaticos do Gerez de valor farmacodinamico, presentindo que ali ha mais alguma coisa, pensa nas bacterias «que formigam em toda a patologia e por toda a terapeutica». Alem do «influxo climatico e moral» que contribuem fortemente para restaurar o enfermo, será o Gerez tambem viveiro de bacterias fermentos? *Se a boa fortuna o deixar ensaiaremos esta curiosa pesquisa.* «Entre nós o Dr. Lopo de Carvalho, Pae, fazendo o estudo bacteriológico das Termas do Gerez conseguiu obter culturas das bacterias que nessa agua encontrou, diz Alfredo L. Lopes, taes resultados, porem, não viram a luz da publicidade», e Sousa Junior, Fernando Santos e Charles Lepierre estabeleceram o que hoje sabemos a esse respeito.

Durante tres anos tive no meu pequeno consultorio de medico adjunto das Termas, sempre diante dos olhos, emoldurados e pendentes duma parede, os vidros de relógio de Sousa Reis onde o fluor, corroendo o vidro, gravou o nome das respectivas fontes do Gerez, e mais de uma vez nos lembramos das palavras sibilinas de Ricardo Jorge: «As lendas hidroquimicas, as apelidações variadas, os imprescutaveis segredos, todos esses farrapos de misterio ou de mentira, que trapejam sobre os cumes do Gerez vão ser dilacerados á ponta da análise e da sintese hidrologicas.» O descricão hidrologico do Gerez não vai ser para nós uma arrumação trivial e panurgica...»

E' pecha humana baralhar-se, explicar-se com o que ignoramos o que pretendemos saber. A agua do Gerez actuaria muito simplesmente pelo ião do seu fluor: assim, era meio caminho andado: só faltaria determinar a acção do tal ião. Deixemos, porem, desta feita os iões socegados, pois não necessitamos da dissociação electrolitica para explicarmos a «misteriosa acção», pelo menos das aguas potaveis do Gerez. E para isso, como não somos quimicos, apenas podemos aqui estampar a fotogravura que representa a Fonte do Eiras, a *Fonte Publica* do Gerez, que, segundo reza a lapide, data de 1900 e *que já em 1907 assim estava*, com o marmore completamente carcomido, *cortado* em contorno *irregular*, pela agua potavel que escorria da bica já sobre o fundo esburacado e negro da alvenaria, como se vê na reprodução dum postal ilustrado, muito espalhado, e como tem estado exposta, dezenas de anos, ao testemunho insofismavel mas indifferente de dezenas de milhares de visitantes, desde os mais rudes aos mais illustres, que olhavam mas não viam.

Nessa obra meritoria das obras publicas, ali estava exposta pelo destino — e porque não dizer pela Providencia? —



A Fonte do Eiras — *um reagente natural*: a placa de marmore foi completamente carcomida e em pouco tempo, pela *finissima* agua potavel do Gerez.

diante das Termas, na Avenida das Caldas, a acção da sua agua.

— Foi a agua que gastou a pedra, já ha muitos anos, informavam — e todos ficavam muito satisfeitos com a explicação, os que a davam, e ainda mais os que a recebiam.

Via-a felizmente eu e reconhecia-a como *corpo de delito* da

sua acção, ainda mesmo antes de a saber interpretar, o que só agora acabo de conseguir, o que se me deve relevar, atendendo aos meus limitados conhecimentos de quimica.

Como é sabido, o fluor é o mais energico dos halogenios: é um gaz amarelo esverdeado, de cheiro semelhante ao acido hipocloroso, que se combina mesmo ás escuras com o hydrogenio, difficil de obter livre pela sua afinidade para os outros elementos e porque ataca os recipientes dos aparelhos empregados e que, mesmo em quantidades minimas, provoca violenta irritação das mucosas.

Os seus saes, mesmo em pequena quantidade e fraca concentração, exercem acção toxica sobre os elementos intestinaes e poderiam reduzir a permeabilidade e a faculdade absorbente do revestimento epitelial do intestino (Scanzoni, citado por Meyer e Gottlieb) *modificando as condições quimicas* da membrana coloidal ou *paralisando* a musculatura das vilosidades. Brandle e Teippeiner constataam nos cães alterações osseas, maior dureza e fragilidade. O fluoreto de sodio, diz Gaglio, tem uma acção local fortemente irritante: *a solução a 2%o corroe os epitelios das membranas mucosas*. O envenenamento apresenta-se com *salivação* intensa, *lacrimejamento diuresis*, *tremores* e tambem *convulsões*; á excitação da parte central do cerebro, segue-se uma forte depressão, o centro vaso motor é depressa *paralisado* e a pressão baixa, enquanto que o coração resiste por muito tempo: a morte dá-se por *paralisia do centro respiratorio*.

Todos os acidos possuem mais ou menos acção antiseptica, atacando porem os tecidos e os metaes: o acido fluoridrico é um gaz incolor, de cheiro irritante, emitindo vapores em contacto com o ar, muito soluvel na agua, mais energico que o acido cloridrico, *é um veneno poderosissimo*, quer *inspirado* quer *ingerido*, mesmo em pequenas quantidades, fortemente *irritante* e *corrosivo*, dando origem nos tecidos a flictenas e ulceras muito dolorosas, cujas supurações cicatrizam muito lentamente. Mau condutor da electricidade, ataca quasi todos os metaes excepto o ouro e platina, resistindo-lhe ainda o chumbo. Os sintomas do envenenamento são: *nauseas*, *vomitos*, *salivação intensa*, *suores frios*, *miose*, *pulso pequeno* e *morte*, mesmo em pequenas quantidades; e em doses consideraveis: *gastroenterite*, *salivação*, *fenomenos nervosos* e *morte*.<sup>(1)</sup>

Muito diluido, tentaram-se applicações, por inalação na tuberculose pulmonar, mas os resultados, diz Gaglio, *não foram encorajantes*;» com efeito a sua acção sobre os tecidos tuberculosos deve ser mais toxica do que antiseptica.

(1) Chimica inorganica, por D. Vitali, 1913.

Os fluoretos alcalinos comportam-se igualmente como venenos violentos, sendo muito soluveis na agua, menos o de calcio, estroncio e bario, insoluveis. O fluoreto de calcio existe na natureza sob a forma de spato-fluor ou fluorina.

*Os compostos do fluor*, diz Manquat, não tiveram senão um *sucesso efemero* em terapeutica; o seu emprego está por assim dizer *completamente abandonado*.

A pratica de juntar fluoreto de sodio aos vinhos para assegurar a sua conservação, diz Gaglio, foi condenada por nociva.—Com efeito: as propriedades deleterias do veneno pronuñciam-se á maneira que se emprega, segundo Lewin.

Considera-se o mais energico destruidor dos vegetais e conserva-se em vasilhas interiormente parafinadas porque ataca o vidro (silicatos).

Chegamos a um dos pontos mais importantes do nosso trabalho: *qual a combinação em que existe o fluor na agua do Gerez?*—Como se sabe, uma analyse dá a lista ponderal dos componentes, mas dissociados do estado primitivo em que existiam, pela pesquisa analitica. Poderá agora o químico reintegrar esses elementos nas combinações primitivas? Será tão habil em reconstituir como é em dissociar? Não, infelizmente, diz R. Jorge, a sintese real do agregado mineralizante escapalle em grande parte. «Não sabemos, diz Sousa Reis, como se combinaram os principios constituintes de diferentes saes em solução... Nem a teoria nem a analyse poderão fazer conhecer os saes que realmente existem numa solução.»—A reconstituição do estado natural dos elementos mineralizantes, a destribuição dos componentes duma analyse é pois hipotetica.

Os fluoretos alcalinos, diz Hollmann, tem a propriedade de se combinar com uma molecula de acido fluoridrico... A formação de taes moleculas duplas encontra-se muita vez com os acidos... Muitos fluoretos, por evaporação de solução, desenvolvem acido fluoridrico, deixando um fluoreto basico.

O anidridico silicico ( $\text{SiO}^2$ )—silica, muito duro, insolavel, na agua, utilizado na fabricação de aparelhos para usos quimicos, não se deixa atacar pelos acidos, a não ser exactamente pelo acido fluoridrico, que reage energicamente com os silicatos, para dar o fluoreto de silicio ( $\text{F}^4 \text{Si}$ ) um gas incolor, com cheiro penetrante e sufocante, que prejudica *fortemente a respiração e a vegetação*, e reage com a agua, formando o acido silicico gelatinoso e o *acido fluosilicico* ( $\text{F}^6 \text{Si H}^2$  ou  $\text{F}^4 \text{Si} 2 \text{FH}$ ), que se dissolve na agua, e que só assim é conhecido, porque a agua o decompõe, não se podendo separar, porque ao evaporar-se esta, ficando em solução acido fluoridrico, liberta-se fluoreto de silicio, que se volatiliza desde que contenha uma certa percentagem d'acido fluosilicico.

Quando se aquece uma solução diluída do ácido, diz Hollmann, <sup>(1)</sup> liberta-se um vapor muito mais rico em ácido fluorídrico. Por consequência, quando se evapora parcialmente uma solução concentrada d'ácido hidrofúosilícico, o residuo pode dissolver  $\text{SiO}_2$  porque *contem ácido fluorídrico livre*.

Por outro lado, uma solução diluída de ácido hidrofúosilícico evaporada em parte, abandona sílica ( $\text{SiO}_2$ ) porque *ela contem um excesso de fluoreto de silício*, o qual se decompõe pela água: e eis já agora aqui a razão porque, quando Souza Reis concentrava a água gereziana, *ela se tornava leitosa*.

Entra agora em scena uma água a qual, apesar de Ricardo Jorge lhe preferir a designação de *Doentes*, passa á historia com o nome consagrado de água da *Telha* («honni soit qui mal y pense»), que Sousa Reis reconhece que encerra os mesmos saes, mas em menor dose, e onde apenas encontrou *vestigios* incertos de fluor, operando com dois litros de liquido — «sofrendo a imissão das águas superficiaes,» diz R. Jorge, e cuja reacção cabe ao professor C. Lepierre a honra de ter sido o primeiro a determinar, *nitidamente acida* a frio, com a fenolftaleína.

Ora os fluoretos alcalinos reagem como alcalinos. A que será pois devida essa acidez? Não o diz o Prof. Lepierre, que conclue «que a água a *Telha* é uma água mineral misturada com volume igual aproximadamente de água friatica.»

Estamos á espera que se lhe atribua o anodino ácido carbonico, que a água pode conter: mas uma inofensiva água de Sedlitz é incapaz daquela acção *tão rápida e energica, tão corrosiva* e está completamente ao abrigo dos efeitos de colapso que eu lhe attribuí.

Já não se trata, agora, da água termal, «tão pouco mineral, uma água quente duma extrema tenuidade crasica, tão singela» — trata-se simplesmente da água potavel, ainda mais singela, com uma densidade como a da Casa Amarela de 1,000042, «muitas águas teem o rotulo de destiladas com menos direitos».

Qual é pois a combinação em que existe o fluor na Água do Gerez? Tudo o indica — deve tratar-se do *ácido fuosilícico* ou dos seus saes, os *fuosilicatos*.

Assim se comprehendem já os efeitos pathologicos que attribuo á água potavel: assim se explica a reacção nitidamente acida da água da *Telha*; assim se explica que tendo o Dr. Fernando Santos, então Director do Laboratorio e Farmacia do Gerez, procedido em 1903, á *analise quimica* e bacteriologica

(1) *Traité de chimie inorganique*, por A. F. Hollmann, 1912.

das aguas potaveis do Gerez, (que devem ter sido a causa da sincope que o vitimou no seu passeio á Albergaria (apesar de se lhe attribuir uma miocardite) <sup>(1)</sup> e '*não tendo determinado a sua alcalinidade*, assim se comprehende agora a razão de ser da *finissima* Agua da *Pedra-Bela*, que já se exportou para o Porto (sem ser para *conservar* os seus magnificos vinhos): e a razão do conhecimento tão apregoada, a *tort et à travers*, porque a cal existe apenas em vestigios nas *finissimas* aguas da Serra: foram destiladas *quimicamente*: roubou-lha o *acido fluossilicico* de que é portadora.

Assim se explica a acção do *reagente natural* da Fonte do Eiras (a Fonte Publica): é sabido que até já no estado de sal de sodio (fluossilicato) — que em pó é caustico, alguma coisa soluvel na agua, podendo atacar os instrumentos e até o *esmalte* <sup>(1)</sup> dos vasos de porcelana, em concentração (F Na Si F<sup>2</sup>) e que mesmo em solução fraca é um antiseptico  *muito energico*.

O acido fluossilicico tem forte acção antiseptica e anti-cryptogamica; não ataca o vidro, e serve para endurecer as argamassas de gesso e cimento, formando fluoreto de calcio e libertando silica. As suas soluções em vez de incharem a madeira, contraem-na, abrindo-lhe fendas que teem que se calafetar com betume; emprega-se para conservar as madeiras e as cores a oleo é, como diremos? — um *petreficante*.

A solução aquosa do acido fluossilicico, comporta-se como um acido halogenico, podendo atacar os metaes e libertando hidrogenio, e com as bases forma saes actuando como acidos basicos, alguns insoluveis como o de bario, ou pouco soluveis como o de potassio (aí está a razão das fracas percentagens destas bases na sua analyse) sendo a maior parte soluveis.

Ha uma industria que contende com esta *medicação*, que melhor poderá considerar-se acção de produtos quimicos sob a alçada das leis que regem as industrias insalubres: os gases provenientes da preparação dos superfosfatos teem que se lavar antes de se espalhar na atmosfera, por serem prejudiciaes á vegetação etc.: o fluoreto de silicio, gás incolor que como já referimos se forma na fabricação dos superfosfatos é *prejudicial á respiração* e á *vegetação*: utiliza-se a sua reacção com agua. A agua de lavagem contem acido fluossilicico que,

(1) Estes efeitos de colapso com as aguas do Gerez, thermal ou potaveis, manifestam-se especialmente nos brighticos e nos cardiacos.

(2) No Gerez foi-me sucessivamente atacado o esmalte de dois dentes, um num ano, outro noutro.

por imposição da hygiene e das leis sanitarias, nas fabricas de superfosfatos, com previa adição de cal, se pode descarregar nos rios, ou se alcaliniza com um soluto aquoso de cloreto de sodio a 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> — o fluosilicató do filtrado pode utilizar-se: o fluosilicato de sodio é um opacificante, proveniente do ataque dos fosfatos naturaes pelo acido sulfurico, e que, é utilizado nos esmaltes fluoretados (silicatos tratados pelo fluor) — esta é a razão porque não se deve, com intuitos experimentaes, tornar a agua do Gerez isotonica por meio do cloreto de sodio.

A acção da agua termal atribuf-a, em parte, ao torio X: mas ao mesmo tempo que observamos aqueles symptomas que lhe são proprios, aparecem-nos como seus, *todos* os efeitos dos derivados do fluor: *diurese, baixa da pressão arterial, salivação intensa, nauseas, vomitos, suores frios, fenomenos nervosos, gastro-enterite*, etc. — e *morte*: segundo Manqat, 0,25 gr. de fluoreto de sodio, e segundo R. Jorge 0,20 provocam já symptomas de intolerancia: mas essa intolerancia já se observa com uma dose milesimal de agua do Gerez (0,00027 gr.) o que nos conduz a admitir que o fluor se encontra ali sob a forma de derivados mais energicos e mais toxicos do fluor — e do acido fluosilicico — *os fluosilicatos alcalinos.*<sup>(1)</sup>

O fluor que, segundo A. Gautier, assegura a fixação por intermedio da materia organica azotada — parece-me poder afirmar que funciona como um desmineralizador do organismo: por isso os ossos se tornam mais frageis; o fluor, deve ser o *maior descalcificante conhecido.*

Agora se comprehendem muitos factos até aqui inexplicaveis:

«Considerada a condição destes montes, de toda a sorte causa admiração — diz Contador d'Argote. Porque se olharmos para os brutos, as feras, as aves, e outro animaes deste genero que criam; se para as arvores, plantas e flores que produzem, se para as lagoas, rios e fontes que deles manam, acharemos que ou a natureza os dotou dalguma propriedade singular ou que só se dão nesta montanha».

A Link, «deslumbra-o aquella vegetação, recheiada de novas especies, que de caracteristica e singular como que torna o Gerez, diz R. Jorge, um distrito botanico á parte na flora do paiz e até da peninsula. As especialidades zoologicas atraem-no, e entre elas a famosa cabra montesa que só o Gerez possui.

(1) O enxofre deve existir sob a forma de um gas, de um fluoreto fugidio (Forte, etc). Tambem, segundo a «Enciclopedia» Chimica, de J. Guareschi, o acido fluoro-borico, B F<sup>4</sup>H «é muito energico».

«Professores e sabios estrangeiros ali teem vindo fazer colheitas e estudos de fauna e flora. Durante muitos anos o laborioso naturalista, Julio Augusto Henriques, auxiliado por prestantes colaboradores, congregou os materiaes para a sua excelente memoria — *A vegetação da Serra do Gerez*, publicada em 1885. ... Descreve as zonas botanicas da Serra e menciona 487 especies e entre muitas raras descobriu duas novas, gerezianas puras, o *Iris Boissieri* e a *Armeria Wilkommeri!*»

«Nesta serra onde a natureza parece ter creado inacessiveis redutos», diz Tude de Souza, — Barbosa du Bocage descreveu a cabra do Gerez, mas cabe ao distinto naturalista, o Prof. Carlos França, a honra de ter individualizado os seus caracteres, considerando-a definitivamente uma especie distinta.

Trata-se de uma das 4 raças locais da Peninsula.

«A cabra do Gerez tinha o corpo *menos pesado* do que as outras especies de cabras selvagens, o focinho mais *alongado e mais estreito* que estas, os olhos salientes e a iris amarela, sendo o comprimento dos cornos quasi metade que o das restantes especies da peninsula iberica, pois os cornos dos machos fornecem os caracteres mais importantes para a diferenciação das especies sendo as que teem as pontas menos afastadas. Carlos França conclue por considerar a *Capra hispanica* Schimper 1848, como uma variedade regional, meridional, da *C. pyrenaica* Schimpler, 1838 e considera a *C. Victoriae* Cabrera, 1911 e a *C. lusitanica* (extinta) como especies.

A forma e torsão dos cornos da Cabra do Gerez são inconfundiveis: examinando pela frente o animal, os dois cornos arremedam com bastante exactidão a figura de uma mitra colocada quasi verticalmente á cabeça, diz du Bocage. Com torsão helicoidal caracteristica, o bordo acentuadamente cortante, fortemente achatado em quasi toda a extensão, com secção piriforme, sendo as que teem as pontas menos afastadas.

Foi ela escolhida, e agora vemos que muito bem, para o escudete das aguas termaes do Gerez, nos rotulos das garrafas e como timbre, nas suas publicações.

Já Buffon dissera: «a forma das especies animaes não é inalteravel, pode variar, mudar mesmo completamente, segundo o *meio* em que vivem». São ali as condições externas, suficientes para determinar ao mesmo tempo a variação e a evolução: e todas estas especies que a natureza ali apresenta proveem das «propriedades singulares» do proprio meio, de que são consequencia, como a cabra, á qual, considerando-a exclusiva do Gerez, me parece quadrar melhor a designação de *Capra*

(!) *Le Bouquetin du Gerez*, (*Capra lusitanica*), notes sur une espèce éteinte, por Carlos França, 1917.

*Juressica*, <sup>(1)</sup> como fornecendo um dos mais flagrantes e característicos exemplos da variação das especies.

Não será pois, assim, antes a *Capra Juressica* uma variedade regional da *Capra pyrenaica*, com cujos habitos está de harmonia, segundo C. França? <sup>(2)</sup>

Nas suas *Reflexões metodo-botánicas*, narra Fr. Cristovam dos Reis estes factos muito curiosos: «Crião estes animaes Pedras Bazares que se lhes acham nos buchos assim como os ovos nos ovejros das galinhas, de maneira que principiando em uma grande, vão diminuindo até ao tamanho de pequenas azeitonas: umas são ovaes, outras redondas, chatas ou escabrosas; e quando estas pedras são já grandes (que se acham como ovos de franga) lhes causam dores tão activas que lhes fazem arrastar a barriga pelas penhas, dando saltos e gritos, até que morrem. Estes sucessos teem observado os que as esperam para matá-las, e ainda que ao principio ignoravão as causas d'aqueles efeitos, depois que lhas expliquei e prometi pagar as pedras, as aproveitaram. São estas de diversas cores: umas de escura verdeada, outras de escura cinzenta, e outras por fora pretas, por dentro cor de cinza; todas são formadas em laminas, e no interno teem um signal de mato ou de alimento, de que elas se nutrem. Não se acham com muita abundancia porque só as criam os animais mais antigos, assim cujos anos se conhecem pela grandeza das pontas e numero de nós que formam».

O termo *bazar*, segundo C. de Figueiredo, tem como equivalente *bezoar*, que ele define como concreção calcarea, que se forma nos intestinos e vias urinarias dos quadrupedes, e era considerada como antidoto. Os franceses designam «bezoards» ou *enterolitos* os calculos formados por um nucleo central rodeado de uma camada concentrica de saes calcareos e amoniacos magnesianos; *egagropilos*, quando os calculos são formados por pelos de animaes ou fibras lenhosas, por vezes egualmente incrustadas.

Facto curioso: a narração que «o monge farmaceutico»

(1) *Juressica*, de *Juressus*, forma latina de Gerez que, na pronuncia local, se diz *Jurez*. A forma *Juressus* foi já empregada por André de Rezende, na obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Evora, 1593. Devemos esta indicação ao sábio Professor, Doutor José Maria Rodrigues.

(2) Creio que é um dos mais frisantes exemplos em que as condições mesologicas, tão energicas, não podem deixar de dar origem a variações. Não haverá tambem nos montes Gredos condições mesologicas especiaes que determinassem aquelas variações e evolução na *Capra Victoriae*, Cabrera, 1911?

nos dá das pedras bazares, corresponde precisamente á descripção dos calculos *biliares*: «Os calculos são ovoides, ou cilindricos, por vezes em ponta de cigarro, do coledoco, calculos ramificados dos canaes intra-hepaticos... (1) O seu peso pode ser de 25 a 30 grs. a alguns miligramas. Sob o ponto de vista *físico*: «serrando-os pelo meio com a pequena serra do relójeiro, descobre-se muitas vezes um nucleo central, escuro, enegrecido, formado de pigmento biliar concreto, saes de cal, e excepcionalmente uma lombriga ou hidatide. Em volta do nucleo dispõem-se *estrias radiadas concentricas, cristalinas de natureza colesterinica*. Esta colesterina é pura ou misturada a pigmentos. Ela é coberta muitas vezes duma *casca escura ou esverdeada*, constituída por saes de cal. Os calculos mixtos teem no centro um nucleo de colesterina.

Os calculos tomam colorações variadas, os pigmentares de negro quasi puro, dando o aspecto de massas de grafite... Succede que «os calculos biliares são frequentes no cavallo, boi, *carneiro*, porco, cão e gato... especialmente nos bovideos—ruminantes em estabulação. As concreções biliares são habitualmente mais frequentes na vesicula, e tambem nas vias biliares», por vezes ramificadas em ramo de coral (molde dos condutos). Quando existe um só calculo é oval. De ordinario ha um grande numero, algumas vezes centenas, poliedricos, de colesterina e materia corante da bilis — bilirubinato de cal. Nos herbivoros alem da calculose intestinal, é muito vulgar a litiase das vias urinarias, de composição variavel, ordinariamente nos carnivoros, de acido urico, urato de amoniaco, sodio, cal, xantina, etc., e nos herbivoros de carbonatos de cal, magnesia, oxalato de cal, etc., e raras vezes de acido urico.

Ora, na preparação de laboratorio do fluoreto de silicio, faz-se passar este gas sob o mercurio, observando-se turvação devida a (Si O<sup>2</sup>) silica, a cada bolha que passa para a agua. «Se o tubo de vidro desembocasse directamente na agua, o seu orificio seria bem depressa obstruido *pelo acido silicico gelatinoso formado*, diz Hollmann. E quando correm expostas ao ar, diz o Dr. A. Santos, dão origem a lodos abundantes, amarelos, verdes, ou escuros, cujo estudo está por fazer; na tubagem deixam tambem tenues depositos untuosos, talvez da mesma natureza. Elas depositam tambem camadas espessas constituídas por algas e concreções, mineraes, umas brancas (silica, carbonatos, etc.) outras de côr violacea (fluorina e silica.)»

(1) Foie & Pancreas, Castaigne, 1923 (E. Sergent).

(2) «Nouveau dictionnaire vétérinaire, Fontaine e Huguier, 1921. «Traité de médecine des animaux domestiques» — Cadiot, Lesboires et Ries, 1925.

Esses depositos, tudo indica que devem ser formados pelo acido silicico gelatinoso; e a descripção tão perfeita dos calculos biliares atribuidos com tanta frequencia pelo «monge-farmacaceutico» ás cabras do Gerez, radica-me a impressão, que já ha muito tinha, de que esses calculos são elaborados ou pelo menos favorecidos pela propria agua, indo portanto os doentes ali formar os seus calculos, em vez de lá irem deixar as *pedreiras*, de que se gabava José d'Alpoim.

E' sabido que os *oxalatos*, *fluoretos*, etc., se tornam insolueis pela grande tendencia que possuem para roubar o calcio das soluções fisiologicas dos seus saes.

«Pela sua muita rijeza (o teixo) diziam os antigos servir bem para a construcção de vasos de guerra, como se experimentou na fortaleza do galeão portuguez *Santa Tereza* que acabou abrazado na batalha naval junto ás Dunas entre hespanhoes, a quem estavamos sujeitos e holandeses, e que *resistiu largamente* ás baterias dos holandeses. Por este motivo o seu comandante D. Lopo de Hozes escreveu ao rei Filipe IV encarecendo-lhe a *rijeza* das madeiras do nosso Minho, e que as *Montanhas do Gerez* deviam ter-se em *grande estimação*, pois produziam madeiramento *mais rijo* e precioso que Bampèche, Brazil, India, etc. (1)».

E' que o acido fluossilicico, e os fluossilicatos são *petreficantes* das madeiras, para o que se utilizam na sua conservacção, bem como na das tintas a oleo, como opacificante, etc., e o seu comportamento deve ser analogo para com o organismo.

«A Serra do Gerez deve merecer-nos especial atenção», diz o Dr. Lopo de Carvalho, Pae. Tendo alguns anos (1887 a 1900) feito estações nas termas do Gerez fez digressões apreciando-a não só como turiste, mas principalmente como medico. «Não conheço no paiz serra mais arborizada, mais abundante d'agua e mais pitoresca do que a Serra do Gerez», e refere-se á analyse das aguas potaveis do Dr. Santos — «muito puras». Mas conclue: «A penuria, porem, das observações meteorologicas que se nota aquí, e em todo o paiz, não permite mais do que esta indicacção».

«O Gerez, dissera antes Ricardo Jorge, pela elevação dos seus planaltos, pelo abrigo dos seus altos vales, pelo accidentado pitoresco e enfim pela sua excepcional vegetação, está destinado a ser um grande sanatorio de montanha do nosso paiz». O Dr. Martins Paredes (2) compara, a este respeito, o grau

(1) Cit. na *Serra do Gerez*, por Tude de Souza, donde reproduzimos, devidamente autorizados a fotograivura da capa.

(2) «3.º Congresso contra a tuberculose», Coimbra, 1904.

(3) «Sanatorios na Serra do Gerez, por A. C. Martins Paredes, 1907.

ozonometrico da Serra da Estrela, 5,5 com o do Gerez, 12,36! Tamanha riqueza, ali, é para nos pôr de sobreaviso... A que será devida? Responde-nos, sem querer Hollmann: «O fluor reage facilmente sobre os compostos hidrogenados. Assim, por exemplo, decompõe a água á temperatura ordinaria e dá *acido fluorídrico e oxigenio fortemente ozonizado (ate 14 % em volume). Liberta cloro* do cloreto de potassio, dando fluoreto de potassio e — *ainsi de suite.*»

Assim se explica a acção nefasta do proprio ambiente, mesmo em quem não bebe a agua!...

Como se vê, uma atmosfera carregada dos gases deletorios do fluor e seus derivados jamais poderia oferecer asilo aos pobres tuberculosos. Tuberculosos saem os que para lá vão não o sendo. E' do dominio da simples observação popular, que os proprios animais domesticos que para ali vão, emagrecem e definham: asim os bois «que ali parecem tuberculosos» levados dali para fóra tornam ao seu aspecto primitivo. Passaros apenas ali ha a perdiz, melros, pardais e não muitas outras — diz Tude de Sousa: com efeito no Gerez, não ha avesinhas!

Esta do sanatorio foi a unica coisa que o Diabo não conseguiu. Eu me explico: A padroeira das aguas é Santa Eufemia portuguesa, «uma das nove gêmeas» filhas de Caio Atilio, a qual, no tempo de Adriano, os barbaros trucidaram, arremecendo do alto da serra e que veiu a cair na Fraga da Santa «adiministrando-lhe uma concavidade correspondente ao seu penetrativo individuo» <sup>(1)</sup> dando origem á agua termal: ora salvo o devido respeito, suponho que quem ali caiu foi o diabo disfarçado, e não aquela virgem martir, e que, em verdade, tem sido, ainda ele quem tem desvirtuado (e quem sabe se continuará a consegui-lo ainda por algum tempo...) tudo o que diz respeito ao Gerez, certamente com as intenções que lhe são habituais...

Vê-se que a letra do suggestivo cantico foi tambem de inspiração diabolica, pois o tal letreiro esculpido na padieira do poço Forte, podia ser o que Dante refere no Inferno. *Aigri surgunt sani*, os doentes saem sãos, tambem significa «os sãos saem doentes, sendo assim que se deve traduzir.

A contrabalançar com a euforia, que quiçá seria ainda mais um sintoma a juntar aos referidos a esta acção deletéria, que leva os pacientes em risco de vida a considera-la «efeitos purgativos magnificos» e «diarreja admiravel,» vê-se que a *lenda dos terrores* é que tinha razão de ser, e que era verdadeiro o

(1) L. cit., por Tude de Souza.

facto attribuido á agua do Gerez de fazer aparecer as doenças do figado, que «encolhem», como o resto, e até a propria vida.

O Gerez não é legitimo, porque não é uma fonte de vida: não é, nem nunca foi um tonico de coisa nenhuma, é uma fonte de miseria e de desgraças, porque é uma fonte de morte, e porque indo ali anualmente muitos milhares de portugueses buscar a vida, trazem de lá a doença e ás vezes não podem lá voltar: não deve pois considerar-se uma origem de riqueza: muito mais valem essas centenas de vidas que ela extingue e abala anualmente, e ainda á luz da economia politica e social — mesmo com a desvalorisação da moeda.

Resta o turismo.

«O Gerez, diz Tude de Sousa, é seguramente uma das regiões de mais pitoresco de Portugal, retalho do Minho, onde o imprevisito se succede a cada momento, dando-nos ora o bucolismo pacato de verdes e dilatados chãos e planaltos, onde os gados pastam, e a frescura de frondosos e velhos arvoredos e tenues regatos, ora a vista selvagem de altos despenhadeiros e elevadas grimpas, de onde formosissimas cascatas se precipitam na ancia de um suicidio louco e onde não se sabe que mais admirar, se a imponencia do horizonte e das vistas que se disfrutam, se a extranha contextura e orografia da Serra... paisagem alpestre... Lamentavel é que, havendo no paiz um trecho de montanhas tão digno de percorrer-se e de se admirar, tanta gente vá lá fóra procurar impressões, encher-se de extranhas paisagens, surpreender-se em comoções novas, quando aqui á mão se encontram riquezas desconhecidas da mesma natureza».

Foi lá, no alto da Borrageira, a 1433<sup>m</sup> de altitude, que o Dr. Manuel d'Arriaga compoz, em 1892, para o seu livro — *Irradiações* :

Se quem perscuta a vida, a historia, o espaço,  
Presente que o universo está sujeito

A Deus Supremo ser :

Ah! Deus então serviu-se do teu braço  
Por dar o mundo aos povos; ao teu peito  
Baixou o seu poder!...

.....  
Outros que venham a estas cumiadas,  
Pedir, como eu, alento; eles que tomem

Por via que conduz,

Do mundo dentre mil encruzilhadas,  
A' grande lei, que o espirito do homem  
E' livre como a luz!



## Post-fácio

Devia ficar por aqui, pois não era preciso mais nada. Mas não nos esqueçamos de que estamos numa terra, que um dos mais ilustres frequentadores do Gerez, Ramalho Ortigão, em homenagem ao qual lá ficou uma singela lapide, virada ao sul, com um dos mais belos fundos de paisagem que é dado apreciar, definiu algures: *cinco milhões de egoismos vivendo em comum e detestando-se mutuamente*. — Hoje já são mais...

Olhemos um pouco para traz, para o passado: quando ha tres anos fui para o Gerez indicado por um ilustre Colega a quem nunca poderei esquecer o favor que fiquei devendo, disse-lhe que talvez fosse melhor para lá mandarem outro: após troca de correspondencia, quando cheguei ao Gerez o director clinico disse-me que eu tinha ficado, porque a Empresa e ele proporiam «fosse quem fosse que aquele ilustre clinico lhes indicasse», ao que eu retorqui imediatamente, agradecendo esta declaração, porque ela me collocava á vontade, dando-me a independencia a que sempre estive habituado, e a liberdade de consciencia tão indispensavel ao exercicio de todas as profissões *liberaes*.

Quando em cerca de 20 de setembro passado saí do Gerez, vendo as obras em que a Empresa estava gastando centenas de milhares de escudos, mesmo para evitar que se malbaratasse mais dinheiro, procurei, como era meu dever, o Gerente a quem *comuniquei que chegára á conclusão de que a agua do Gerez era toxica*, o que muitos doentes já tinham deduzido dos meus conselhos (1).

Em Entre-os-Rios, para onde d'ali segui, tambem o dei *entender claramente* ao meu ilustre colega Dr. A. Sousa Baptista e ao meu particular amigo sr. A. Candido Ramos.

Mais tarde, procurou-me o Director clinico dizendo-me que lhe constara por um outro dos Administradores que eu o difamára, o que desmenti por escripto e nos termos em que me era solicitado.

A seguir, tendo-me constado não sei com que fundamento, que um dos antigos accionistas tencionava rehavér a concessão por muitas centenas de contos, escrevi ao antigo gerente, Sr. Cristiano de Magalhães, pedindo-

---

(1) Como Madame Clarisse Fuschini Serra, etc.

lhe que me informasse do que se passava ou se o *statu quo* se modificasse: não era humano deixar negociar uma industria «faiida», e muito menos deixa-la trespassar aos antigos concessionarios das termas, pessôas a quem eu só devia deferencias: respondeu-me pensando que eu ainda queria o meu logar e que se tratava disso, e disse-me que *sim*, que nós continuaríamos.

Tive, pois, que ir ao Porto, onde preveni o sr. Honorio de Lima, de que chegára á conclusão de que a agua do Gerez era toxica, o que tambem repeti ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Cristiano de Magalhães, cunhado dós Drs. Santos, e que, a conselho meu, já nesse ano não tomara a agua.

Não o disse a toda a gente, porque ainda não chegara a sua altura. Mas regressando a Lisboa, apesar de em tempos ter recebido uma carta do então gerente, comunicando-me que para garantir os direitos da Empresa (liberdade de escolha dos seus medicos) tinham resolvido dar-lhes a demissão, mas que me propria um contrato, e tendo aquella demissão sido proposta em meados de outubro sem que tivesse sido referendada até essa altura, e não querendo aguardar essa resolução, não fosse caso que se podesse pensar que eu invocava a meu favor as tres epochas de serviço, (a lei diz três anos) que me permitiriam ser inamovível, *requeri eu proprio a minha demissão no Conselho de Minas* (estes logares pela ligislação actual são de nomeação referendada pelo Governo): e para excluir a hipotese que possoas mal intencionadas podiam admitir de eu fazer *chantage* (com um contrato que assim desacreditava?!...) como as aguas são propriedade do Estado, tratei tambem de procurar S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Comercio, *comunicando-lhe as minhas conclusões e lendo-lhe parte do meu relatorio.*

Entretanto, recebi um cartão do Director clinico, que tomo a liberdade de aqui reproduzir, omitindo apenas o local da *entrevista*, que seria «com o novo Gerente», — á qual eu não podia comparecer, e por isso nem sequer fui á Estação.

La eu no lado oriental do Rocio, perto da Rua Augusta, chamou-me então este meu colega, para me dizer que tinha feito um contracto com a antiga Empresa, em que prescindia dos direitos que a lei lhe conferia e que agora precisavamos «*combinar...*» — ao que eu retorqui, interrompendo-o, que já havia muitos meses que pedira a minha demissão, como mandara dizer a um representante da penultima e a outro da ultima Gerencia. Disse-me que pensasse eu nisso e que se resolvesse continuar, que escrevesse para o Porto, pois o actual Gerente estaria bem disposto a tal respeito.

Respondi-lhe que na vida não ha só interesses, o que, pela parte que me diz respeito, hoje venho provar.

Este trabalho tencionava eu apresentar nos primeiras dias de maio aos *Dias medicos portugueses*, mas a sua impressão só agora se poude ultimar.

Indo convidar S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Comercio, como representante do Estado, a assistir á minha conferencia que vou realizar na Sociedade de Geografia, encontrei no Gabinete ministerial um vogal do Conselho de Minas, que me disse diante do Ex.<sup>mo</sup> Chefe do Gabinete: — *Então porque não*



parvos... E embora a estes tambem possa acontecer este percalço, enquanto hoje a terapeutica já possui casos de cura das vesanias, com a piroterapia e vacinas intestinaes, infelizmente os para a parvoice, não ha tratamento...

Vê-se que as deducções que ali estabelece a meu respeito, são como as que aduz a seu favor, apesar dos atestados da Empresa, exactamente da mesma que lhos passou, e que depois o obrigou a fazer um contrato, prescindindo dos seus direitos, que lne tinha certificado...

Eu trazia do Gerez, todos os anos, dezenas de milhares de escudos, que me fazem falta, e para tomar esta attitude, é com efeito necessario que eu seja «muito» doido ou muito consciencioso... o que não é para admirar que se confunda; num paiz e numa epoca em que no entender dos habeis ser-se consciencioso, é ser-se louco!

Em resposta aos argumentos e factos concretos que aqui exponho, prevejo as costumadas calunias e insidiasinhas pessoaes, que podem desde já contar com o meu desprezo.

Isto tudo é consequencia do que a lei, irreflectidamente, estabelece: *tem que ser anulado esse artigo que transforma os medicos em agentes das Empresas, como que subornando-os com as suas elevadas percentagens: urge reformar esse preceito e quanto antes, para evitar graves consequencias com manifesto prejuizo da saude publica, fazendo-se como lá fóra, onde o aquista consulta o medico que quer, e não o que a Empreza lhe impõe, para ele por sua vez a impôr a ela...* E' pois preciso que os medicos hydrologistas deixem de ser serventuarios das Empresas, para passarem a ser medicos *dos doentes*, que afinal é quem lhes paga...

Antes de terminar, não quero deixar de lamentar, muito sinceramente que para cumprir o meu dever de cidadão e de medico, tenha de ferir legitimos interesses locaes e prejudicar — *mas não na sua saude nem na dos seus, antes pelo contrario*, pessoas a quem só devo finezas.

Terminando, quero fazer *a todos* a justiça de reconhecer que, no meu lugar, tambem não hesitariam no cumprimento dum tal dever a que não se pode faltar: o resto não tem importancia: tudo tem o seu destino!

# INDICE

	Pag.
I — Umás termas ha seculos maravilhosas .....	5
A historia e a bibliografia do Gerez — A analise da agua — Posologia — Suas numerosissimas indicações.	
II — «Vox populi».....	17
Atestados de medicos e profanos — Os medicos do Gerez — A frequencia crescente — O passado e o presente.	
III — O contraste da observação.....	23
A «lenda» dos terrores — O que nos diz a obervação clinica em tres epocas e cerca de 3000 doentes — O quadro de morte — Interpretando as observações clinicas publicadas — A fatalidade que as envolve.	
IV — A simptomatologia gereziana.....	65
Contradições dos gerezistas eminentes — Arbitrariedade das indicações — Dão-se a entender contra-indicações mais numerosas do que as mencionadas — O verdadeiro comportamento da agua do Gerez — A intoxicação gereziana — Seus sintomas nos diversos aparelhos — Analogia com a intoxicação pelo fosforo — A congestão e a esclerose. <i>Primum non nocere.</i>	
V — A acção da agua do Gerez.....	75
O tonico do figado? — Como actuaria e porquê — Contraste das analises conhecidas — Sua interpretação — Nefasta electividade sobre o figado e o rim — As crises Gerezianas — A agua e os calculos — Colaboram na sua elaboraçào? — Os efeitos da agua são inversamente proporcionaes á resistencia do organismo — As pertinacias do erro — A verdadeira acção da agua termal — A radio-actividade — Contradições das suas determinações — O torio X — Analogia dos seus efeitos com parte dos da agua — Os experimentos fisiologicos — O fluor abandonado pela terapeutica — Desvendando o misterio da Agua do Gerez — A combinaçào em que o fluor ali deve existir — A agua termal e potavel — O fluor e os seus derivados — A reacção das aguas — Lacunas — O fluor desmineralizador e descalcificante — A explicaçào dos «misterios» da serra do Gerez — As numerosas especies ani-	

maes e vegetaes — A cabra do Gerez — Os seus calculos seriam biliares? — A rijeza das madeiras do Gerez — O Gerez e a acção dos productos quimicos considerados sob a alçada das leis das industrias insalubres — Os superfosfatos — O fluoreto de silicio, o acido fluosilicico, os fluosilicatos e o acido silicico gelatinoso — Os sanatorios do Gerez — O grau ozonometrico do Gerez — Fluor, cloro etc. *Aegri surgunt sani*: — Os saos saem doentes — Resta o turismo.

Post-fácio ..... 111

Pedido de demissão que custa a ser satisfeito — Maneira comoda de resolver a questão... — Um convite — E' preciso modificar a lei — O cumprimento dum doloroso dever.

**Corrigenda** — Alem de outras erratas menos importantes, a pag. 89, linha 25, em vez de «de quem», leia-se «a quem», etc.



\*1329686880\*

CENTRO CIÊNCIAS VMA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

